

# PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 9, Dezembro, 2004



## O natal antigo



P  
(05)-RN

DEZ - 2004 - Nº 9

**Carnaúba dos Dantas**

Uma terra de grandes músicos

**Portalegre**

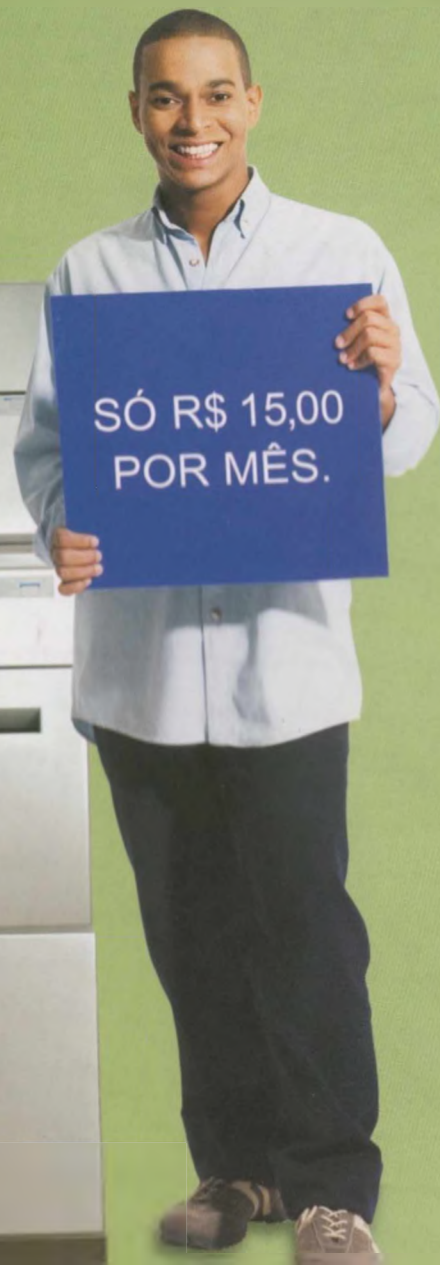
Jardim dos cajus e borboletas

**Entrevista**

Pesquisador e escritor Cláudio Galvão

# Dinheiro na mão é vendaval.

## Chegou o Ourocap Pop.



Com o Ourocap Pop você guarda um pouquinho e concorre a mais de 1.500 prêmios todo mês. Faça já o seu em qualquer Terminal de Auto-Atendimento Banco do Brasil, pelo 0800 729 0800, pelo Portal [bb.com.br](http://bb.com.br) ou nas Agências BB.

**Ourocap. A melhor maneira de guardar e ganhar.**

Um produto da Brasilcap Capitalização S.A. comercializado pela BB Corretora de Seguros e Administradora de Bens S.A.

O tempo todo com você



Arquivado em 24/30/08



O artista plástico Vatenor de Oliveira fala sobre os seus fecundos 30 anos de carreira

Ensaio fotográfico de Hugo Macedo revela as belezas do sertão e mar potiguar



O ator Beto Vieira afirma que é possível viver da arte no Rio Grande do Norte

Filme de Buca Dantas resgata a trajetória singular do rabequeiro Fabião das Queimadas



Escritor discorre sobre sua passagem pela universidade, a paixão pela música e os livros que escreveu

Expediente/Cartas	4
A palavra da casa	6
Cajus marcam vida e obra de Vatenor	7
Júlio Ramezoni - Um escritor em comunhão com Deus e a natureza	10
Dependência e química	13
Ensaio fotográfico - Sertão e Mar	14
O natal antigo	23
Tributo à mestra Chicuta, intelectual de mérito	26
Olavo de Medeiros Filho, o pesquisador por excelência	30
Meu convívio com Emmanoel	32
Pequena biografia sonora	36
Cultura popular e desenvolvimento sustentável	38
Beto Vieira - A arte de viver da arte	40
13 por 1	43
Fabião das Queimadas - A liberdade nas cordas da rabeça	44
Jacirema Tahim e o hermetismo literário	46
Santíssima	48
Um conto de natal	50
Conto de natal	52
Os homens na calçada	53
Livros/Lançamentos	54
Poesia Potiguar	55
Carnaúba dos Dantas - Terra do Monte do Galo e de grandes músicos	59
Entrevista: Cláudio Galvão	69
Portalegre - Jardim dos cajus e borboletas	79
PS	90

## FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120  
Fone/fax: (84) 232.5327/232.5304

## Governadora

Wilma Maria de Faria

## Presidente

François Silvestre de Alencar

## Diretor

José Antônio Pinheiro da Câmara Filho

## PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE

ISSN 1679-4176

ANO II N.º 9

DEZEMBRO/2004

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PERIODICIDADE  
TRIMESTRAL

## EDITOR

TÁCITO COSTA  
tacitocosta@estadao.com.br

## EDITOR ASSISTENTE

GUSTAVO PORPINO DE ARAÚJO  
gporpino@hotmail.com

## ESTAGIÁRIO

DAVID CLEMENTE

## PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

LUCIO MASAACKI  
infiniteimagem@bol.com.br

ASSISTENTE DE DIAGRAMAÇÃO  
VIRGINIA HELENA LINS MAIA

## REVISOR

JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

## CAPA

ARTE DE DORIAN GRAY CALDAS



## CARTAS

## Sr. editor

Parabéns pela Preá 8. Destaque para as matérias sobre Roberto Furtado, Dorian Gray e "Flores do Baobá". Excelente a entrevista com Wilma de Faria. Esta entrevista, juntamente com as de Onofre Lopes e Crispiniano Neto são as três melhores da Preá. Até agora.

*Anália Avelino*

Ex-professora e poetisa (São Paulo-SP)

## Sr. editor

Tive o privilégio de conhecer esta maravilhosa revista, através de minha filha, advogada e professora da FARN. A cada página, fui me deleitando com os excelentes artigos e entrevistas. Quero parabenizar a equipe da revista por divulgar a cultura do nosso Estado.

*Joana D'arc de Farias Teixeira*

Teóloga (Natal-RN)

## Sr. editor

Conheci recentemente a revista Preá através do poeta e professor da UERN Leontino Filho. Fiquei encantada quando li algumas páginas e mui grata em estar recebendo, em minha casa, um belo acervo de informações tão importantes e que nos faz resgatar a história do nosso Estado. Parabenizo a Preá por ser um excelente meio de divulgação cultural de nossas raízes e, principalmente, por expandi-la através de matérias que nos fascinam.

*Janaina Silva Alves*

Estudante de Letras-UERN (Pau dos Ferros-RN)

## Sr. editor

A revista Preá traz artigos, material literário e imagens de inestimável valia à conservação e à difusão da cultura potiguar. Graças a um amigo, temos recebido nas plagas amazônicas exemplares dessa publicação e com eles atenuado as saudades do RN.

*Andrei de O. S. Silva*

Analista de Sistemas (Manaus-AM)

## Sr. editor

Acuso o recebimento da Preá 8. Achei lindo o ensaio fotográfico – "As flores do baobá". Leitora de "O Pequeno Príncipe", desconhecia as belas flores que o baobá produz. A Poesia Potiguar, com "Os Temas Roubados", da Anchella Monte são lindos! As reportagens sobre Acari e Marcelino Vieira foram dez! A entrevista com a governadora do RN também foi muito interessante, mesmo para uma forasteira como eu.

*Thelma Regina*

(Recife-PE)

## Sr. editor

Recebi a Preá 8 e adorei a entrevista com a governadora Wilma de Farias. Foi a oportunidade de conhecer a mulher guerreira. Ela representa as conquistas da mulher no RN e no Brasil. Fico muito orgulhosa, como mulher e cidadã, de tê-la como representante do povo norte-riograndense.

*Rosely Louzada*

Estudante de Administração de Empresas (Natal-RN)



## Sr. editor

Já pela capa da Preá 8, "Natal pelas lentes de Jaeci", pude antever que leria ótima matéria, bem como pareceu-me oportuna a entrevista com a governadora Wilma de Faria. Também oportuna foi "A palavra da casa", de François Silvestre, dando conta de várias conquistas do Estado em relação à cultura, principalmente, a aquisição e/ou doação de prédios para instalações das Casas de Cultura.

*Rosalina Rodrigues de Vincenzi*

Poeta, cronista, ensaísta (Rio de Janeiro)

## Sr. editor

Parabéns! A equipe da Preá está produzindo uma revista de alto nível de informações para abastecer a cultura nacional. Tive acesso a um exemplar, mas gostaria de receber outros, de números diferentes, e assim poder divulgar aqui no CESA - Centro de Ensino Superior de Arcoverde - PE.

*Carlos Alberto de Assis Cavalcanti*

Professor (Arcoverde-PE)

## Sr. editor

Venho por meio desta parabenizar-lhe pela belíssima Preá. Creio que o único adjetivo aplicável a mesma seja: precioso. Uma revista voltada para a difusão cultural, nordestina e potiguar, com a mesma qualidade de publicações semelhantes, tais como Bravo, Possível, Cult, e ainda por cima, gratuita, isso não é só uma revista, é um ato heróico.

*Aristobulo Lima*

Currais Novos-RN

## Sr. editor

Estou com a Preá 7 em mãos e... o que dizer? Primorosa em todos os aspectos. Partindo-se da afirmação: nada mais universal do que o regional, esta revista, valorizando e divulgando o "regional", de forma tão brilhante, nada mais faz que exaltar a universalidade – entendida como constituída por contribuições particulares. A Preá nos revela, com excelência e de forma acessível, a nossa cultura, a nossa identidade.

*Diego Souza de Paiva*

Estudante (Natal/RN)

## Sr. editor

Tenho recebido e lido com satisfação a revista Preá. É uma excelente publicação, feita com esmero e critério. Sem dúvida, é a melhor revista do gênero, pelo menos entre as muitas que conheço.

*Enéas Athanázio*

Camboriú-SC

## Sr. editor

Estou voltando a Natal, vinda de um grande centro onde a cultura é celebrada de muitas maneiras: São Paulo. Ter tido aqui acesso ao nº 7 da Revista Preá foi motivo de prazer pelas temáticas, pelo estilo, pelas imagens. É um orgulho constatar que esta revista poderia estar sem favor naquele que é o maior mercado editorial do país. Parabéns!

*Josimey Costa*

Professora e escritora (Natal-RN)

## Sr. editor

Encontrei o site da Preá em uma pesquisa sobre revistas culturais e fiquei entusiasmada com a qualidade visual da página e a proposta da revista. Enalteço ainda a iniciativa de deixar disponível os exemplares em arquivo PDF, li e analisei vários, com certeza serão utilizados nas minhas aulas.

*Márcia Tavares*

Professora de Teoria Literária/UFRN (Currais Novos-RN)

## Sr. editor

Gostaria de agradecer à François Silvestre que preside a FJA de forma magistral e à Gustavo Porpino por me proporcionar esta revista riquíssima. Acho que vocês já se cansaram de ouvir esta palavra, mas como eu ainda não disse, aí vai: Parabéns! Que deus sempre os abençõe.

*Marleno Souza*

## Sr. editor

Parabéns pelo nº 7. Sou Artista Plástico e foi com grande satisfação que ganhei a revista Preá de uma amiga do teatro, exemplar esse de grande qualidade! Parabéns Marcelus Bob, "GÊNIO"! O Universo de "Bob" é fenomenal, traço, cor, luz e paixão pela arte. Parabéns Moura Neto, Anchieta Xavier e a todos que fazem a Preá.

*Carlos Sérgio Borges*

Artista Plástico (Natal-RN)

F U N D A Ç Ã O

# JOSE AUGUSTO

## A palavra da casa

François Silvestre

Chico Preá, poeta de Viçosa, pediu-me uma orientação para organizar uma festa literária. Disse-lhe que não era profissional. Mesmo assim ele não declinou dos meus préstimos.

E aí vão algumas sugestões, que ele aceite ou não. Chico é meio turrão; ora metido a sábio, ora caído em si. E quando cai honestamente em si, percebe que não é sábio, nem sabido.

Disse a ele que a primeira providência é convidar o substantivo. Sem esse convidado não tem festa literária. Depois, convide o verbo. Esqueça o convite do adjetivo debaixo de algum livro. Não precisa convidar preposição nem conjunção, que elas são convidadas de nascença. Em toda festa elas estão. Os pronomes, convide-os. Poucos retos, alguns indefinidos. Os advérbios são as circunstâncias da festa, intronetidos, mas necessários. O humor, bem ou mal, fica por conta deles.

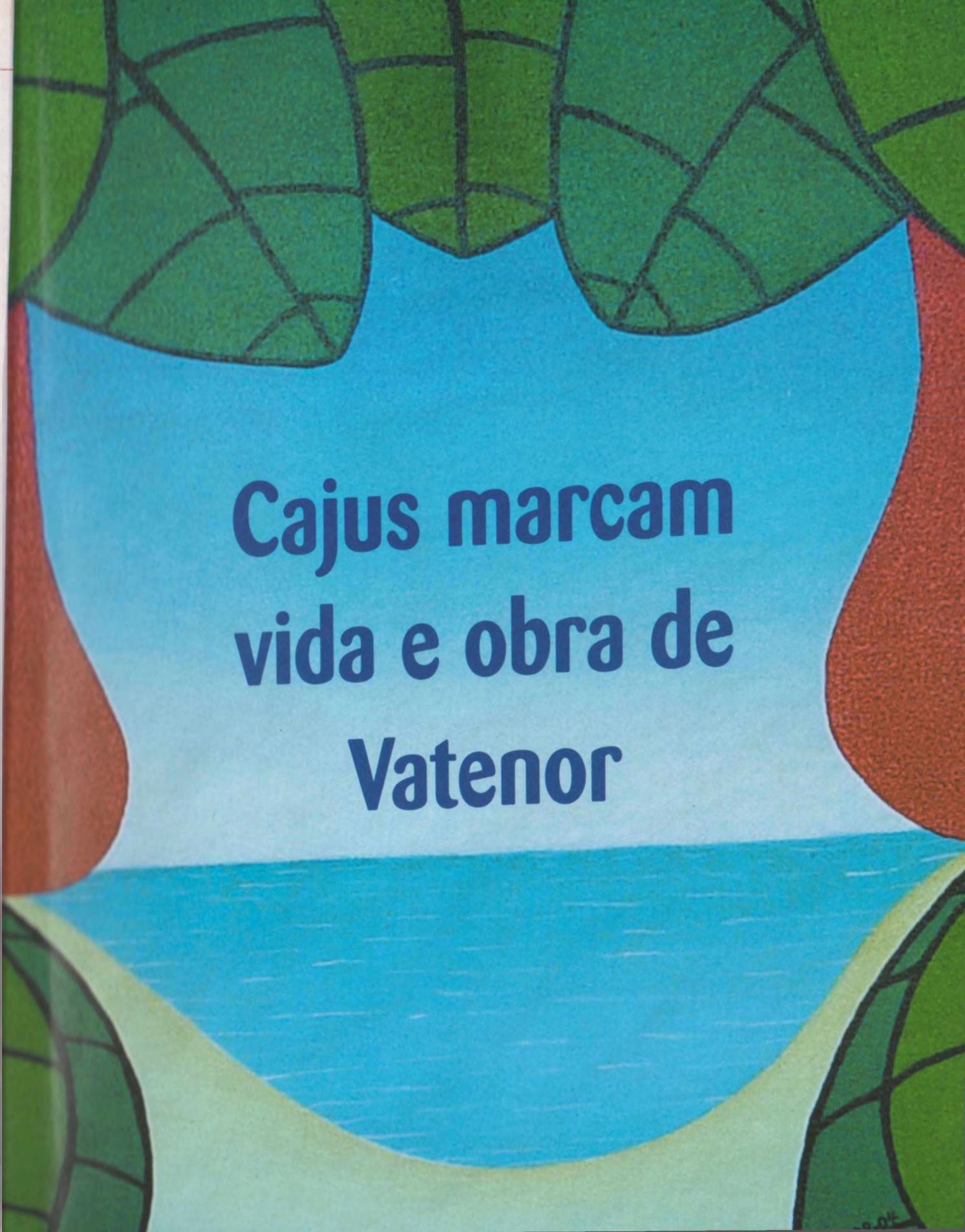
Ferro, brasa, gozo. Três convidados substantivos. Deixe-os na sala da frente. Forte, quente, breve. Três bicões adjetivos. Deixe-os na soleira da porta dos fundos. Ninguém precisa saber que o ferro é forte, que a brasa é quente ou que o gozo é breve. Informação desnecessária. Enche o texto e o saco.

Mas toda festa precisa de tempero. É a frase. Ela é o condimento da diversão. Ou da reflexão. Não se encontra em supermercado. Só nas casas do ramo. Aí cabe um adjetivo. Nas boas casas. Quer um endereço? Vá à loja de Guimarães. Esse mesmo, o Rosa. Ou à de Graciliano. Esse mesmo, o Ramos. Ao botequim de Bandeira. Ao armário substantivo de Cabral. Não o Pedro, mas o João de Melo Neto. Com tanto sobrenome, reduziu-se ao nome. Concretude rude. Pra que danado esse adjetivo? Pra sacanear o João.

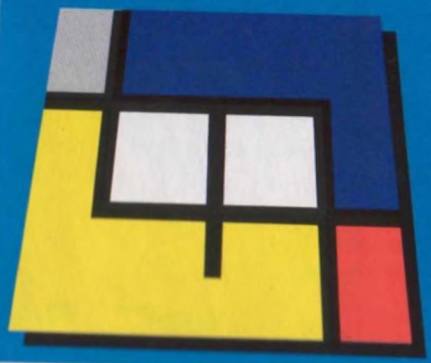
O violero adjetiva. Compreensível. A pressa não comporta apenas substantivo e verbo. O político adjetiva. Compreensível. A mentira precisa de enfeite. O intelectual adjetiva. Compreensível. O rebuscamento do palavrório precisa do vazio.

Não sei se ajudei. Chico Preá me pareceu descrente. Não me ofereci. "Pela fraqueza do meu dedo e pela força do meu ódio acho que fui o primeiro que cri". Tempero de que loja?

Tá a quinta Preá do ano. Espero que não seja a última. Feliz ano que vem para a cultura do nosso povo. Com a Preá bimestral. ☺



# Cajus marcam vida e obra de Vatenor

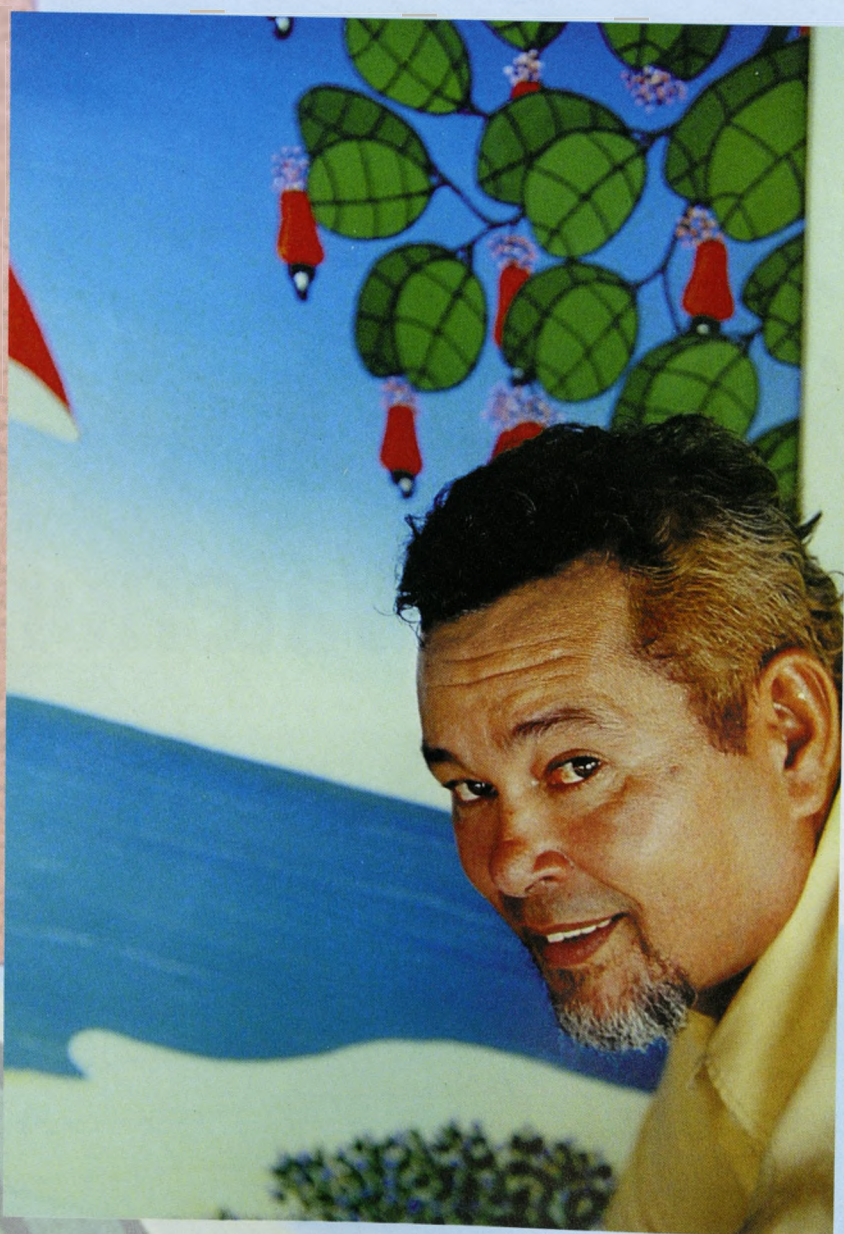


## Por David Clemente

Fotos: acervo do entrevistado

Cada criança apostava cinco castanhas-de-caju, que ficavam juntas formando um montinho. Depois era mirar e atirar com outra castanha para derrubar as que estavam juntas. Quem tivesse melhor pontaria e derrubasse mais castanhas ganharia o jogo e ficaria com as castanhas como recompensa. Essa era uma das brincadeiras que Vatenor de Oliveira Silva mais gostava quando era criança. Mas ele também gostava de jogar bozó apostando castanhas e de brincar de tica-tica em cima de cajueiros...

O menino cresceu degustando os cajus de Igapó e, como se fosse nódoa, a fruta o acompanha até hoje. Observando seus quadros, produzidos ao longo de exatos 30 anos de carreira, é impossível não perceber que há a presença da fruta em todas as obras. Nas que foram produzidas no começo da carreira do artista, os cajus aparecem pequeninos e pouco definidos. Com o passar dos anos, amadureceram autor e obra. O resultado disso é que os frutos do cajueiro ganham um inacreditável destaque entre as dunas, sol, céu e mar e Vatenor passou a ser o artista plástico da cidade do Natal conhecido como "O pintor dos cajus e cajueiros".



Apesar de ter começado a pintar somente aos 21 anos de idade, influenciado pelo estilo do pintor holandês Vincent Van Gogh, Vatenor diz que sempre soube que seria artista. "Acreditei que seria artista e guardei. Só não sabia se seria cantor, ator, músico...". Em 1974, quando deixou de ser fuzileiro naval no Rio de Janeiro, ele fez seu primeiro quadro. "Comecei a pintar na doida e só depois foi que descobri, artisticamente falando, que era autodidata", conta.

Sempre com os pincéis à mão, além do Rio de Janeiro ele também morou em Nova Iorque entre os anos de 1986 e 1988, onde participou de exposições coletivas e individuais, depois rumou à cidade de Paris para expor na Galeria Debret e em 1996 tornou a ser morador da cidade do Natal. Porém, bem mais estruturado financeiramente. Ao todo foram 24 exposições individuais. Quando voltou à cidade de origem, Vatenor já havia montado uma fábrica de molduras no Rio, a Vatenor Artes e Decoração Ltda, onde boa parte do seu corpo funcional é formada por parentes.

A decisão de retornar à "Cidade do Sol" foi a realização de um sonho. Ele percebia a indiscutível capacidade turística de Natal e a abertura que seus quadros teriam no mercado. E estava certo. "Eu achava que Natal não tinha política para dar suporte ao artista. Queria criar esse suporte. Natal era o lugar certo para a explosão do turismo.

Minha obra é a cara de Natal". Em Natal, e justamente por produzir obras com tantas características da terra, ele já vendeu quadros para diversas partes do mundo. Vatenor explica que os turistas desejam levar algo que represente Natal e alguns são precisos e determinados na escolha. "Um casal alemão trouxe uma fotografia da sala onde ficaria o quadro para poder comprar", diz.

## A regalia de fazer o que gosta

Aos 51 anos de idade, casado há 16 com Ducineide Alves, 30 anos de carreira, genitor apenas dos seus quadros, Vatenor diz sentir-se privilegiado sob todos os aspectos, pois está onde nasceu e ama, trabalha com o que escolheu cautelosamente para si, celebra sua terra tentando immortalizá-la através da sua arte. Além disso tudo, ele ainda tem catalogados elogios do escritor, jornalista e crítico de arte Walmir Ayala, do poeta João Cabral de Melo Neto, do Presidente de Honra da Associação Brasileira de Críticos de Arte do Rio de Janeiro, Geraldo Edson de Andrade e ocupa o cargo de chefe do Departamento de Atividades Culturais da Capitania das Artes em Natal.

A posição que ocupa na Capitania o leva a concluir que fez a coisa certa, ao

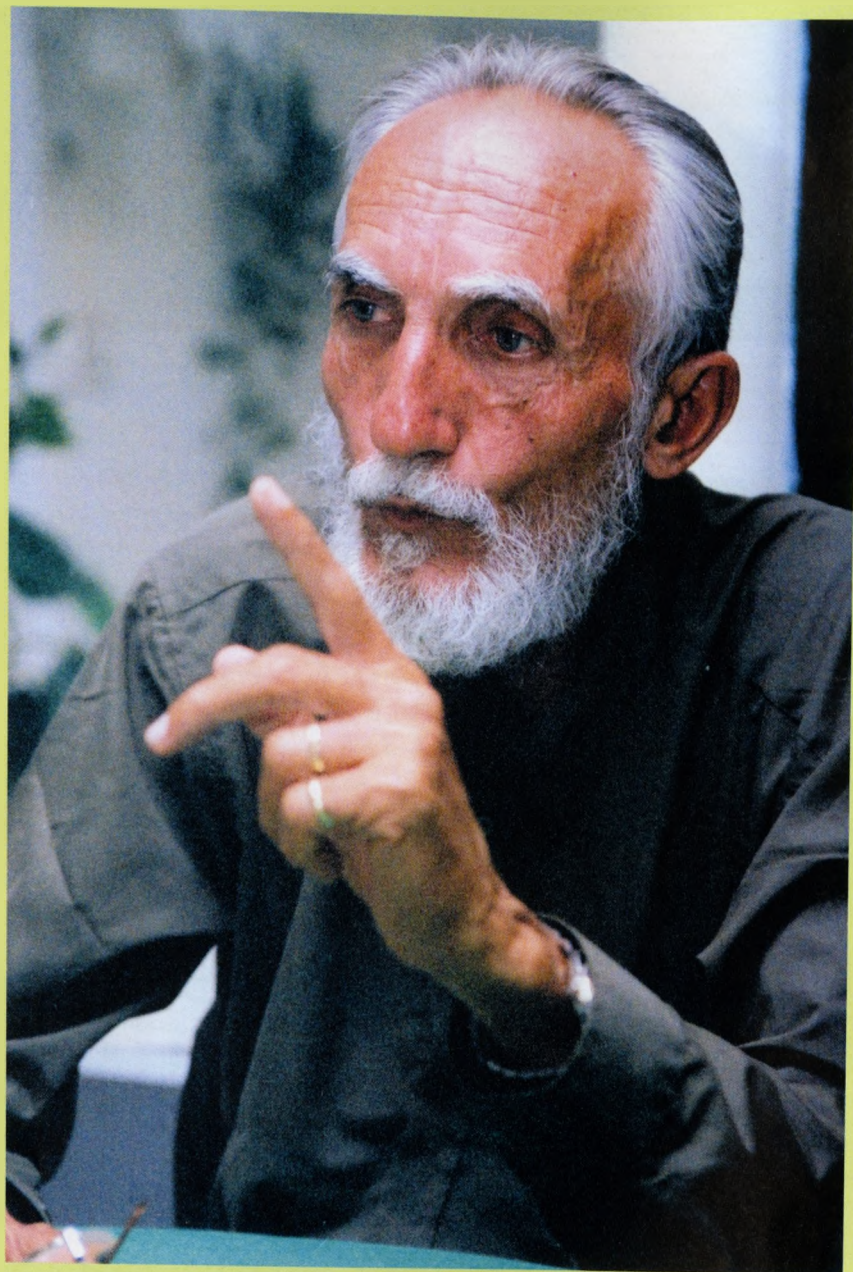
retornar para morar em Natal. E quando perguntado sobre como se sentia nessa posição, ele é enfático: "É maravilhoso porque sempre quis contribuir para dar força aos artistas". E especifica dois, dos mais de 30 eventos realizados por ano na Capitania, o Salão de Artes Plásticas da Cidade do Natal (oito edições) e o Salão Jovem de Artes Plásticas da Cidade do Natal (quatro edições).

Vatenor pode dizer que vive da arte, incluídas aí as rendas que recebe da Capitania das Artes, da Vatenor Artes e Decoração Ltda. e da venda dos seus trabalhos. Mas ele afirma que para viver exclusivamente como artista é necessário cumprir três décadas de carreira. "Se conseguir ter 60 anos com 30 de pintura, consegue viver porque tem sua arte valorizada. De outra forma, se pode produzir quadros meramente comerciais. Nesse caso o artista não pinta, fabrica".

O pintor dos cajus diz ter um excelente reconhecimento no país e fora dele, até superior ao que ele esperava. No Estado diz que é bem aceito, mas recebe críticas também. As poucas que são feitas, ele procura ouvir e tentar entender para analisar o trabalho. Segundo Vatenor, os concorrentes lançam opiniões pejorativas sobre a forma como ele expressa a cultura local. "Eles acham que é mais importante pintar coisas complexas. Enquanto criador, tenho que pensar na minha arte e agradecer a quem me admira", defende-se. ■

# Júlio Ramezoni

Um escritor em comunhão com Deus e a natureza



**Por David Clemente**  
Fotos: Uliana Fechine

Se a experiência realmente pode ser medida pela cor do cabelo e da barba e pelas rugas que o tempo vai impondo, como ensina a sabedoria popular, o advogado e escritor Júlio Hernesto Ramezoni de Faria faz jus à branca cor da sua barba e dos seus cabelos. O corpo magro – 1,85 metro de altura e 64

quilos de peso – ligado ao gesto bravo de empunhar a mão com duas alianças quando fala, lembra um profeta ou um mago, mas Ramezoni não se utiliza de magia para tocar sua vida.

Logo no começo da entrevista, ele adverte: “Não gostaria de falar da minha vida pessoal. Prefiro contribuir com a humanidade com tudo que estudei e aprendi”. De fato, do alto dos seus 61 anos de idade, ele tem saúde, disposição, sapiência e práticas diárias invejáveis.

Brinca com sua idade dizendo que, de acordo com os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), só possui mais quatro anos de vida. Mas se depender dos seus hábitos, ele não deve obedecer a essa expectativa.

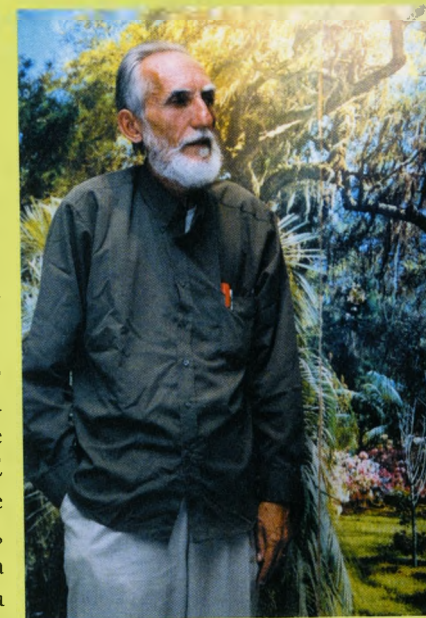
Para as duas sessões de entrevista, ele escolheu lugares no Centro da cidade do Natal, bairro que costuma visitar constantemente desde quando nasceu, em 1943, e onde reside atualmente. A primeira parte da conversa se deu no restaurante A Macrobiótica, na rua Princesa Isabel. A segunda parte, na ventilada fachada do Banco do Brasil, na Avenida Rio Branco.

O nome Ramezoni foi adotado quando ele estudava ciências exóticas. Era apenas seu pseudônimo, até que ele resolveu registrar como nome próprio. E orgulha-se de apresentar sua carteira de identidade. Diz que enquanto estudava, ia anotando os nomes que achava interessantes, mas nenhum deles tinha a melodia que procurava. Até que em um repente veio a palavra “Ramezoni” em sua mente. A explicação chegou logo em seguida, mas ele pede licença para não explicar.

Desde então, Ramezoni passou a ser o nome que ele mais utiliza. Mas quem atentar para o sobrenome, “Faria”, perceberá sua origem. Ramezoni é descendente das famílias Faria e Mariz, ambas conhecidas dos eleitores do Estado. É primo em terceiro grau da atual governadora do Estado, Wilma de Faria. O ex-governador Juvenal Lamartine de Faria é seu tio-avô. Como parentes mais próximos, entraram na política o seu pai, Juvenal Justiniano de Faria, que foi prefeito em Monte Alegre, e o seu sobrinho, o deputado estadual e presidente da Assembléia Legislativa Robinson Faria, entre outros.

Dos parentes políticos, o que Ramezoni herdou diretamente foi o sobrenome. O jeito de levar uma vida desprendida do lado financeiro acabou por afastá-lo de

uma possível carreira na administração pública. Algumas vezes ele sente falta por não ter dado tanta importância a esse aspecto. “Não é por mim. É pelas minhas filhas”, esclarece.



## A paixão pela natureza

Dentro da sua filosofia de vida, Ramezoni tem algumas paixões específicas. A natureza é uma delas. As outras são as crianças, leituras, escrita e conversas “com pessoas inteligentes e de alma delicada”, ressalta. Apesar de morar bem no centro nervoso de Natal, exatamente onde circulam apressadamente centenas de carros e pessoas, Ramezoni é apaixonado pela natureza. Para sair da agonia do bairro, ele escolheu a calmaria da Praia do Forte, que visita todos os dias pela manhã. É lá onde pratica loga, relaxamento e meditação. “A Praia do Forte é meu hospital, farmácia e templo”.

Como defensor do meio ambiente, ele sempre inclui a mãe natureza nas entrevistas que concede, lamenta o processo de desertificação pelo qual Terra passa e sugere que “autoridades do mundo todo façam reflorestamento do

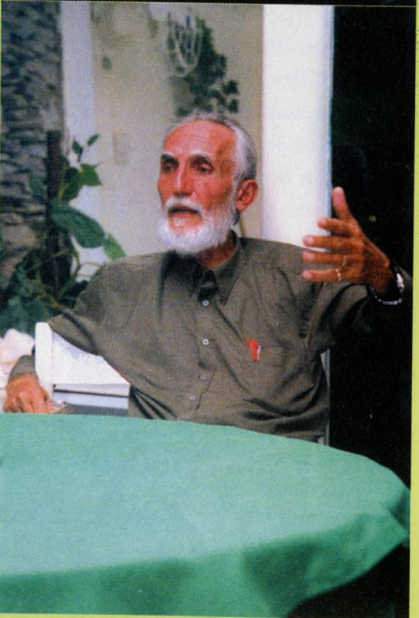
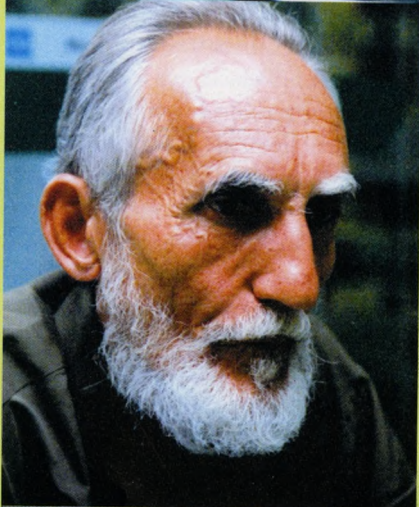
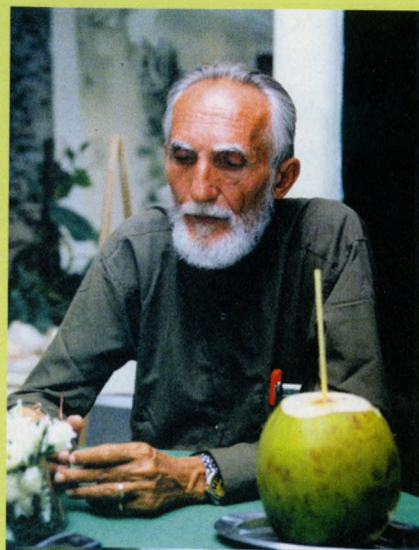
planeta para nossas crianças”. A paixão pela natureza vai além das palavras. Ele argumenta que nenhum ser vivo que se locomova precisa morrer para que ele se alimente. Por isso adotou uma dieta especial.

Seu estilo exótico de se alimentar começou quando Natal era uma cidade ainda mais provinciana, resumida a poucos bairros. Ele, então aos 14 anos, andava pela Avenida Rio Branco quando executou uma pequena série de simples ações que mudariam sua vida para sempre: entrou numa livraria, olhou alguns livros sem nenhuma pretensão e, com a mesma ausência de pretensão, saiu da loja com uma obra do autor Ramacharck. O livro tratava do bem-estar físico e da influência que a alimentação tinha sobre a saúde dos órgãos internos. Depois do livro, ele passou o primeiro ano sem comer nenhuma carne. Depois retrocedeu, porém voltou apenas para a carne branca. Ao longo da sua vida, intercalou sua dieta entre longos períodos sem carnes e outros pequenos com carne branca. Até que, há quatro anos, abriu mão definitivamente de todos os derivados de animais, exceto leite.

Ele explica que não é simples abandonar o prazer do paladar, afinal o homem é um ser predatório e carnívoro. Também afirma que num processo lento e gradual a mente desenvolve mecanismos para ajudar na adaptação. “Você é seu próprio sensor. Seu organismo é muito sensível. Hoje estou no ideal”. Ramezoni é casado e tem duas filhas. Uma delas é Anna Jacinta Ramezoni de 11 anos que mora com ele no Centro da cidade. Apesar de toda sua dedicação, ele é o único membro da família que segue tais hábitos alimentares.

## Deus é sua religião

Engana-se quem pensa que o estilo de vida levado por Ramezoni é devido à influência de uma religião específica. Quando perguntado sobre qual religião



segue, ele responde prontamente: “Minha religião é Deus”. E lista seus quatro livros de cabeceira: a Bíblia, o Alcorão sagrado de Maomé, Fé Bahá’-í Báb, do autor persa Bahá’u’llah e o primeiro volume de Universo em Desencanto, de Manoel Jacintho Coelho (no último caso, a coleção completa é composta de mil livros de Cultura Racional). Ele explica que a palavra “religião” foi originada do latim “religare”, que significa religar a criatura a Deus e que se cumprir tal objetivo a pessoa e o criador estarão satisfeitos.

A Cultura Racional surgiu no Brasil em 1935, mais especificamente no Rio de Janeiro-RJ, fundada por Manoel Jacintho Coelho. Seus seguidores não a classificam como religião e sim como um conhecimento que deve ser difundido pelos mortais. Como um dos estudiosos de Cultura Racional, Ramezoni explica que essa cultura afirma que os seres humanos são da raça cósmica racional, que o mundo não é esse em que se está e que “aos poucos nos afastamos do nosso mundo de origem”. No mundo racional idealizado pelos conhecedores da cultura não há doenças ou mortes e tudo progride para a perfeição. “É o contrário das energias da vida provisória do mundo em que estamos. Ao invés de estarmos evoluindo, estamos involuindo de uma forma superior de vida”, esclarece Ramezoni. O mais peculiar é que o autor dos mil livros sequer havia concluído o primário, por isso todos os livros tiveram que ser ditados.

Ramezoni já freqüentou muitas igrejas, templos e doutrinas espíritas. E desde criança tem Jesus Cristo e Mahatma Gandhi como seus ídolos. “Conheço profundamente Jesus Cristo. As igrejas cristãs fundaram seus alicerces na Bíblia e a partir de então a interpretaram, o que não quer dizer que estejam certas. Não estão corretas na integralidade. É o entendimento delas. Não cabe a mim analisar. Se elas acham que estão certas, não tem dolo”.

Para Ramezoni, natureza e religião estão firmemente ligadas. “Jesus nasceu no lugar mais rico da época: em contato com a natureza”, considera ele. E faz referência a uma passagem bíblica do livro de Mateus, em que compara o Rei Salomão à beleza dos lírios do campo. “Nem mesmo Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles”. Ele conta que Jesus sempre buscou a natureza para orar e considera o Sermão da Montanha como o mais belo. Diz também que Jesus costumava advertir os sacerdotes por não praticarem o que pregavam. “Quer encontrar Deus, busque a natureza”, resume.

Lápis e papel, ou mesmo dedos e teclado já serviram a Ramezoni. Atualmente, ele tem oito livros para publicar, dos quais três já foram aprovados pela Fundação José Augusto, cada um para um público distinto. O romance “O Despertar de Mel Row” é dirigido para o público adulto, “Rosa Rósea e Helário” é uma obra infanto-juvenil e “Os três pescadores” é para crianças. O terceiro foi escrito em parceria com sua filha Anna Jacinta Ramezoni, quando ela tinha apenas nove anos de idade. Os livros ainda não foram publicados por falta de patrocínio, que Ramezoni considera o mais difícil.

Além dos livros, ele escreveu letras de músicas, que ganharam melodia nas mãos de Francisco Moeges Edwírgis e por meses, até o começo de 2004, manteve a coluna “A Natureza” no jornal O Grande Natal. ■

# Dependência e química



Rubens Lemos Filho (Jornalista)

Ilustração: Falves Silva

Imagino o que seria da minha vida se não existisse uma bola redonda, uma arquibancada lotada e dois times jogando. Um pouco da obsessão dos suicidas, descrita pelo escritor Lauro Trevisan, como o grito final da solidão, ou do fanatismo de François Truffaut pelo cinema, para ele a sua única razão de viver. Talvez pretensão exagerada minha.

Intelectualóides de todas as matizes, daqueles que conhecem os livros pela orelha, esnobam o futebol em sua dimensão cultural. Para aqueles cuja amargura se sobrepõe à mediocridade própria, o futebol é o ópio dos idiotas ou a alienação materializada em 90 minutos de êxtase. Eles nunca viram um drible curto e perfeito, um lançamento artesanal, um gol autoral, uma vitória no minuto derradeiro. Nem lágrimas derramaram numa inimaginável derrota por pênaltis.

Sem o brilhantismo desses gênios que encontro em algumas livrarias e sebos, ponho o futebol como o centro de todas as emoções positivas que vivi na infância e na adolescência. E de tamanhas tristezas também. Se vivíamos, eu e a minha família, na corda-bamba da opressão da Ditadura, ninguém, nenhum dedo-duro ou sicário, poderia me impedir de ouvir o rádio ou de ir ao estádio acompanhado, quando não poderia ser o meu pai, por primos e amigos que até hoje agradeço os gestos de irmãos dominicais.

O futebol moveu a minha vida naquela justa época em que faltava a grana indispensável para a boate ou a festinha cheia de meninas bonitas. Feio e sem dinheiro, me restava o abraço aberto e democrático do futebol. Ele jamais me impôs condições ou regras. Bastava acender o coração e a garganta.

A vida sempre foi futebol. De botão, de salão, de peladas de bairro e de rua. Eu ouvia os programas esportivos de


televisão e rádio como as matronas esperavam pelo capítulo seguinte da novela das oito.

Eu era calado, sempre fui silencioso e guardião discreto das minhas preferências. Só não escondia, abertamente gritava ABC em Natal, Vasco no Rio de Janeiro, a ponto de ameaçar explodir o pulmão raquítico que ostentava sob a camisa de algum dos dois clubes.

Fui e sou um dependente do futebol. Se há crises ou feridas abertas, ele cicatriza. A ele recorro e ele não decepciona. Temos uma certa “química”. Eu gosto dele e acho que ele me suporta.

Se não fumo e só bebo cerveja, me embriago e cheiro carreirinhas de futebol. Em revistas, nas telas, na minha memória.

Eu não viveria se não houvesse o futebol. Por segurança, até um time eu criei para nunca morrer sozinho. ■



*O fotógrafo potiguar Hugo Macedo já realizou cinco exposições fotográficas; é proprietário do portal ([www.cidadespotiguares.hpg.com.br](http://www.cidadespotiguares.hpg.com.br)) com informações e 2.500 fotos sobre o Rio Grande do Norte; estudante sobre assuntos potiguares.*

*[hugomacedo@interjato.com.br](mailto:hugomacedo@interjato.com.br)*



# Sertão

*Ensaio Fotográfico*



# e Mar Potiguar

# Sertão Potiguar

Fotógrafo: Hugo Macedo  
Textos: Ângela Almeida (escritora e jornalista)



*Todo sertanejo tem sonhos de água. São sonhos com imagens palpáveis, vistíveis e audíveis, porque o sertanejo acredita na verdade de seus sonhos, que um dia seu sertão será invadido pelas águas. Essa água que enxerta seus sonhos não é vista pelos olhos da matéria, e sim pelos olhos dos sentidos e do espírito...*

**Acauã**  
- Barragem Gargalheiras - Acari (RN)



**Montante**  
- Barragem Santa Cruz - Apodi (RN)



**Boqueirão**  
Matriz de São Sebastião e Serra do Boqueirão - Parelhas (RN)



*Pelo ângulo de um primeiro vôo nas asas de um pássaro, numa visão perpendicular, o sertão se mostra por meio de uma vegetação quase rasteira, formando uma massa ocre-terra, ocre-vegetação, que se estende e oprime os fios de espelhos d'água que insistem em correr entre as terras secas. A vasta terra ocre se confronta, como num corte de navalha, com a linha do horizonte.*

**Óasis da Caatinga**  
Serra Velha - Serra Negra do Norte (RN)

*As paisagens ora atormentam os olhos, ora os inebria. Como os recantos dos brejos, contrapondo com a terra de "quartzitos ásperos", onde nascem flores do campo, ou entre os espinhos dos cactos e os belos mandacarus... O meu olhar vagabundeia entre as casas e os horizontes desenhados com as cercas de pedras.*

**Chão do Sertão**  
Sítio Salgado - Parelhas (RN)



**Vida das Pedras**  
Sítio Barra da Espingarda - Caicó (RN)





**Cozinha de Lembranças**  
Sítio Vazantes - Parelhas(RN)



*Cada casa tem sua própria voz, seu cheiro, suas cores e formas. Mas os cheiros comuns são mais fortes. A casa no sertão, concordando com Oswaldo Lamartine, tem o cheiro da terra seca, da lenha queimada, da flor do mandacaru, do curral, da água de chuva. Tem o ruído do vento solto na vegetação rasteira, nos estalos dos galhos secos e no ranger dos armadores velhos.*

*Nas pequenas casas encravadas no mato sobressai uma característica notável dessa arquitetura popular. Ela se harmoniza com a paisagem, sendo um elemento essencial dela...*

**Casa Número Nada**  
Sítio Almas - Parelhas (RN)

*Para Cascudo, o ato de desbravar terras e enfrentar os índios gerou um sertanejo "arreatado, original. Um homem corajoso que aprendeu a viver num cenário hostil desde a natureza até o aborígene".*

*Pedras desiguais, brutas e quentes têm, na sua desordem, o fascínio do não dominável. Elas são os tapetes e as paredes que dão abrigo aos animais, aos sentimentos e a tudo o que constitui o homem.*

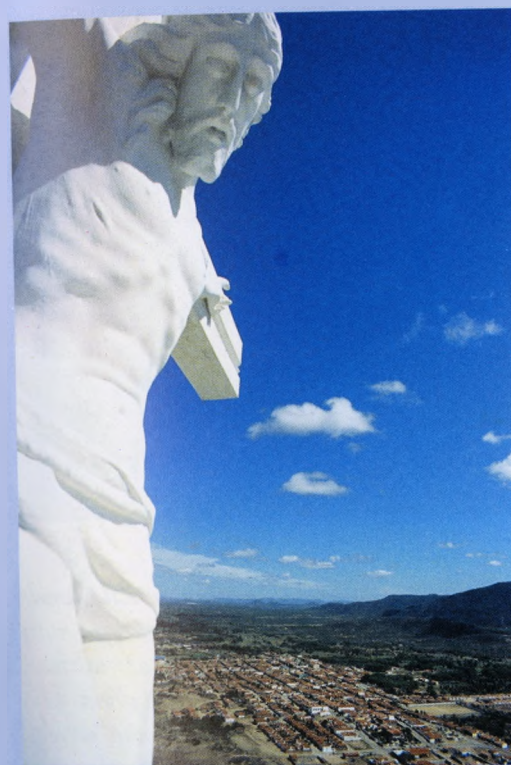
**Currais Velhos**  
Sítio Totoró - Currais Novos (RN)



**Mangalhos**  
Feira Livre - Parelhas (RN)



**Lúdicos**  
Sítio Xique Xique II - Carnaúba dos Dantas (RN)



*Quais outras viagens são possíveis no sertão? Que mistérios essa terra esconde? A ideia da estética ressurge porque suas linhas são tênues, fáceis de atravessar, rasgam céus e areias, terras e mares e tornam-se distinções irrelevantes.*

*As pinturas rupestres do homem pré-histórico que viveu um dia no sertão fazem parte de uma matriz estética singular, tanto em relação às pinturas rupestres do mundo, quanto pela influência até hoje na produção estética do homem do sertão.*

**Fé**  
Monte do Galo - Carnaúba dos Dantas (RN)

*“Os ruídos dos ventos, das goteiras do armador das redes, o balido das ovelhas, o canto do galo, o estalo do chicote dos matutos, o ganido dos cachorros em noite de lua, os tetéus, o dueto das casacas de couro, os gritos do socó a martelar silêncios, os aboios, o bater dos chocalhos, o mugido do gado e tantos outros que ferem nas ouças da saudade”.*

**Oswaldo Lamartine**

# Mar Potiguar

Fotógrafo: Hugo Macedo  
Textos: Alexandro Gurgel (jornalista)



*O mar potiguar é sinônimo de Zila, onde marolas recheadas de poesias saúdam mais um dia de sol espraiando espumas multicolor, banhando a alma e lambendo a areia. Um mar mamediano por onde o poeta navega sôfrego numa jangada metafórica, fazendo versos e recriando canções de amar.*

**Costa Branca**  
Praia do Cristóvão - Areia Branca (RN)



**Ibiapé**  
Praia de Ponta Negra - Natal (RN)



**Arrastão**  
Praia de Pititinga - Maxaranguape (RN)



*O pescador volta à vila cansado do mar, tendo o crepúsculo como testemunha de uma labuta árdua e incansável, trazendo no pacote peixes para o sustento da família e deixando ao sabor do sol uma moldura de lembranças, o retrato da pura imensidão do mar potiguar.*

**Contemplação**  
Praia de Galinhos e Rio Aratuá - Guamaré (RN)

**A Conquista**  
Praia do Forte - Natal (RN)

*Mar de imigração, de cantigas, de marujos, onde o braço de um rio ligeiro busca as águas salobras para o deleite do encontro enamorado. Singrando entre sombras de coqueirais e a teimosia das dunas que insiste em mudar seu curso, o rio sempre desembocará no mar como se buscasse sua derradeira morada.*



**Maritacaca**  
Rio Mossoró - Areia Branca (RN)





**Andarilho**  
Dunas do Capim - Galinhos (RN)



*As dunas móveis são filhas do litoral, trazendo o zumbido constante do vento que mais parecem um deserto encantado. A mistura de características comuns no sertão e litoral espalham belezas rústicas acentuadas. As falésias gigantes são escaladas por jumentos, bodes e cabras. Imagens compostas com belezas naturais e praias estonteantes, atraindo as lentes de alma seridoense – acostumadas ao sertão – ansiosas por paisagens marinhas.*

**Manhã**  
Lagamar do Caboclo - Tibau do Norte (RN)



**Olhar Litorâneo**  
Praia de Sagi - Baía Formosa (RN)

*Flores praias, mata costeira e resquícios de uma floresta atlântica são cenários constantes nas brincadeiras lúdicas dos meninos de praia. Beira de rio ou canto de mangue são lugares mágicos para um menino traquino pegar siri e caranguejo no cair da tarde, na maré baixa. Numa pelada de praia, um pacote estendido na areia serve de trave para esses meninos praieiros, que se lançam ao mar em mergulhos de alegrias.*



**Pelada**  
Praia do Sagi - Maxaranguape (RN)

Andarilho 24/10/08

# O natal antigo

**Gothardo Netto** (Poeta e cronista - 1881-1911)  
Texto publicado em 1916 na revista Rapa Coco



**S**audoso natal dos tempos antigos! Com que suave tristeza relembramos o encanto dos teus folguêdos, a affectividade das tuas expansões e, sobre tudo, a piedosa sinceridade das tuas festas! Vae longe a época dos teus deslumbramentos, em que mais intenso reinava o perfume das tuas lendas, e o incenso mystico se evolava dos presepios, entre os canticos evocativos das pastorinhas de Belém. Vae longe o cortejo das tuas sagradas reminiscencias, a delicia das pandegas dos bohemios que te amaram, as diversões campestres, á sombra de frondosos cajueiros que desafiavam o paladar dos convivas com seus fructos rubros e amarelos... O natal de hoje é apenas um vestigio apagado de extinctas éras, dessas éras felizes que ainda revivem na saudade da velhice e em que vibrou, rejubilada e luminosa, a alma affectiva e simples dos nossos antepassados.

As correntes da civilização, empolgantes e dominadoras, vão transformando tudo.



Os proprios folgares do povo, as doces convivencias familiares, apresentam um aspecto que nada tem de comum com o espirito das nossas tradições.

Quando ouço as narrativas do passado e vejo os traços remotos do que fomos na antiguidade, sinto um tédio de morte pelo presente e maldigo essa effervescencia iconoclasta que vae destruindo as melhores heranças dos tempos idos...

Quem desfructou as aventuras de um natal de outras épocas, quem assistiu á ingenua expansividade de nossa raça n'aquelles tempos afastados e queridos, não pode ver sem lagrimas nos olhos a monotonia da actualidade, a tristeza que domina essas almas anonymas que outr'ora cobriam de flores o berço do Deus-menino e, depois, transbordantes de fé religiosa, corriam para o adro da velha igreja quando o sino annunciava pela meia-noite, o inicio da missa tradicional... Hoje, mal vibra o coração popular no dia legendario e mal se

escutam os estrepitos festivos em que se expande a terra!

Dir-se-ia que uma enervante indifferença se apoderou de todos os espiritos, e que se vão apagando na consciencia religiosa as ultimas scintillações da Esperança e os derradeiros estímulos da piedade christã. Da crença integra e infrangivel dos nossos ancestraes, do seu amor devotado e sincero pelo culto do passado – resta apenas um moribundo reflexo, uma pallida imagem fugitiva já prestes a extinguir-se, com a invasão do modernismo triumphante. Na roça, pelos lugarejos humildes, quando os annos são de fartas colheitas, ainda se pode ver o que foram outr'ora os divertimentos populares, n'esta quadra festiva do natal.

Mais felizes e mais humanos que nós outros, os camponios não deslembam nunca as suas tradições queridas; e mais felizes são porque o convívio social não os dessora de sentimento e de bondade, e vivem distanciados dessa coisa funésta a que Nordau denominou – a chaga sangrenta do mundo civilizado.

Entre nós, as festas do povo já perderam quasi todo o cunho tradicional. Que é das fulgurantes lapinhas, dos 'congós' bem-feitos e bem organizados, das saudosas cantigas da Nau Catarineta? As primeiras degeneraram em commercio de flores, em centros de exaltação partidaria e em pretextos para desordens e torneios poeticos...

Para os que não desamam o passado, as lapinhas modernas são até indignas de apreciação. Si estamos ouvindo, com a alma transportada de emoções puras, uma velha e sônorosa toada como esta:

*“Si no doce firmamento  
Brilha o sol do novo dia,  
Libertar-nos vem da culpa  
Jesus, filho de Maria...”*

Eis que surge o berreiro infrene da capadoçagem, a applaudir a clarividencia do zagal, ou qualquer coisa

de bello que descobre no maracá da contramestra...

A gritaria torna-se por vezes ensurdecidôra e as famílias vão procurando o caminho de casa...

Os 'pretinhos do Congo' cada vez mais intoleráveis se mostram e raras vezes concluem as exhibições sem a intervenção do sabre policial. Nada das antigas lendas de que se formaram resta mais nesses brinquedos favoritos da plebe. Nelles já não palpita a nostalgia da pobre raça que se dispersou por terras longinquas, supportando os ultrajes seculares do mais barbaro captiveiro.

E a maruja dos fandangos! Ninguém desconhece que muitas innovações importunas teem sido introduzidas nesse folguedo popular, e, no emtanto, quando temos ensejo de assisti-lo, sentimo-nos remontados a essas éras extinctas em que os mareantes do velho Reino andaram a escrever sobre o abysmo a epopéia de uma inaudita coragem, sulcando a esmeralda rebelde e devassando o recésso dos seus arcanos primitivos. Que linda mais bela que a dessa náu perdida sobre

o oceano, por longas noites e dilatados dias, como o navio mysterioso do cabo Horn – o celebre navio phantasma – desarvorado e afflicto na solidão das aguas e sem que delle se possam approximar os navegadores que passam... Hoje, os fandangos são raros em nossa terra e, quando os ha, são dessaboridos e tólos.

O suggestivo encanto que os revestia no passado já desapareceu de todo, como também se vae offuscando o esplendor tradicional dos presepios, que não representam actualmente esse culto amavel de formosas serranas ao que nascera entre palhinhas modestas, á sombra de uma mangedoura e apontado por uma estrella á adoração dos pastores e dos magos. E si assim é com relação ás coisas que tanto falam aos nossos corações de sentimentaes, á nossa affectividade nativa e, sobretudo, ao nosso espirito religioso, o que dizer d'essas diversões anodynas, espurias, sensaboronas, como o fede a breu, designação dada entre nós aos grupos que se formam quasi sempre de improviso e, ao som de violões e flautas, invadem por esta época

a habitação da pobre creatura, no intuito exclusivo de comer e de beber?...

Do boi kalemba, cuja origem não se conhece, torna-se excusado falar. É elle um dos acabados modelos da imbecilidade humana e... talvez por isso mesmo seja o melhor de todos.

Mas deixemos os marmanjos com os seus saiôtes e as suas tolices, e levantemos o nosso hymno affectuoso em honra da grandeza desse acontecimento, que vem atravessando séculos e séculos, sempre vivo e sempre novo na memória das gerações.

Almas christãs que somos, exultemos ante a alvorada da Redempção, pois, como dizem as pastorinhas:

*“Lá do seio da grandeza,  
Onde todo mundo ria,  
Libertar-nos vem da culpa  
Jesus, filho de Maria...”* ■

# Tributo à mestra Chicuta, intelectual de mérito



## Maria Arisnete Câmara de Morais

(Doutora em educação pela UNICAMP. Escritora e Professora da UFRN)

Em 1973, Francisca Nolasco Fernandes (mais conhecida como D. Chicuta) decide publicar as suas memórias. Seria, então, a sua última aspiração. Havia realizado tudo o que almejava. Escrevia muito. Cartas, rimas, crônicas, conferências, discursos. No jornal A República, entre 1948 a 1950, escrevia na coluna denominada SOCIAIS, mas faltava-lhe o registro do livro. Decide, então, reunir velhos escritos guardados num livro intitulado “Menina Feia e Amarelinha”, aos 63 anos de idade. Com a perspicácia de quem domina o entorno em que viveu, registra para a posteridade aspectos do seu cotidiano. Um livro de recordações, que o tempo vai destruindo. “Por isso é que as estou fixando, que de muitas já não me lembro bem”, justifica D. Chicuta.

“Gostaria de recuar, no tempo e no espaço, para situar as origens de uma pessoa de muita sorte na vida, que foi a tal menina amarelinha” afirma a escritora. O livro emociona pela construção do se fazer cidadã, intelectual de mérito, vencendo a timidez e posicionando-se com firmeza de suas convicções e maneiras de pensar. Escreve-o para alguma “menina feia e amarelinha”, entre as muitas das centenas de alunas da Escola Doméstica ou da Escola Normal, que estudou com ela e que talvez precisasse de carinho e compreensão.

Embora a autora registre que é um livro sem endereço e sem público leitor, esta análise prova o contrário. Hoje, em 2004, D. Chicuta faz parte de minhas lembranças, de um cotidiano escolar profícuo e salutar.

Narra a história de sua terra, da sua vida de menina, a trajetória e a construção da professora e escritora, que contribuiu

para a formação de gerações. A acuidade da narrativa, a configuração do entorno em que viveu, através de um conjunto de lembranças de grupos que se uniam e que se opunham, são endereçados aos que se interessam pela História e a historiografia da educação no Rio Grande do Norte. A exemplo da riqueza dos detalhes com que descreve a fazenda próxima do Rio Seridó que, com seu afluente o São José, cortava as terras dos seus avós paternos e maternos, que para ela representava o efeito mágico de um paraíso.

Descreve essas terras durante o inverno, “com o capim nascendo e ondulando ao vento, os pereiros olorosamente recobertos de flores miudinhas e as reses pastando entre a vegetação rasteira, que recobria o pátio, até perder de vista”.

A vestimenta da época sempre deu o que fazer aos seus olhos indagadores de criança. Observa que até os sete anos os meninos vestiam apenas uma camisa, de mangas compridas de algodãozinho grosseiro, mas sem calça. O detalhe é que essa camisa deixava o sexo à mostra sem provocar escândalo algum. Enquanto que as meninas cobriam-se com rodados vestidos de chita abaixo dos joelhos, pois ainda não havia o hábito do uso de calças para as meninas.

O registro, além de demonstrar as diferenças de tratamento entre os sexos, mostra, ainda, o processo da história social da criança, um campo a ser explorado. História cultural que configura a educação e maneiras de ser da mulher nordestina da região do Seridó norte-rio-grandense. Esses aspectos evidenciados demonstram a importância histórica destas reflexões.

A futura escritora gestava-se já na infância. Demonstrava uma evidente

capacidade de observação do cotidiano, aspecto importante para o ofício de escritor. “Muitos outros hábitos e tabus conheci através da observação, pois criança não era considerada gente, não emitia opinião nem perguntava”. Por isso mesmo, observava as conversas dos adultos, que se desenrolavam na sua presença, ignorando-a. Antes que se apercebessem, tomava conhecimento de mais coisas do que eles adultos realmente desejassem.

Em Caicó transcorreram os primeiros anos de sua vida, no velho sobrado da pracinha, “que só de varandas de ferro tinha oito, e aqueles canos com cara de dragão, onde as andorinhas vinham fazer ninho depois do inverno”. Estudante do Grupo Escolar Senador Guerra, lugar ideal para ela, onde aprendeu as primeiras letras. “Nunca soube, porém, quem fora, nem por que merecera as ‘aspinhas’ com que enfeitei aquele nome, durante os anos de aprendizado primário” –, “o senador de nome belicoso”. Diria mais tarde D. Chicuta, em 1949, numa crônica dedicada ao Conselheiro Brito Guerra.

Quando as crianças terminavam o primário, os pais que podiam enviavam-nas para estudar em colégios distantes; entretanto seus pais (Pedro Nolasco de Sena e Paulina Maria da Conceição) não eram desses felizardos e ela repetiu o 4º ano. Sem muita perspectiva de estudo, D. Chicuta buscava na leitura seu entretenimento predileto, ocasião em que leu livros encontrados na casa de vizinhos como: os folhetins de Rafles e outros de Michel de Zevaco e toda uma literatura de cordel que adorava, mas inapropriada para uma menina de onze anos.

Leituras que ajudavam-na a esperar com paciência “os bons tempos que haveriam de vir”. Sentenciava D. Chicuta. Na companhia do pai – “líamos muito,

eu para ele” – desfrutava os livros de formação de Samuel Smiles e outros da sua exígua biblioteca. Era a menina-dos-olhos do seu pai, que via na filha o meio de realizar aquilo que ele não conseguira: estudar, ter um futuro, uma carreira. O resultado dessa realização está expresso na dedicatória do livro, “Menina feia e amarelinha”: ao meu pai Pedro Nolasco, minha homenagem póstuma de admiração e carinho.

Tinha uma memória surpreendente, sabia de cor toda a geografia física das cinco partes do mundo. “O Dr. Ivo Cavalcanti gostava de me testar em classe, com o que eu me sentia compensada das outras deficiências”. As outras deficiências seriam a sua falta de jeito para com os arranjos domésticos e as receitas extraordinárias de bons quitutes. “Nunca fui uma boa aluna das Cadeiras Práticas. Em cozinha eu era um desastre, até o final do curso. E essa era a cadeira em que meu pai queria que eu me aperfeiçoasse”. Confessa. Escapavam-lhes minúcias, detalhes elaborados com arte, que esquecia ou ignorava: ela, que tanto ajudava sua mãe nas lides domésticas.

Todavia, conservava sempre o lugar de primeira da classe, mantido desde o 1º ano de escola. No final do curso foi eleita a oradora da turma, cargo que ninguém pretendia, laureada com uma viagem à Europa.

De acordo com suas memórias, aprendeu a ser professora sem as metodologias tão necessárias. Considerava o aluno a matéria-prima de seu trabalho e gostava de saber mais e mais para transmitir. “Era esta a minha vaidade, Deus me perdoe”.

Nasceu em 15 de dezembro de 1910, em Jardim de Piranhas então distrito de Caicó, no Rio Grande do Norte. “Não era uma menina alegre, nem desenvolvida para a idade e, além de

tudo, feia e amarelinha”. Era assim que se percebia.

Amedrontada e cheia de sonhos, sai de Caicó para ingressar na Escola Doméstica. A viagem durava até 16 ou 18 horas para alcançar a cidade. Natal, para ela, era um deslumbramento.

Os amigos mais íntimos desdenhavam a pretensão de seu pai de enviá-la para um colégio especial. “Faça dela uma professora. Moça pobre vai para a Escola Normal, para garantir o futuro”. Entretanto, D. Chicuta assinala que “a escola que se dizia para moças ricas, não era absolutamente. Naturalmente foram as ricas que acorreram primeiro, porque, na verdade, gastar dinheiro com educação de filhas não entrava na cogitação de todos, mesmo dos mais favorecidos”. Por outro lado, ainda, essa visão de que moça pobre vai ser professora, demonstra também o conceito ou o preconceito que se tem acerca dessa profissão.

A escolha de seus pais pela Escola Doméstica deveu-se, também, pelo regime de internato. Na década de 1920, a Escola Doméstica era um dos poucos colégios femininos da capital que recebia alunas internas. Afora o Colégio da Conceição, não havia internatos femininos e até mesmo poucas escolas para moças. Sua família não tinha parentes nem amigos em Natal que pudessem abrigar a filha durante seus estudos.

Além de aluna desse estabelecimento de ensino, D. Chicuta, pessoa de muita sorte na vida, conforme ela mesma afirma, foi professora durante 35 anos. O tempo de docência e mais uns cinco anos de aluna interna fez dessa professora um elemento fortemente ligado à Escola Doméstica, por tudo que fez ao longo de sua vida profissional.

Casa-se com Túlio Fernandes de Oliveira e teve quatro filhos: Hilma Fernandes

de Matos Serejo, Túlio Fernandes de Oliveira Filho, Sebastião Fernandes de Oliveira Neto e Caio Flávio Fernandes de Oliveira. Faleceu em 10 de junho de 1995, com quase 85 anos.

## Repercussão do seu nome na sociedade

D. Chicuta foi a primeira mulher a dirigir a Escola Normal de Natal (e o então o Instituto de Educação Presidente Kennedy), nomeada em 30 de setembro de 1952, ocupando a vaga do professor Clementino Hermógenes da Silva Câmara. “Não pude ser a melhor. Fui apenas a primeira, depois de sete direções masculinas”.

Ela admirava essa Escola muito antes de fazer parte dessa instituição pela austeridade e pelas exigências morais e intelectuais a que submetiam os que desejavam fazer parte do quadro de magistério. “Nessa Escola Normal de tanto conceito, de tanta tradição, que titulara os elementos mais representativos da vida educacional do Estado, nessa Escola entrei eu”. Era o orgulho da Mestra. Permaneceu no cargo até 30 de janeiro de 1956, ao final do governo Silvío Pedrosa. Volta à cena como diretora em 1959 e, posteriormente, nomeada diretora do Instituto Kennedy, permanecendo até sua aposentadoria no final de 1966.

Durante o governo Aluízio Alves, o Instituto de Educação Presidente Kennedy foi construído e inaugurado. “Bati-me quanto pude contra a escolha do terreno”. Para ela, esse era um lugar muito isolado para funcionar uma escola de moças; embora entendesse que era para aqueles lados que a cidade crescia, achava muito remota a possibilidade de habitação. Ela mesma fala que o tempo se encarregou de mostrar que estava errada.

No seu livro “Menina feia e amarelinha” há uma nota: a cidade cresceu, mas não para aquele lado. O Kennedy continua isolado. A viagem a Natal (em novembro de 1965) do Senador Robert Kennedy antecipou a inauguração do Instituto. As dependências do estabelecimento ficaram superlotadas de estudantes e curiosos para ver e tocar no Senador que veio dos Estados Unidos. Em março de 1966, a Escola Normal ali se instalava formando, nesse mesmo ano, sua primeira turma de professoras nas novas instalações.

Entre as metas de D. Chicuta estava a valorização das futuras professoras, a partir do uso daquela farda azul e branca, de mangas compridas e o lacinho no decote, distintivo especial da normalista.

“Laço que se manteve através de guerra constante, confabulações e estratégia. Tive que fazer uma campanha ferrenha para que as normalistas usassem o laço orgulhosamente, como símbolo da profissão que abraçavam”.

Em 1926, perguntaram à futura Mestra, através do Jornal das Moças, em que consistia a felicidade. “Felicidade é

simplesmente querer aquilo que estiver ao alcance de sua força material ou intelectual, lutar com perseverança para alcançar seus desejos”.

Foi isto que ela fez. Lutou para que a Escola Normal se destacasse na sociedade. Com esse espírito de luta, instituiu “A Semana da Normalista”. Registra a manchete da Tribuna do Norte, em 1966: NORMALISTAS INICIARAM ONTEM SEMANA COM FEIRA E EXPOSIÇÃO.

D. Chicuta relembra seu trabalho de diretora, durante a festa de comemoração dos 25 anos da turma de 1956:

“Se não fizemos uma escola-modelo abrimos um crédito de confiança para o nome das professorinhas da Escola Normal, que se espalharam pelo Estado”.

Em outro momento, ela se indaga:

“Será que estamos certos de haver feito o melhor?”.

Claro que sim, Mestra! Este texto, que ora escrevo, é a prova de suas marcas, de sua presença revivida entre nós! 📖





## OS HOLANDESES NA CAPITANIA DO RIO GRANDE

Olavo de Medeiros Filho

## GÊNESE NATALENSE



**Moacy Cirne**  
(Poeta e teórico em quadrinhos)

Há historiadores que primam pelo brilho literário, pela escrita fácil, pelas especulações filosóficas. São da maior importância dentro da literatura de um Estado, de uma região, de um país. Mesmo quando, eventualmente, relegam a segundo plano a História como fenômeno social, econômico e cultural, no seu sentido mais amplo. Mesmo quando, eventualmente, fazem pesquisa sem a necessária comprovação científica. É o caso de um Luís da Câmara Cascudo, o nosso intelectual mais completo.

Há historiadores que igualmente primam pelo brilho literário, pelo estilo fluente, pela palavra fácil, pela substantivação adequada. São escritores em toda a sua plenitude literária. São escritores que trazem as marcas das inquietações culturais. São escritores que sabem viver plenamente a vida literária nossa de cada dia. E que levam a sério a pesquisa fundamentada, a procura pelas fontes primárias. É o caso de um Hélio Galvão, o nosso estilista mais fecundo, o nosso estilista mais rigoroso.

E há historiadores que privilegiam a pesquisa pela pesquisa. Que privilegiam o saber historiográfico que passa necessariamente pelas fontes primárias, pelas informações documentadas,

pelas comparações pertinentes. São historiadores muitas vezes áridos, muitas vezes de leitura difícil. Sua escrita destina-se, antes de mais nada, a historiadores e pesquisadores. Neste sentido, são historiadores fundamentais. Mais ainda: são desbravadores de caminhos e veredas.

É o caso de um Olavo de Medeiros Filho, o nosso pesquisador por excelência.

Seridoense nascido em Caicó, em 1934, Olavo de Medeiros Filho começou a publicar seus livros de história relativamente tarde, no início dos anos 80, já ciente do seu ofício de pesquisador – um ofício que leva a sério como ninguém, um ofício talhado para o seu temperamento de sertanejo vibrante, marcado pela curiosidade das “coisas” que plasmam o Seridó. Afinal, ainda criança, com cerca de 12 ou 14 anos, já gostava de fazer anotações dos relatos que ouvia sobre velhas histórias da Cidade do Caicó.

Não se contentava com a leitura dos livros dos mestres, por mais informações que pudessem conter. Era preciso pesquisar, pesquisar. E pesquisar. E assim o fez, indo sobretudo às fontes primárias, isto é, às fontes paroquiais e cartoriais, sem desprezar, em alguns casos, as informações orais e as informações dos próprios livros. Afinal, em nosso caso, nomes como Manoel Dantas e Luís

da Câmara Cascudo, entre outros, são fontes inesgotáveis. Em alguns casos, são fontes construídas com “engenho e arte”.

Mas Olavo de Medeiros Filho também soube construir o seu universo historiográfico, e o fez – e o faz – com tal esmero que hoje é respeitado pelos jovens historiadores do Estado, como, por exemplo, Muirakytan Kennedy de Macedo, da UFRN, que tem-se revelado um dos mais brilhantes estudiosos do Rio Grande do Norte, com apuro estilístico e rigor formal, seja nas pesquisas, seja na elaboração dos textos. “Olavo é um gigante como pesquisador”, afirma Muirakytan. Nada mais justo. Nada mais preciso.

Entre seus 14 livros editados, destacamos particularmente “Índios do Açu e Seridó” (1984), “Cronologia seridoense” (2002) e “Velhas famílias do Seridó” (1981). Mas também podemos salientar obras como “Notas para a história do Rio Grande do Norte” (2001), “Caicó – cem anos atrás” (reeditado recentemente, em 2004) e “Velhos inventários do Seridó” (1983), além de “Os holandeses na Capitania do Rio Grande” (1998). Em maior ou menor grau, com maior ou menor intensidade crítica, todos contêm elementos que enriquecem o nosso conhecimento das terras potiguares. Especialmente, das terras seridoenses.

Enfim, trata-se de uma obra que não pode ser ignorada por nenhum estudioso que pretenda conhecer mais profundamente as raízes da nossa riograndecidade. Mesmo diante de sua aridez, de sua secura, de sua contensão estilística. E vamos mais longe: “Índios do Açu e Seridó” e “Cronologia seridoense” são obras indispensáveis em qualquer biblioteca que se pretenda potiguar, plenamente potiguar. No caso do primeiro livro, então, suas pesquisas e anotações são preciosas em se tratando das vivências, linguagens e heranças culturais dos nossos tapuias. Com Olavo de Medeiros Filho, a História do Rio Grande do Norte passa a ser escrita com maior precisão documental.

Com Olavo de Medeiros Filho, e – antes dele – Hélio Galvão (não nos esqueçamos), a história do Rio Grande do Norte deixa de ser impressionismo historiográfico, mesmo que brilhante, mesmo que lírico. Talvez seja um autor duro para muitos, mas é um pesquisador de primeira ordem. Um pesquisador que, solitariamente, de forma incansável, pode levar anos para concluir uma obra. Como aconteceu com a sua “Cronologia seridoense”. Como pode acontecer com muitos de seus outros livros. ■

# Meu convívio com Emmanuel



Reunião na Casa do Estudante de Natal, na década de 60: 1-Ivaldo Caetano, 2-Hélio Tavares, 3-Emmanuel Bezerra, 4-Laércio Tomaz, 5-Kerginaldo Rocha (Presidente da Casa), 6-Governador Walfredo Gurgel, 7-François Silvestre, 8-José Daniel Diniz, 9-Sesildo Câmara, 10-Neto Correia, 11-Joaquim Úrsula

## Luiza Nóbrega

(Escritora e professora de literatura)

*I saw the best minds of my generation destroyed by madness.*

Allen Guinsberg

Nos idos de 68, terceiranista do Direito, fui atraída pela vaga do movimento estudantil, que em freqüentes manifestações incendiava os ânimos no meio universitário. Os calouros, liderados por Juliano Siqueira, imprimiram um tom mais radical à militância de esquerda em nossa faculdade, antes exclusiva do PCB, encabeçado por Gileno Guanabara. Uma lufada de ar abanou o velho prédio da

Ribeira. O novo estilo, as novas palavras, os novos gestos e as novas propostas arrastaram-me com força imperiosa. Nos comícios e passeatas, eu observava os líderes, suas palavras inflamadas, os confrontos que travavam com os ativistas de direita, as arengas recíprocas em que os esquerdistas sustentavam suas específicas linhas político-ideológicas, defendendo cada qual a estratégia do seu partido para a revolução brasileira.

Aquela altura desejando-me existencialista-surrealista, lendo Proust e Kafka eu pintava quadros que se pretendiam nonsense, ouvindo os sucessos tropicalistas no hi-fi da sala do DA, com Juliano Siqueira, Graça Fialho, Hilda Fagundes. Depois notei Jaime Ariston, que era da Sociologia, na Fundação José Augusto, e logo se tornaria o namorado, depois marido, de minha irmã Fátima. Entre todos, ele era o pivot da discórdia, temido e abominado pela reação, cujo reduto era o Direito, que ele alvoçava em suas incursões, causando-me espanto e estranheza que, ante os ataques, não se retraísse, rindo tanto mais quanto mais o insultassem, e mais alto erguendo a voz quando lhe lançavam provocações. Ao seu lado, destacou-se a figura de Emmanuel Bezerra, que também era da Sociologia, aluno brilhante, presidente da Casa do Estudante, além de poeta premiado. Ele também reparou em mim e acercou-se.

Nosso convívio de início foi ambíguo: animado pela agitação febril do movimento e ao mesmo tempo ameaçado pela sensação de uma nuvem negra no horizonte. Os círculos da classe média, que eu escassamente freqüentava, rejeitaram-no e afastaram-se; minha mãe o temia, embora ele a cativasse; meu pai, americanófilo convicto, execrava-lhe as idéias mas adorava digladiar com o comunista. Eu o achava um tipo entre engraçado e temível, um geminiano típico, jeito de ator, capaz de mudar da expressão mais ameaçadora ao riso mais divertido num abrir e fechar de olhos. Algo nele me atemorizava, mas algo nele me atraía. Creio que fosse a sua força magnética, mais até do que seu daimon de poeta. Voluntarioso, destemido, impressionava a quase adolescente que eu ainda era, tímida, retraída, introvertida e neófito em política, pequeno-burguesa alienada, como então se dizia. Irritava-me

a satisfação que ele demonstrava, rindo com seus dentes enormes (que eram perfeitos, sem uma única restauração), os olhos esfuziantes, quando percebia que me confundia e assustava com suas invectivas teatrais contra a sossegada classe média, que eu deveria abandonar para aderir à revolução.

A presença de Emmanuel na penumbra de nossa casa tornou-se emblemática, o ícone anunciador da desintegração da classe média brasileira. Quando sua figura assomava ao portão de entrada – num tempo em que este ficava fechado apenas com ferrolho, que só os conhecidos ousavam abrir – um sobressalto me acometia, como se ali irrompesse o anjo exterminador de Buñuel, anunciando que o fim estava próximo, que as árvores do Tirol e Petrópolis seriam abatidas, os pássaros e sagüis expulsos e as casas uma após outra abandonadas por seus moradores, transformando-se em lojas, espigões, hospitais e clínicas. Ele perscrutava minha inquietação e divertia-se em agravá-la. Mas as apreensões dissolviam-se nas melodias de Chico, Vandrê, Caetano, Gil; nos écrans de Godard, Resnais, Bergman, Fellini, Pasolini; ou simplesmente nas sonoras gargalhadas que lançavam ao ar os dois amigos Jaime e Emmanuel, grandes brincalhões. Ademais, eu me vingava pondo-lhe alcunhas, das quais uma pegou: Gato Cheshire, o personagem que nas ilustrações de “Alice in Wonderland” é um puro rosto zombeteiro de sorriso arreganhado e olhos coruscantes. Outro nome que lhe pus foi Gnomo, e é o que ele de fato era: espécie de gnomo enigmático, mutante movido por uma extraordinária determinação. De tão destemido, ele me parecia temerário. Chegava a ser quase arrogante, como quando não apertou a mão que Agnelo Alves lhe estendia, porque este o deixara com a mão no ar, num encontro

anterior. Esta entre outras qualidades lhe valia a admiração e respeito dos colegas e amigos.

Enquanto durou o surto das passeatas, que culminou com a ocupação do Restaurante Universitário pelos estudantes, eu fotografava cenas, ouvia debates, lia, trocava idéias. O sinal para o segundo ato foi dado quando sobre nossas cabeças baixou, como um raio, o AI-5, suprimindo o que restara da democracia e dispersando o ME. Emmanuel foi preso, primeiro numa delegacia imunda das Rocas, mas logo transferido para o Quartel da Polícia Militar, que ficava bem ao pé de minha casa, na rua Apodi, quando ao invés do supermercado “Sirva-se” havia quintais com mangueiras, pitombeiras, goiabeiras, pássaros e sagüis. Presos com ele, no mesmo quartel, Jaime Ariston, Gileno Guanabara e Ivaldo Caetano. Foi aí que nos tornamos namorados e eu aderi ao PCR. Namorávamos sentados numa calçada alta do quartel, onde ele apanhava sol, postulando-me a dialética marxista, enquanto eu o observava, descobrindo-lhe nos recônditos uma timidez que ao primeiro olhar não transparecia. Aprofundou-se nosso convívio.

Foram onze meses de encarceramento, ao fim do qual os líderes, restituídos à liberdade, voltaram ao convívio dos familiares e amigos. Um breve interregno, antes do tremendo segundo ato, aproveitado por Emmanuel para me levar a conhecer-lhe os pais, ao pé do mar, em Caiçara de São Bento do Norte. Com a mãe, Dona Joana, a simpatia foi pronta e recíproca, ficamos logo boas amigas; e olhando seu rosto entendi de onde vinha a força de Emmanuel: ela era gnômica, telúrica e mística. Adorava o filho, temendo já pelo seu destino, que intuía trágico. Várias vezes a vi tentando convencê-lo a adotar uma forma mais

branda de atuação, a enveredar pela política parlamentar. Imaginara-o um político expressivo, vereador, deputado ou mais até. O filho reagia duro, peremptório, irreduzível: não tinha ilusões pequeno-burguesas, jamais se tornaria um burguês, era preciso fazer a revolução brasileira e esta era sua missão. Ela cedia, entre contrariada e concessiva. Via nele um predestinado. Soube mais tarde que até seu próprio falecimento ela negava a morte do filho, afirmando receber periodicamente visitas suas clandestinas.

Depois deste intermezzo, os fatos precipitaram-se rapidamente e o período que se seguiu foi tenebroso. E quando digo tenebroso, deveria dizer duplamente tenebroso; pois, se a truculência repressiva e punitiva nos acuava, como fator externo; nós mesmos, refletindo o terror, lhe acrescentávamos o fator subjetivo, deslizando em desabalada vertigem para um abismo. O AI-5 foi o golpe de mestre assestado contra a minha geração. Depois dele, desarticulado o movimento, aniquilada sua base de sustentação, a cena política mudou drasticamente, expondo nosso desamparo, desorientação, confusão. Perseguido, Emmanuel caiu na ilegalidade, passando a viver clandestino. O PCR manteve-o primeiro no Recife e depois o encaminhou para a Zona Canavieira. Eu, por meu turno, tendo concluído Direito em dezembro de 70 - laureada com a medalha do Mérito Universitário para melhor concluinte, que me fora espetada no peito pelo ministro da Educação, Jarbas Passarinho - cursava o segundo ano da Sociologia, na Fundação José Augusto, numa atmosfera que lembro sombria e apreensiva. Para exorcizar intimamente o terror, compunha poemas como este:

Se digo - vou estudar, / na escola,  
pensaria alguém? / Nem por sombra! /

A minha geração não tem escola, / é nos escuros que ela se reúne, /  
às vezes com estrelas se confunde, /  
vejamos até quando impune.

Acoissados, não nos rendíamos: continuávamos a propaganda de modo mais arriscado, perigoso. Altas horas, despejávamos panfletos pelos bairros natalenses. Também eu dera um passo rumo à clandestinidade. Cursava a Sociologia, dirigia o "Jornal do Estudante" e, como membro da direção do partido, ia uma vez por mês ao Recife, para as reuniões num aparelho clandestino. Tensos e angustiados, vivíamos situações constrangedoras, nas quais se expunham fatos esdrúxulos, quando não se acusava um companheiro de pequeno-burguês traidor ou vacilante. Comigo o partido implicava, suspeitando que meu pacifismo pequeno-burguês me impediria de ir mais longe, quando se passasse à fase da guerrilha. Eram tramas dostoevskianas. Eu então já ia avançada no meu questionamento, dizendo-me a mim mesma que aquilo não ia nada bem e marchava para coisa pior. Mas não era só eu que percebia a falência do projeto e a estranheza do momento. A insatisfação era geral. Miguel, o Manuel Lisboa de Moura, um dos fundadores do PCR, um tipo muito inteligente e um tanto stalinista, andava neurastênico, implicando com todos, tendo ataques coléricos. Numa das reuniões da direção, eu espontaneamente desabafei que em vez de ler Marx precisaríamos ler Freud, o que o exasperou; mas na reunião seguinte ouvi-o dizer que eu estava certa, e ele ao invés de Marx ou Lênin ia mandar-nos ler Freud. Querela que, sem o saber, prenunciava Foucault.

Começou aí o distanciamento. Emmanuel estava diferente, ouvia as discussões numa espécie de torpor que passava a impressão do pensamento fixo num ponto. Já não ria e insistia sempre

na mesma idéia: que morreria com a revolução. Nos labirintos da capital pernambucana, envoltos ambos pelas noites tépidas, eu o ouvia repetir, o cenho sombrio, carregado, numa convicção íntima inquebrantável, que iria até o fim, daria sua vida pela revolução. Insistia em que eu precisava "cortar as pontes com a vida burguesa". Até que um dia me disse francamente para abandonar as ilusões burguesas, casamento, filhos etc, pois seu destino seria a morte em combate. Durante este último período de nosso convívio, notei nele um endurecimento radical. Recusava o mertiolate que eu lhe trazia quando cortava o pé, alegando que precisava preparar-se para resistir até o fim, quando fosse apanhado. Como foi, efetivamente. Apanhado e, segundo me contou Mécia Albuquerque, despedaçado aos poucos, num porão do Recife. Vivendo eu no Rio de Janeiro - clandestina ainda procurada, depois da fuga e da condenação à revelia - soube, em 73: Emmanuel fora assassinado. Ocultavam a tortura e o trucidamento, alegando o de praxe: resistira à prisão e fora metralhado numa rua de São Paulo.

Aquela altura eu já me desvinculara do PCR, mediante uma carta que enviara aos companheiros, comunicando-lhes meu desligamento e minha descrença na viabilidade do projeto revolucionário. A última ação que praticara - façanha que me valera a condenação a um ano de reclusão, e oito de forçosa clandestinidade errante - fora conduzir o fusca no qual ia a equipe que pichara os muros natalenses, às vésperas da visita dos generais Meira Mattos e Garrastazu Médici, com a frase: "Fora, assassinos".

Recentemente, li "A Ditadura Escancarada". Misto de relato histórico e crônica policial, este impressionante estudo de Elio Gaspari - merecedor do prêmio da ABL, pela pesquisa

meticulosa e exaustiva e a fidelidade aos fatos - lembrando-me horrores de que eu me esquecera e revelando-me outros que ignorava, restituiu-me a reflexão, em nível mais profundo, sobre o quê e o porquê daquele surto político que nos venceu; bem como sobre a diferença entre encarar os fatos nus e crus ou fantasiá-los, despistando-os, conforme nossos desejos e temores. As ilusões, os equívocos e delírios da esquerda brasileira, que Caio Prado Jr já acusava naqueles anos; de par com a verdade estarrecidora sobre como se impôs a ditadura e se aniquilou a consciência política no Brasil; atualizam-se neste inventário de horrores, incursão por recessos arrepiantes.

Os que sobrevivemos lastimamos, por vezes, ter-se decidido o destino de nossa geração numa luta por um projeto inviável,

desinformado e equivocado quanto aos rumos da política internacional, por mais honestas que fossem suas intenções e por mais heróicos que fossem seus militantes. Ingênuos inexperientes, subestimávamos o inimigo, ignorando do que seria capaz a expansão capitalista; e superestimávamos o amigo, nunca imaginando desfeito e desmascarado o bloco socialista. Quando, ao fim e ao cabo, este esfacelou-se, deixando a todos perplexos, a profundidade veio à superfície, permitindo-nos avançar a compreensão de nossa circunstância. Impõe-se-nos entretanto, em sua teia de intrincados fios, a complexidade da questão. A História não nos pertence, mas nos define, com suas determinantes, sejam étnicas, políticas, psicológicas, sociológicas.

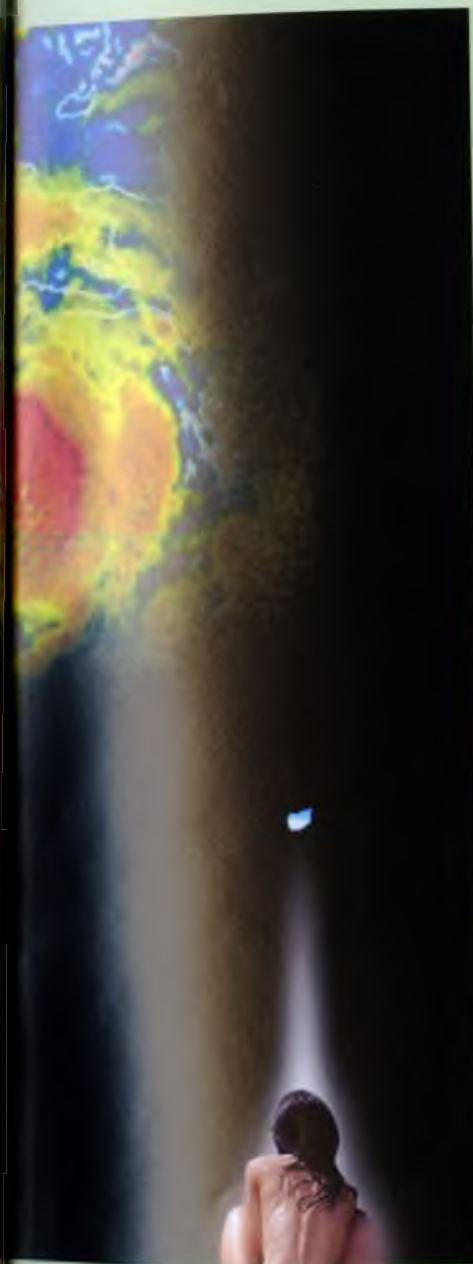
Indagar de Emmanuel, por exemplo, é inquirir o sentido da experiência que viveu uma parte sensível de minha geração. Paradigmático entre todos, talvez não faça sentido indagar quem seria Emmanuel se outra tivesse sido sua circunstância histórica, a salvo do surto que nos acometeu e do terror que nos desfigurou; pois ele foi afinal aquele em quem o converteu seu destino: emblemático dos que vão até o fim, por cima de pau e de pedra, fixos na convicção e determinação. Resta indagar, todavia, o que afinal o moveu e motivou. Valha como lembrete para esta indagação o espaço que lhe dedicou a atual presidência da Fundação José Augusto, como justa homenagem e símbolo de uma viva lembrança. ■



Passeata (trote dos calouros) dos alunos do curso de Direito, em 1967, pelo centro de Natal



Arte Digital de Flávio Novaes sobre fotogramas de Candinha Bezerra e Flávio Américo



## Carlos Gurgel (Poeta)

Bater com as mãos. Escutar o som da rua. Ouvir os outros como quem confessa pecados. Ritualidade. Quando se tem noite, lua e o silêncio do som e da poesia que falamos. Essa acentuada aventura de celebrar poemas e canções. Da sinfonia do pássaro que voa e recua. Orelhas e olhos. Pandeiros e advérbios.

É com a noite que me torno pescador de palavras e de tons. Parecido com o som que sai da rede que embala praias e varandas.

E o trem que traga trilhos e trilhas sonoras. O trem que vai e vem, repartindo estrofes geográficas. E a semântica romântica de uma janela ferroviária que passa e se perpetua. Tântricas imagens cercadas de rosas, promessas de sopros como nuvens que polvilham sambas, rocks e baiões. Como uma canção que responde a corações e ventres. Que assalta sonhos e sinos, soluçando cortejos e partituras.

Voz que eu canto e me encontro como um beijo guardado a vida inteira. Autografo sonatas e sonetos sem datas. E o som que você me pediu sai como um pequeno poema frágil, precisamente parecido com seus passos que carregam meu pulmão para bem lounge.

Releio como um ventilador que destila verbos e colhe sincronicidades, a cena e o tempo que o meu coração sugere.

Sou vocabulário da redenção do humano. Assepsia de celebração do amor e do riso que habita a noite insana.

Minha ferramenta é o silêncio. Mesmo que falhe muito. Mesmo que erre o erro vil. Mesmo sabendo que o quê se fala é fruto de muita azia gramatical.

Falo o que ainda não escrevi.

É como subir uma escadaria e olhar para trás e testemunhar os degraus repletos de vírgulas, interjeições, pronomes, exclamações, vogais e consoantes.

Pois eu faço música como quem faz poesia. Pois no meu repertório cabe escracho, esquadro e espelho refletido. Poesia como quem gosta da noite. E o som que sai da rua que a cidade mora é o sol que me cabe por inteiro.

Escrever e musicar sonhos é o mesmo que enviar pelo sedex fotos, escritos e a vontade de mudar o mundo.

Para mim (e só por isso) serei capaz de confessar pelas avenidas da cidade a manhã que não soufri.

Fazer som com a voz que vem do espírito que me carrega. E do que olhar e guardar como seu véu, o rastro que percorro. Porque cantar nada mais é do que confessar amores. Despir-se. Prometer palavras. O mais é servir ao tempo o seu mais precioso segredo: compor é ficar com alguém. ■



**Francisco José Alencar de Paiva**  
(Graduado em História pela UERN e mestrando do PRODEMA-UERN)

# Cultura popular e desenvolvimento sustentável

Numa época em que a maioria dos seres humanos preocupa-se cada vez mais com as questões ecológicas, repensando práticas e hábitos destrutivos, onde preservação e conservação são palavras que estão no centro de muitas discussões, cabe um questionamento sobre a preservação da cultura popular como fator de desenvolvimento sustentável, frente à massificação cada vez mais acelerada.

Uma economia humana seria o título de uma organização econômica e social, onde o termo humano esteja com todas as suas características respeitadas, uma vez que, a essência desse termo trás variadas e complexas faces: como a natural, por sua ligação inquestionável com a natureza, social por seu caráter gregário por definição, espiritual, por ser uma necessidade humana, cultural, porque tudo que



fazemos é cultura e a variedade de culturas é o grande patrimônio da humanidade; estando a cultura para o ser humano, como a biodiversidade para a natureza. A preservação da biodiversidade é de extrema importância para a continuidade da vida em toda sua plenitude e para qualquer projeto de desenvolvimento sustentável.

A preservação da identidade cultural dos povos constitui a única salvação do grande patrimônio da humanidade, ou seja, sua variedade cultural, frente à massificação que a sociedade de consumo nos impõe. Sabemos que o que resulta de um processo de degradação dos organismos vivos do solo é a desertificação, assim também ocorre com a destruição dos costumes, hábitos e cultura de uma região; torna seu povo estéril, e essa esterilidade de expressão e de produção cultural, reflete

enormemente na sua produção material. Vejamos o nosso sertanejo que quase não mais produz gêneros alimentícios ou utensílios com matéria-prima local ou com valores culturais do sertão. Hoje se importa de tudo, veja-se a extinção das feiras semanais das cidades sertanejas, as que sobrevivem, se assim podemos chamar, pois sobreviver significa ainda viver, e na sua essência essas feiras estão mortas, pois de regional, de produção local, quase ou nada têm. O comum são os importados de baixa qualidade, de quase nenhuma utilidade para a região no sentido de sustentabilidade econômica.

Sabemos que entramos num campo vasto, onde novos interesses e conceitos como globalização entrariam nessa discussão, mas entendemos que tudo isso está relacionado com o tema desse artigo, pois como pensar

em desenvolvimento sustentável num cenário como esse, ou ainda, como criar um pensamento de cultura regional, se esse sistema em vigor prima pela massificação. Vivemos num mundo de vizinhos virtuais e moramos ao lado de estranhos, consumimos de longe e pra mais longe vão nossas riquezas.

Desenvolvimento sustentável e movimentos de cultura popular estão intimamente relacionados à produção material local. Um país ou região que perde seus valores culturais, não pode pensar em desenvolvimento sustentável, pois o que vai produzir de sustentável se não valoriza suas potencialidades? Só se defende aquilo de que se gosta, ou em outras palavras, é preciso conhecer para respeitar e valorizar, só assim a utilização dos recursos naturais será de forma correta e o bem comum será prioritário. Portanto, isso também leva ao desenvolvimento de uma consciência favorável à preservação da cultura local.

Quando o meio ambiente nada diz, ou nada significa de concreto para as populações que nele vivem, os recursos naturais não representam nenhuma alternativa de sustentabilidade. Pensar sustentabilidade é respeitar o meio ambiente em que se vive, em suas especificidades naturais, sociais e culturais. É dentro desse pensamento que o incentivo aos valores locais surge como única saída, pois quem participa da vida social supera o individualismo, sai do egoísmo para pensar no desenvolvimento do grupo.

Muitos processos naturais apresentam um movimento cíclico, por exemplo, a água, assim também é a cultura: nasce da alma do povo e volta para fertilizar sua existência, portanto sustentabilidade da vida humana em toda sua diversidade implica valorização da cultura popular de cada região. Talvez fosse o caso de se criar uma lista das manifestações que estão se perdendo no esquecimento, da mesma forma que ecologistas divulgam listas com animais e vegetais ameaçados de extinção. ■



## Por David Clemente

Fotos: Acervo do autor

Algumas dezenas de livros empoeirados sobre uma estante enferrujada que transpira poesia; um grupo de bonecos de espuma; um trio de tambores; uma dupla de bolas circenses de acrílico; um casal de atores; uma radiola e muita criatividade. Tudo isso é o grupo de teatro Trotamundos, formado pelo ator Beto Vieira (Luiz Humberto da Silva) e a atriz Ana Celina, sua esposa. O Vieira vem do sobrenome da mãe do ator. “Já que no mundo artístico existe a possibilidade de ter um novo nome, resolvi homenagear minha mãe”, esclarece o ator.

Com seus 40 anos de idade – completados em julho –, dos quais 20 dedicados ao teatro, Beto é um laborioso ator que além de viver da arte, vive a arte. Ele conta que antes de 1984 não pensava em ser ator, mas não nega a importância que o folclore exerceu na sua formação cultural. Sobretudo no ano de 1979, quando morou em Caruaru/PE, e teve muito contato com o Boi de Reis e o Teatro de Bonecos. Em 1983, mudou-se para Natal, onde estudou na antiga Escola Técnica Federal do RN (ETFRN), atualmente Centro Federal da Educação Tecnológica do RN (CEFET).

Com os conhecimentos que ganhou, começou a trabalhar como técnico agropecuário em um sítio de Macaíba/RN, em 1983. No ano seguinte foi convidado pelo grupo de teatro Liberdade, de Macaíba, para participar do FESTA - Festival de Teatro Amador - que ocorreu em Natal. No FESTA, Beto conheceu o teatrólogo Luiz Maurício Carvalheira, que ministrou oficina de uma semana sobre a história do teatro. Apenas os sete dias corridos para

acumular novos conhecimentos, foram suficientes para desenvolver curiosidade e modificar a visão que o rapaz, então com 20 anos, tinha do que ocorria ao seu redor.

Durante o mesmo festival, o grupo Liberdade montou um esquete e em 1984 foi a primeira vez que Beto Vieira entrou no Teatro Alberto Maranhão (TAM). Desde então, trajou-se de uma postura profissional e não mais largou o prazer de interpretar. Ele também participou, ainda no festival, de uma assembléia promovida pela Federação Norte-Rio-Grandense do Teatro. Convite feito e aceito, passou a integrar a Federação. Beto considera que foi uma atitude precoce, já que não era, ainda, grande conhecedor da arte. Mesmo assim, a oportunidade lhe possibilitou contato com artistas, freqüentar congressos e outros festivais e fazer cursos voltados para sua nova paixão.

O grupo Liberdade foi o primeiro a acolher o ator, onde permaneceu por menos de um ano e saiu porque finalizou seu trabalho no sítio e teve que retornar para Natal. O grupo chamado “Toca Fole Bole Briga Come Tapioca Molhada no Beco da Quarentena”, ou simplesmente “Toca Fole” foi o segundo por onde Beto passou. Com esses atores não houve uma montagem de espetáculo, sua importância se deu porque havia muitas reuniões para estudo, o que serviu para desenvolver o lado leitor do interpretador.

No início de 1985 o grupo “Alegria Alegria” ressurgiu (no começo de 1984, um ano depois da estréia, o grupo quase foi extinto). No novo quadro de atores constava o nome de Beto Vieira. A intenção dos artistas na primeira fase era formar uma companhia circense, como a idéia não pegou, a partir da segunda fase, somaram o teatro e prevalece até hoje como um dos principais grupos



de Natal. Na companhia dos atores do “Alegria Alegria”, ajudou a popularizar o teatro de rua, participou de campanhas de saúde, quebrou preconceitos e levou o nome do RN para o resto do Brasil e exterior.

Em março de 1994 foi preso, junto com outros atores, devido uma apresentação em frente ao Palácio Potengi, na época Palácio do Governo, acusado de ofender o governador José Agripino. Depois de 30 horas presos, foram libertados. Pazes feitas com o Estado, seis meses depois o RN esteve em Portugal com a mesma peça. Portugal ainda recebeu a visita de Beto Vieira por mais duas vezes. Do outro lado do mar, fez contato com o grupo português “Marionetes de Lisboa” e planeja retorno em breve para passar uma temporada.

## Novas montagens

Em 1999 saiu do grupo “Alegria Alegria” e, junto com sua esposa, fundou o Trotamundos. “Eu queria trabalhar com teatro, pois de outra forma não seria

feliz”, explica o ator. O Trotamundos existe há apenas 4 anos e meio, mas há uma década são casados. É com orgulho que fala do enteado Vinícius, 14 anos. “Não fui eu que o adotei. Ele que me nomeou como pai e isso é maravilhoso”.

Nos últimos meses, Beto e Ana Celina trabalham de 8 a 12 horas por dia para montar uma peça. Atualmente, três espetáculos estão prontos e um em andamento. “Uma farsa no boi?!”, “Casudo: Canta lá que eu conto cá” e “E o palhaço quem é?” estão concluídos e à disposição para serem contratados.

“Sete notas de cordel em cena” é a próxima estréia do grupo. Trata-se de uma apresentação de rua, mas que pode ser levada para qualquer lugar. O texto, todo em linguagem de cordel, é do poeta mossoroense Antônio Francisco, dirigido por Nonato Santos, também de Mossoró, e musicado por Dudu Campos, Nazinho Viana e Zelito Coringa.

A principal atuação do grupo de teatro é em Natal, mas o Trotamundos já percorreu cidades como Mossoró, Macaíba e Ipanguaçu. E foi viajando que Beto e Ana Celina se conheceram, em um “Encontro de Teatro Popular”, em Icapuí-

Beto Vieira  
A arte de viver da arte

CE. Beto diz que ainda não participou de nenhum festival com o Trotamundos, porque é um investimento com retorno incerto ou muito lento. Mesmo assim, participará de um Encontro de Teatro Popular Latino Americano, em janeiro de 2005, em Santiago, no Chile.

Assim como muitos e muitos artistas, o projeto que Beto deseja para o futuro é abrir um espaço cultural. Ou melhor, montar um espaço cultural, já que a idéia chama-se "Teatrinho da Mata" e será a céu aberto. O local escolhido fica exatamente atrás do Museu Câmara Cascudo, onde, segundo ele, ainda há resquícios da Mata Atlântica. O nome oficial seria "Espaço Cultural Chico Daniel" em homenagem ao mamulengueiro homônimo. "Ele é uma enciclopédia viva do teatro de bonecos. E porque não homenageá-lo ainda em vida?"

Para a viabilização do espaço, o grupo está buscando parcerias. O Museu Câmara Cascudo já se comprometeu a ceder o espaço, agora falta o dinheiro para a adaptação e construção do palco e adereços. "A idéia é que os artistas se beneficiem com mais um espaço para apresentações. Isso é comum em outras cidades do Brasil", afirma Beto.



### Sem poder parar

O preconceito contra os atores nunca o impediu de realizar nenhum trabalho. Ele admite que ainda existe, mas já se reduziu bastante. Ainda assim, é um dos fatores que mais atrapalham o esforço dos artistas. Uma vez, ao adentrar uma

agência bancária para abrir uma conta-corrente, Beto foi perguntado sobre qual era o seu trabalho. "Teatro", respondeu. "Eu estou perguntando trabalho mesmo", retrucou o bancário para a surpresa de Beto, que tira toda a renda da sua família através dos palcos.

A principal preocupação dele e da sua esposa é a incerta entrada de capital. Se acontecer algum problema de saúde com um dos membros da família, os demais terão que parar tudo para o tratamento. Parar de atuar, significa não só a perda do seu emprego e renda, mas também da sua maior diversão.

Beto diz que é possível viver da arte em Natal e que gostaria mesmo de dedicar mais atenção à interpretação e direção, que são as coisas com que mais se afina no teatro. Mas, para manter-se, é necessário produzir oficina, fazer direção, cenografia, atuar e incorporar os palhaços "Sovaco" e "Axila" para animar festas e garantir a sobrevivência. ■



# 1 P O R T 3 1

## Maria Betânia Soares

(Professora de Línguas e Literatura)

**Romancista:** Guimarães Rosa

**Poeta:** Fernando Pessoa

**Livro:** Fragmentos de um Discurso Amoroso (Roland Barthes)

**Filme:** Lisbela e o Prisioneiro

**Diretor/cinema:** Pedro Almodóvar

**Ator/atriz:** Cláudia Abreu

**Pintor:** Salvador Dali

**Cantor/cantora:** Cássia Eller

**Compositor:** Gilberto Gil

**Música:** Todo amor que houver nessa vida (Cazuza)

**Peça teatral:** O Pagador de Promessas (Dias Gomes)

**Intelectual:** Bráulio Tavares

**Personalidade cultural do RN:** Câmara Cascudo

# Fabião das Queimadas

## A liberdade nas cordas da rabeca



Vinte e dois anos antes de ser decretado, pela princesa Isabel, o fim da escravidão no Brasil, o negro Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha, aos 18 anos de idade, comprou sua própria carta de alforria com o dinheiro que juntou graças ao talento de fazer poesia e tocar rabeca.

A história do rabequeiro, conhecido como Fabião das Queimadas, se passou entre os anos de 1848 e 1928, na fazenda Queimadas – origem do nome artístico do cantador – que, na época, pertencia ao município de Santa Cruz/RN. Atualmente, a fazenda é ligada ao município de Lagoa de Velhos/RN, emancipado em 1963. Recentemente, a população do local pôde reviver a história com as filmagens do documentário “Fabião das Queimadas: Poeta da Liberdade”, do cineasta, documentarista e jornalista José Alberto Dantas – Buca Dantas.

O filme foi selecionado entre mais de 900 de todo o país e exibido na mostra “DOCTV – Brasil Imaginário”, no dia 25 de setembro, pela TV Cultura. O projeto do MEC, com coordenação

nacional da TV Cultura de São Paulo, foi transmitido de 26 de junho a 18 de dezembro, com o propósito de fomentar a produção e teledifusão do documentário brasileiro.

O roteiro das gravações foi baseado nos registros deixados pelo folclorista Câmara Cascudo. Depois de conhecer a história do cantador, Buca Dantas ainda permaneceu por três anos apenas com a pretensão de transformá-la em filme. Foi então que surgiu a oportunidade de participar do DOCTV, que facilitou a captação de recursos de patrocinadores como o Banco do Brasil e a prefeitura de Santa Cruz.

Segundo o cineasta, a forma como o telespectador receberá as informações não é tão conhecida pelo público, pois o documentário foi feito para a televisão, porém com linguagem de cinema e enquadra-se na categoria de média metragem por ter 55 minutos de duração. Para obter o resultado esperado, foram mais de seis meses de trabalhos divididos entre dois meses de produção, um mês de filmagem e três meses de edição. Período em que cerca de cem

profissionais – quase todos potiguares – estiveram envolvidos no processo. Só os figurantes somam quarenta – naturais de Santa Cruz –, mais dezesseis atores que se revezam entre os sessenta personagens, além de técnicos, câmeras, maquiadores, figurinistas e pesquisadores. A música ficou por conta do potiguar Babal, a direção e o roteiro são de Geraldo Cavalcanti, de Macaíba/RN, a edição e montagem de Rodrigo Fernandes, a pesquisa e composição do figurino são assinadas por Nestormadenes e a maquiagem é de Nalva Melo.

Fabião das Queimadas é mostrado em três momentos principais da sua vida. Sua infância é interpretada pelo menino Pedro Tiê, 11 anos; a adolescência ganhou a cara de Ricardo Silva, 26 anos; e a vida adulta ficou ao encargo do ator Messias Domingos, 36 anos. Júcio Oliveira, 35 anos, é um quarto ator que também faz o papel de Fabião, porém de uma forma particular. “É um Fabião subjetivo que está na cabeça das mulheres”, explica Buca Dantas.

Na produção ainda há depoimentos do folclorista Deifilo Gurgel, do professor

da UFRN Tarcisio Gurgel e do neto de Fabião das Queimadas, o violero Raimundo Fabião. O enredo do filme vai de 1850 a 1890, ou seja, dos 2 aos 42 anos de Fabião das Queimadas. Buca Dantas diz que esse período compreende “do despertar até o casamento” do protagonista. A maternidade de Fabião das Queimadas é certa, ele é filho da escrava Antônia, que foi comprada pelo Major José Ferreira da Rocha, em um lote de escravos de Macaíba. Já a origem paterna do rabequeiro tem duas versões. A arquidiocese de Natal guarda a certidão de casamento de Fabião, onde consta como pai dele um escravo chamado Vicente. No entanto, a história transmitida de geração em geração pelos conterrâneos do artista é que ele era filho do Senhor de Escravos que comprou sua mãe.

Antes de conseguir ser livre, trabalhava como escravo doméstico. Aos 12 anos teve o primeiro contato com a rabeca, quando descobriu sua verdadeira vocação. Tendo seu talento reconhecido pelo Senhor dos Escravos – supostamente seu pai –, Fabião foi apresentado aos fazendeiros da redondeza e passou a trabalhar profissionalmente como tocador de rabeca. Segundo Câmara Cascudo, nunca se recusava para a cantoria. Entoou sua voz e instrumento em festas de apartação, vaquejadas, casamentos, batizados e em residências, inclusive, de Natal, de modo que pudesse cobrar pelo seu trabalho. Com os cachês,

ele consegue, aos 18 anos, comprar sua liberdade.

Já livre, passa, então, a trabalhar como carteiro também. Com as cartas e encomendas sob um braço e a rabeca sob o outro, perfazia, levando o tempo que fosse necessário, viagens de até 250 quilômetros. Cansativo, mas o necessário para juntar dinheiro suficiente para comprar mais uma alforria, a da sua mãe. Ao chegar à fazenda para buscá-la, encontrou sua sobrinha Joaquina Ferreira da Silva, por quem se apaixonou. Sua paixão não deixou que ele levasse apenas sua mãe para fora da fazenda. Comprou a liberdade da sua amada também, com quem se casou e teve, segundo os registros de Cascudo, 15 filhos.

Fabião das Queimadas morreu aos 80 anos na mesma cidade onde nasceu. Sua herança principal é o “Romance do Boi da Mão de Pau”, que teve suas 48 estrofes registradas na literatura por Câmara Cascudo no livro “Vaqueiros e Cantadores” e na música pelo projeto Nação Potiguar – realizado pelo Scriptorin Candinha Bezerra, em parceria com a Fundação Hélio Galvão.

Apesar de toda a sua contribuição cultural e autenticidade, no Sul do Brasil a existência de Fabião ainda é tida como uma lenda. Mas Buca Dantas afirma que essa realidade não permanecerá por muito tempo. “O filme vai desmistificar para o Brasil quem ele é. E o melhor, é do RN”, comemora.



## Romance do Boi da Mão de Pau

(Trechos iniciais)

- 1 *Vou puxar pelo juízo  
Para saber-se quem sou.  
Prumode saber-se dum caso,  
Talqual ele se passou.  
Que é o Boi liso vermelho,  
o Mão de Pau corredor!*
- 2 *Desde em cima, no sertão  
Até dentro da capitã  
Do Norte até o Sul,  
Do mundo todo em gerá,  
Em adjunto de gente,  
Só se fala em Mão de Pau.*
- 3 *Pois sendo eu um boi manso  
Logrei a fama de brabo,  
Dava alguma corridinha  
Por me ver aperreado  
Com chocalho no pescoço  
E além disto algemado...*
- 4 *Foi-se espalhando a notícia;  
Mão de Pau é valentão.  
Tando eu achocalhado,  
Com as algemas na mão,  
Mas nada posso dizer,  
Que preso não tem razão.*
- 5 *Sei que não tenho razão,  
Mas sempre quero falá,  
Porque além d'eu preso  
Querem me assassinar...  
Vossamercês não ignorem;  
A defesa é naturá...*
- 6 *Veio cavalo de fama  
Pra correr ao Mão de Pau.  
Todos ficaram comido  
De espora e bacalhau...  
Desde eu bezerro novo  
Que tenho meu gênio mau.*

# Jacirema da Cunha Tahim e o hermetismo literário

Márcio Simões (Graduando em Letras pela UFRN)

Em texto publicado em princípios dos anos 50, intitulado “Hermetismo e Crítica”, Sérgio Buarque de Holanda vai tratar de uma dificuldade cabal para a crítica de então, e que permanece ainda para a atual, por tratar-se de uma das características próprias das poéticas modernas – o hermetismo.

A palavra deriva do nome do deus grego Hermes, mensageiro de Zeus, portador de sandálias aladas, deus dos adivinhos e arautos, comumente associado aos diversos conhecimentos, senhor simbólico das ciências ocultas, e em nossos dias vem sendo aplicada, em literatura, para designar um texto ou poema de difícil compreensão, obscuro, de entendimento intrincado ou oculto, fechado sob si mesmo.

Prosseguindo sua reflexão, Sérgio Buarque desenvolve duas classificações, dois tipos distintos de hermetismo literário, quanto à forma: primeiro a que age... por um excesso de tensão e contensão.; e, contrariando a primeira a que procede por meio de amplificações, pela sobrecarga de elementos decorativos....

E quanto ao conteúdo, distingue três tipos: em primeiro lugar, um hermetismo que confunde-se, às vezes, com algum ardiloso artifício nascido do simples desejo de mistificar; a seguir, um tipo em que o autor nos remete continuamente a uma espécie de mitologia pessoal, na

qual a chave, uma vez encontrada, abrirá as portas à sua ampla compreensão...; e, finalmente, o conteúdo hermético que chamaria de maior, o que trata e representa realmente o mistério das coisas, e que é caracterizado por se distinguir do mero problema: este precisa ser resolvido, e uma vez resolvido, perdeu sua razão de ser: aquele – o mistério – há de ser sentido, respeitado, vivido. O mistério que se esclarece não é mistério.

É justamente esse mistério, – que mais sente a intuição do que entende a razão, – procurado pela poeta norte-riograndense Jacirema da Cunha Tahim, em seus dois livros de poesia lançados até então, “Poema” (Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1977) e “A hora Antes da Hora” (Companhia Editora de Pernambuco, Recife, 2002).

No primeiro, predomina nitidamente essa, das formas de que nos fala o autor do “Raízes do Brasil” a que age por um excesso de tensão e contensão. Trata-se de um livro de linguagem extremamente sintética, de simplicidade vocabular alusiva, elíptica, de versos comumente curtíssimos, onde as coisas não se nomeiam – por exemplo, quando ela que dizer lua: e é grave/a cheia escura... – em poemas nos quais não há reiteração dos temas nem desenvolvimento dos motivos e a construção rítmica predomina na determinação das estrofes e não o encerramento semântico das frases

– conjugação de fatores que explicitariam por si só, para além da aparente falta de intenção da autora em dizer as coisas de modo objetivo, uma compreensão dos textos dificultada.

No seu segundo livro, parece haver uma metamorfose da poeta, uma inversão dos parâmetros, um novo sopro sensível revertido em intenção construtiva nos poemas. Quanto à forma, predomina agora, ainda seguindo a pista de Sérgio Buarque a que procede por meio de amplificações, pela sobrecarga de elementos decorativos...; a poeta parece ressentir-se da síntese excessiva de seu livro anterior, que resultava algumas vezes não no seu efeito desejado, a densidade, para findar numa vaguidão por demais indeterminística, e passa a produzir poemas mais caudalosos, nos quais há não só a reiteração dos topoi, mas o seu desenvolvimento – carne aos ossos nus.

E o que se vê é ganho: há uma maior abertura da poeta, uma maior comunhão com as coisas, uma maior elasticidade espiritual, o “mundo” se faz mais presente – não como algo necessariamente circunscrito ao entendimento dos sentidos individuais, mas como algo independente, que sem censuras ou pré-conceitos se contempla e se expõe, se retransubstancia em poesia: sacralização – não é a poeta portuguesa Sophia de Mello quem diz que a vida é um Deus e que nossa atenção e ele/ela é todo o louvor que nos pede? Há uma

vontade predominante de impingir símbolos às coisas, de desvelar-lhes uma dimensão mitológica. É uma poesia mais vivaz, exortativa, direta. O vago dá lugar a uma maior precisão, as imagens não se erguem mais sobre os artifícios da linguagem (branca paisagem/nos veste/onde servimos,...), mas partem do estímulo interpretativo das coisas reais (Amendoeiras de luz/ No crepúsculo da tarde.)

Há um compactuar com o derredor: nem mais está sozinha/a sua solidão e não mais a frieza estilística e o vazio emotivo de seu primeiro livro: solitário/é o que/ sustenta/de pé/o peso das/ausências.


Trata-se, pois, de um volume mais rico de imaginação e verve.

Mas a poeta ainda não se faz para muitos: o obscuro frequentemente permanece e ainda resta vago, por vezes não atinge de cheio o seu objetivo: o mistério – permanecendo em boa parte dos poemas apenas nas referências à mitologia pessoal ou no intento do efeito... Faltando referências básicas para a fruição do leitor, cai-se num tipo de poesia onde o risco de escrever apenas para si é aparente.

Mas seria ingênuo de nossa parte achar que a autora não tem consciência disso, no mesmo livro ela escreve: Para quem servirá, senão para alguém que surpreendido, lentamente e sem saber, senta à mesa e acende sua lâmpada?. Ou seja, pode-se inferir que há uma real, se

não intenção, falta de dar importância à comunicabilidade – coisa com que vários poetas nunca se preocuparam na verdade – e a adoção de um certo caráter iniciático, de algo feito para poucos, revertido em hermetismo. Há um conjunto de símbolos que não se decifram, seja porque não se retomam ao longo do texto onde estão ou em outros, seja porque façam alguma referência possível a literaturas do repertório da autora ou a algo simbólico dentro de seu universo subjetivo, seja por esse desleixo intencional com relação à clareza...

Por isso, acho certo o fato desta poesia ganhar sobremaneira quando tem um núcleo ideativo específico que a amarre coesivamente e revele seus fundamentos referenciais. Quando fala do mar, por exemplo – e nestes versos há verdadeira maestria: Eis os meus cavalos,/Minhas bonecas de espuma!/Teimosa cabeça nasce das ondas,/Nada há que a tenha,/o que estende à areia/A si mesmo recolhe,/ Nem seixos, pedregulhos ou estrelas/nem os pequenos passos da infância sua miúda gente/Nada. Branca página ou/ Virgem areia,/De desnuda procura/se quer o perene recomeço. Ou ainda no poema curto, em que capta o essencial numa imagem concentrada: Se não fosse a luz/O vinho não teria/seus anéis de cristal/Parente das estrelas.

Estes sim versos precisos e que contêm algo dos sentidos do mistério de cada dia de nossas vidas, tema essencial e perene de toda a arte. 

Jacirema C. Tahim

A hora antes da hora



JACIREMA DA CUNHA TAHIM

POEMA

tb

**Francisco Morais** (Poeta)  
Ilustração: Fernando Galvão

Roupa de cor-anoitecendo, com manchas de crepúsculo. Sujo de infâncias assentara uma membrana negra sobre a pintura azul e o róseo insinuado das peças de dentro. Suspiração contida para cristão não ver e nem perceber. Feição sob suplício, na direção de um céu que ultrapassava o telhado alto da casa. Como poderia haver um céu mais alto que aquela cumeeira? Mas havia. Ali estava ela: transitiva,

pedindo complemento ao transmundo e, ao mesmo tempo, entronada neste. Gente só acredita mesmo em santo pré-morrido, em contínua véspera de passagem. Foram eleitos para aquela imorrência adiada, em vigência de muita reza e purgação dos disparates alheios. Os santos infinitamente suportam.

Manoca Santeiro perenizava a aflição dos santos, para socorro dos crédulos. Santíssima nascera da dor vegetal de uma vergôntea, quando a faca de Manoca rasgava sulcos na carne da madeira. Os talhes eternizaram dores

gemidas pelo silêncio da escultura. Nascera dessa indigência entre-santa, numa pobreza que a fizera mal pintada, mas capaz de colher arrependimentos até de crimes jamais praticados pelos seus contritos. Nascera e se plantara naquela terra de verde-escasso, onde os oratórios floresciam em papéis de presente. Do que todos lembravam, já era sacro-santificada desde quando se deu por conhecida. Tinha conduta de renda delicada, dessas que adornavam as frentes de Chica Justa, quando esta passava de mantilha na cabeça, transida

# Santíssima



no leito da rotação, para desaguar os seus sigilos no vão da igreja. Chica Justa era uma estátua esculpida em carne grossa, sobre o trono de dois peitos grandes e redondos, donde emergia sua robustez, como uma esfinge.

Santíssima purificava-se nas lavagens de roupa, acudindo-se com umas cantiguinhas que choramigavam para dentro de suas inconfissões. Punha-se a esfregar menos as roupas do que sua própria alma, esse avesso das carnes, situada sempre mais lá para dentro dos cárceres, até doer uma falta de fôlego, um desespero de chorar, um pavor escuro, uma carência irresponsável de ter medo, um rebentar vegetal, uma incontença. Ao sol, Santíssima derretia-se em suor sobre as pedras, num deleite de saber-se e ignorar-se, indiferente ao mundo imediato, cumprindo-se nas bolhas de sabão que estouravam antes de vigorarem em existência própria. Zezé gostava do cheiro de Santíssima, quando ela se punha imagem no resguardo do oratório. Perto da cruz, havia uma lua de brilho mareado, tão alta quanto a do céu, na eterna penumbra do quarto. Santíssima era somente sonhada, uma não-realidade premente, uma regência na vida do menino. Era concreta como o azul do céu, existente; cor de trovoada. Bendita. Humana como teia de aranha atrás das portas. Sempre sorrindo coisa boa, sem manifestar dor de doer. Zezé proibia-se, em público, quando dela falavam. Suspendia-se de existir. E ofegava uma reserva de defesa que lhe escudava. Transmutava para o lado donde de ninguém se dá definição. Santíssima era propriedade de sua mudez, como tapera a se oferecer em especulação, em rumor, em nada que dói pela adstringência que provoca na alma. Há um ouvido de escutar sabres velhos, ignorados, rumorejantes. Zezé vivia de argúcias.

Não eram raras as vezes que Santíssima estalava a matraca, pois estes anjos passam o dia nesse pa-pa-pá de asas, nesse vuco-vuco, nesse amancebo: o

não-suficiente. Que fossem buscar água para encher os potes, que aticassem o fogo, que fizessem alguma coisa para não criar cafifes nas asas, pois para isso são que servem asas que batem apenas nas traquinagens. E só se via anjo em debande, legiões, ajudando a Santíssima nos afazeres da casa. Das quatro da madrugada às dez da noite, tais afazeres nunca se davam por concluídos. E os anjos se alvoroçavam em chusmas que iam e que vinham, bocas caladas, rindo-se às escondidas, esbarrando uns contra os outros, a propósito, chafurdando. Pouco tomavam banho. Na época da safra, estavam sempre com as barrigas bordadas pela poeira que se grudava nos pingos de água das melancias que chupavam pelo roçado.

Raspavam as cascas e a ação da raspagem aspergia um borrifo róseo sobre os buchos dos serafins e querubins. Quando secava, a água adocicada virava um visgo que tatuava formas estranhas na pança dos barroquinhos. Para que serviam aqueles anjos, senão para dar trabalho? Já não bastava a luta de todo dia? Mandavam sempre legiões deles para Santíssima tomar conta, sobretudo no meio e no fim de cada ano. Para quê? Vivia propalando esta contínua interrogação a quem nada podia fazer, enquanto encaminhava solução para os problemas que ela mesma criava para resolvê-los, um a um, como se aprazasse tê-los aos montes. Poucos anjos tinham paciência de se conduzirem sob as ordens de Santíssima. Uns sonsos: isso o que são. E, para acalmá-los, à noite, recorria das chinelas de couro cru. Era como sossegavam asas, já maquinando as pequenas traquinagens do dia seguinte. Santíssima ainda barulhava negócio de meia hora, antes de apagar a lamparina e entrar para o oratório. Palanganas, bules, painéis, troçames. Zezé deduzia os sons, no claustro de sua rede. Depois o mundo dormia profundo com medo da caipora, das onças e das visagens, esses viventes que tomam conta da escuridão desgovernada, enquanto os

mortais desvivem. Zezé não sabia o que Santíssima fazia, antes de adormecer, mas deduzia que eram coisas de gente entre-santa, coisas que ele não deveria saber para não desencantar. Apagava-se com as lamparinas, até o sol acender a luz do dia pelas frestas das janelas.

Quando os passarinhos começam a chilrear, Santíssima já sibilava os últimos cochichos de suas orações. No silêncio da madrugada, Zezé escutava o palavratório das rezas, ouvindo Santíssima puxar e sustar o fôlego, transformando-o em metros e metros de rogos, a cada vez, deixando o menino insone e quase ofegante. Os anjos dormiam como pinturas esquecidas, estirados nas redinhas que fediam a mijo.

Santíssima era benfezja como uma chuva boa, sem ventos e sem trovoadas, esbanjando um carinho, ora áspero, ora aveludado, a seu modo, como herdara da índole da terra, donde viera, e da conduta de Manoca, o pai de quase todos os santos da redondeza, desde a Bolandeira até o Alto da Seriema. Os anjos, tão conjurados pelas traquinagens, arrancavam lágrimas e cafunés, de Santíssima, ao completar-se o tempo de voltarem ao cotidiano celeste. Quando chegavam, vinham de auréolas acesas, como luz de vaga-lume. No fim das férias, raro o anjo que ainda as possuía para voltar ao céu como chegara, agravando ainda mais as preocupações da santa. Chorava ao abençoá-los, abraçando-os, cheirando-os e ralhando, tudo ao mesmo tempo: "tome juízo, tome juízo!"

Houve um tempo de absoluta calma nas saliências daquele sertão de topografia inquieta. Zezé apagou-se com as lamparinas e acordou com a ausência dos sibilos da santa. Inventaram explicações feitas com umas inocências rudes e deportaram os anjos para fotografias de gente que já morreu. De Santíssima, só a dor das vergôntes, insinuada no rangido noturno, quando as almas penadas dos vaqueiros corriam por dentro do mato, na tropelia de um vento doído. ■

**Nelson Patriota**  
(Escritor, jornalista e tradutor)

Ilustração: Jean Sartief

Sabem todos que conhecem Olavo Seixas, artista plástico da minha cidade, que ele é dado a idéias excêntricas. Essa impressão, porém, talvez seja fruto de uma avaliação apressada de sua arte, despojada e excessivamente abstrata, o que deixa a maioria de seus apreciadores em visível embaraço quando chamados a

opinar sobre o que vêem nas suas telas. Para a maioria das pessoas, “ver” uma tela é fazer uma leitura imagética do conjunto sugerido por cores, traços e planos, buscando captar-lhe um sentido que suspeitamos oculto, à princípio, por isso requer leituras sucessivas e redobrada atenção. A dificuldade reside justamente em que as telas de Olavo Seixas praticamente não apresentam traços; tudo são cores, geralmente fortes, recamadas em ondas irregulares que se

irradiam de diversos centros, encontram-se a meio caminho e confundem-se mais adiante, quando não se perdem de todo nos extremos da tela. Um crítico amigo meu comparou-as à música atonal, cujas melodias obedecem a idêntico princípio aleatório. Esta foi a coisa mais concreta que ouvi alguém pronunciar sobre a arte de Olavo Seixas.

Excêntrico é um adjetivo que Olavo Seixas também rejeita para si, preferindo dizer-se apenas um místico, sem preocupar-se em conceituar o grau e a natureza do seu misticismo, cuja expressão mais perfeita, embora não tão evidente para todos, seriam as suas telas.

Foi como um místico que Olavo Seixas apresentou na última reunião do nosso clube social, encerrando as atividades anuais que antecedem o ciclo natalino. Em flagrante oposição ao ceticismo de uns e à aberta descrença de outros, o conhecido artista insistiu na atualidade e importância do misticismo para os nossos tempos, lembrando momentos marcantes da fé cristã em obras de Dickens, Dostoiévsky, Eça e Machado de Assis, sem demorar-se nas possíveis diferenças de idéias que separam esses grandes escritores. Interessava-lhe mais de perto os pontos comuns, dos quais um sobrepairava aos demais: a fé que ousa desesperar de si, mas espera em Deus.

Dominado pelo espírito do ecumenismo posto em voga, por estes dias, pelo Vaticano (ainda sem resultados aparentes), Olavo Seixas lembrou palavras e feitos do apóstolo Paulo, de Santo Agostinho, Allan Kardek, Madre Tereza de Calcutá e Paulo Coelho. Desse modo, conseguiu agradar a todos, até onde pude observar. Ao encerrar suas “humildes palavras”, recebeu como resposta uma efusiva salva de palmas, o que não me surpreendeu nem um pouco.

A título de contribuição para uma futura história da nossa modesta instituição clubística, registro, a seguir, alguns trechos que guardei de memória de uma

conversa que tivemos à saída do clube, e que prosseguiu numa prosaica mesa de bar situada à sombra de uma algarobeira, em pleno fastio do meio-dia. Em compensação, serviram-nos uma cerveja que bem poderia chamar-se polar, de tão gelida, além de saborosíssima, se a memória do paladar não me trai.

Nessa nossa conversa reservada, Olavo Seixas pôde discorrer mais livremente sobre o seu tema favorito: o espírito do Natal, força mística capaz, em sua opinião, de promover uma virtual mudança de rota no largo e expandido ceticismo da atualidade. Faço apenas uma ressalva: algum despropósito que salte à vista ao longo dessa conversa, (em que apareço discretamente a fim de fazer sobressair o verbo fácil e elegante do meu amigo), deve ser creditado à minha claudicante memória.

“Sabe você o quanto a obra de Machado de Assis significa para mim. Adquiri o hábito de ler A Missa do Galo à proximidade de cada Natal, época que costumo vivenciar dentro do mais puro espírito cristão, como um arauto de boas novas. Sei que as pessoas em geral estão mais habituadas às más, do que às boas notícias, por isso podem estranhar essa minha visão de mundo. Entendo que isso é consequência do contágio do mal. Mas creio firmemente que ainda é tempo de corrigir o vício antigo. Você pode indagar, talvez, por que insisto em ler, à essa época do ano, a Missa do Galo. Minha resposta é que esse conto representa para mim uma espécie de preparação para o Natal. Se o li na infância? Não, com certeza. Só vim a conhecê-lo na biblioteca de um tio com quem morei durante alguns poucos meses, antes de prestar o serviço militar. Desde então o leio anualmente, o que significa que este ano farão 32 anos de leitura. Você tem razão, é preciso renovar o espírito do Natal todos os anos. Isso quer dizer que ele sofre um processo de desgaste no decorrer do tempo. Não sei por que isso ocorre, nem quando ocorre exatamente. Sei que é preciso renová-lo. É curioso isso que você me pergunta:

onde se encontra o espírito do Natal na Missa do Galo? É curioso, também, que eu nunca tenha me feito tal pergunta. Respondendo assim meio de afogadilho, eu arriscaria dizer que esse espírito se encontra disseminado um pouco em toda parte no conto: no ambiente noturno da casa assobradada da rua do Senado e seus singularíssimos personagens: o arredio narrador, sua insinuante ti e até no marido desta, ausente, no conto e, com certeza, aninhado nos braços da amante. Para mim é simples, sem a missa do galo, coisa que está para acontecer na corte e que será um acontecimento ímpar na vida do jovem estudante – tanto é que ele faz hora para a ela assistir pela primeira vez, valendo-se de uma velha edição de Os três mosqueteiros, de Dumas –, a história contada por Machado não teria qualquer significado especial. E é aí, talvez, que se encontra, meio abscondido, o espírito do Natal. Claro, Machado era um cético, mas você sabe que malgré lui mème, como dizem os franceses que ele tanto amava, (talvez menos que os ingleses, mas ainda assim amava), apesar do seu ceticismo, Machado criou um ambiente perfeito de conto de Natal no espaço em que circunscreve sua história. Um conto de Natal moderno, entretanto. Isto quer dizer que desprovido dos excessos de dramaturgia praticados por Dostoiévsky e Dickens sobre esse tema.

O lado mundano da obra-prima machadiana, que é o jogo de sedução que se dá entre Conceição, a esposa do tio do narrador, (um certo Menezes que “traz amores com uma senhora casada, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana”) e o jovem estudante provinciano, no interior de uma casa assobradada e iluminada apenas à luz de velas, é só sua parte acessória. Em todos os recantos do sobrado paira o espírito do Natal. Se seria eu o único a percebê-lo? Se eu concordo que o próprio Machado o desmentiu naquele célebre verso do seu Soneto de Natal, que está nas Ocidentais: “Mudaria o Natal ou mudei eu?”. Objetivamente,

não. O fato de Machado escrever sobre o Natal em prosa e em verso revela que ele estava, de algum modo, imbuído do espírito dessa festa cristã. Para que serve tal espírito? Não estou preparado para responder a perguntas tão diretas, mas, vá lá! O espírito do Natal serve para a gente armar-se de esperanças para o ano que está para chegar. Não o compararia a uma droga, talvez a um bom vinho, que nos deixa mais leve para relevar os obstáculos e renovar projetos de vida. Sem olhar para os lados, rigorosamente. Refiro-me aos detalhes desagradáveis da vida: a pobreza, as doenças, a violência das ruas, a insegurança das nossas casas, as decepções e coisas que tais. Se eu olhasse esses detalhes abdicaria do espírito natalino. Claro, seria um pessimista. Como faço para ignorá-las? Se eu disser que finjo que nada vejo dessa espécie de coisas estarei sendo parcialmente honesto. A parcela de hipocrisia que sobra, porém, não me preocupa. O mundo dá exibição diária de faltas piores e de que as pessoas parecem não se dar conta. Mas façamos um brinde ao espírito do Natal”. À nossa frente caminhava nesse justo momento um esqualido e sófrego papai-noel, suando em bicas sob o sol da tarde de verão. Ia tão desatento ao seu papel de provedor da alegria das crianças que ignorou um pequeno grupo de meninos de rua que tentavam atrair sua atenção, puxando na manga de sua surrada casaca vermelha e branca (herdada de outros natais), na esperança de receberem algum mimo. Ocorreu-me que eu embaraçaria o meu amigo se lhe inquirisse pelo espírito de Natal daquele deplorável e triste papai-noel. Prefiri evitar tal vexame. Não combinava com o espírito natalino daquele momento. Mudaria papai-noel ou mudamos nós? indaguei comigo mesmo. Como não obtive resposta, prometi-me que leria outra vez, dessa vez mais cuidadosamente, o conto e o soneto natalinos de Machado. Daí talvez obtivesse respostas para a minha indagação e a dele. ■



Um conto de natal

**Chico Preá** (Poeta)

Ilustração: Flávio Freitas

“Eu não gosto de você, Papai Noel/nem deste seu papel/de vender ilusões à burguesia”. Era assim que começava um poema ouvido na infância, de cujo resto e autoria nem lembro mais. Contava a história de um garoto, cujo pai, trabalhador de uma fábrica de brinquedos, fora preso na noite de natal, por ter roubado um trem de plástico para presentear o filho. A polícia levou o trem e o pai preso. Naquela noite, Papai Noel morreu.

Agora me lembro disso. Exatamente na noite de natal, sem uma pataca para comprar o brinquedo de Chiquinho, que foi dormir esperando a visita do velho de barbas brancas. Eu e Albertina procuramos uma solução. “Só se você fizer umas balas com resina de cumaru”.

“Mas eu fiz isso no ano passado”. Era verdade. “Vou dizer que Papai Noel atrasou e chegará no fim de janeiro”. Albertina lembrou: “Essa foi a desculpa que você deu no ano atrasado”. Fora mesmo.

Entramos pela noite, com muita idéia e pouca solução. “Tem de haver um jeito”. Ouvimos um barulho vindo da rua. Albertina assustou-se. “O que é isso?” Não era nada. Apenas o movimento do Festival de Gastronomia que estava ocupando a cidade. Expliquei para Albertina que eram os restaurantes chiques da Capital deslocados para nossa cidade. “Pra vender a quem”? Ela quis saber. “Os fregueses deles também vêm. Nós só oferecemos o chão da praça. E se quisermos encher a pança vamos à lingüiça de Rita Baliza ou ao cachorro-quente de Tomé Borrego, na travessa que vai para a Casa de Cultura Popular. Na praça, mesmo, não pode ficar pé-rapado não”.

Foi aí que Albertina fez uma observação que me encafifou: “Essa história de Festival de Gastronomia, numa região que tem muita gente passando fome, parece muito com os brioches de Maria Antonieta. Aquela Rainha que perdeu a cabeça depois de perguntar por que o povo não comia bolo, já que estava faltando pão”.

Madrugada adentro. Reflexão e a decisão tomada por Albertina, que me convenceu. E veja que não sou manicaca. Mas Albertina sempre tem razão. “Já decidi qual vai ser o presente de Chiquinho. Ele está próximo dos seis anos e merece este presente”. Eu quis saber do que se tratava e Albertina respondeu: “O presente de Chiquinho será a verdade. Essa história de Papai Noel, cheio de neve, no sertão onde a única coisa parecida com neve era o algodão, que o bicudo acabou, não tem por que fazermos parte dessa mentira. A verdade será o presente de Chiquinho”.

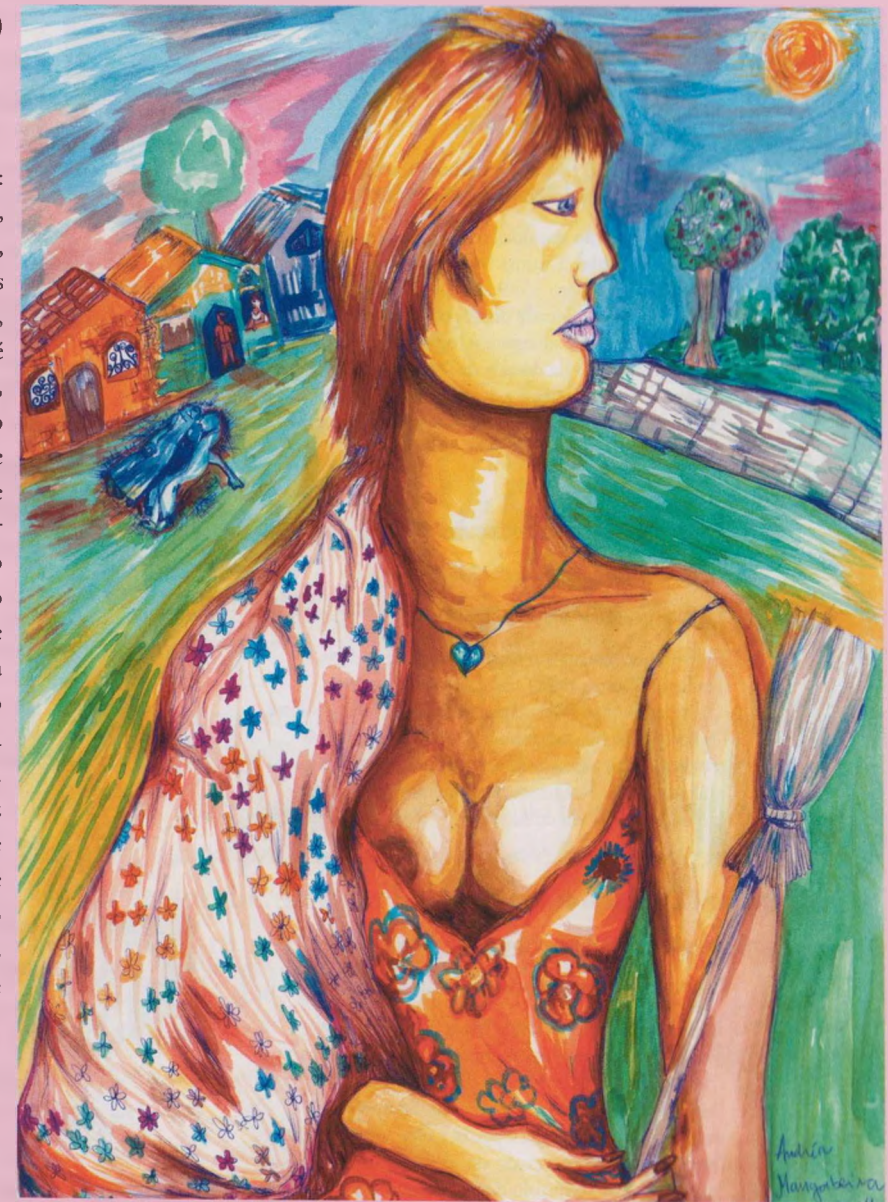
## C o n t o d e n a t a l



**Théo G. Alves** (Contista e poeta)

Ilustração: Andréia Mangabeira

Foi ontem, eu me lembro muito bem: os corpos amontoados na calçada, já um tanto escuros e levemente fétidos, caídos como papel de bala entre os pés do povo. Eram em um número qualquer, algo entre três e sete, um número que até agora não entendo e que, por isso mesmo, não posso precisar. As crianças brincando em volta dos corpos que, lentamente iam perdendo ainda mais a cor de gente viva, e as viúvas passando sisudas por cima deles com todo o cuidado para não sujarem os pés, eu lembro-me muito bem. Eles não estavam lá, pensei, e pude ir para o trabalho. Amanhã, saí de casa e eles ainda estavam lá. Os mesmos, o mesmo número. Um cachorro aquecia um deles, deitado por cima do corpo, como uma criança embalada. Talvez fosse seu dono. O cheiro ficava mais forte e atrapalhava visivelmente o perfume de pães frescos que vinha da padaria do outro lado da rua. As crianças maiores cutucavam com varas os três ou sete corpos estendidos na calçada. O dono da casa olhava com reprovação para os mortos, que se sentiam claramente encabulados. Sentei na calçada da padaria e vi-os como quem assiste a um Otelô mal interpretado. Não havia prazer: havia interesse, não sei exatamente em quê, mas interesse, eu confesso. Pensei em tirá-los dali constantemente, mas perdia-me sempre nos ombros brancos de umas mocinhas que passavam sempre muito bonitas pela calçada e tinha-me por esquecido das últimas decisões. Os corpos continuavam sobre a calçada. Gente apressada que passava sem vê-los, operários consternados demais com a vida para estarem preocupados com a morte alheia, donas de casa com seus maridos na barra da saia, preocupadas



## Os homens na calçada

côm a escola dos filhos e filhos brincando demais para saberem da morte. Ninguém disse nada. Ninguém fez nada: nem eu, que apenas assistia armado de toda a inutilidade do mundo. Até que depois de amanhã, uma senhora de pele muito alva e dedo de pianista aproximou-se dos três corpos e do cão, que deixou a cena lentamente. Olhou-os e os tirou da calçada, levando-os até o meio da rua, um por um, com muita dificuldade. Eu poderia ajudá-la, era minha obrigação fazê-lo. Trouxemos juntos os últimos e os deixamos lá, descansados no meio da rua. A senhora, um tanto trêmula devido ao esforço, olhou-me sorridente e agradeceu, explicando que eles já estavam enfeando a frente de sua casa.



**Esquina da Tavares de Lyra com a Dr. Barata**

- Centro convergente e irradiador da vida natalense

**Autor:** Djalma Maranhão

**Organizador:** Cláudio Galvão

Sebo Vermelho Edições (Av. Rio Branco, 705 - Centro - 59024-002 - Natal-RN. Fone: 9401-9008)

Neste livro, estão reunidas reportagens do ex-prefeito de Natal, Djalma Maranhão, publicadas no Diário de Natal, em 1949. Nelas, ele lança um olhar sobre a Natal da década de 40, concentrando sua observação em personagens e lugares do centro vital da Natal dos fins da década de 1940: a confluência entre a rua Dr. Barata e a avenida Tavares de Lira. Acompanha o livro, notas de rodapé e um glossário escrito por Cláudio Galvão.



**O Caga Raiva... e outros causos**

**Autor:** Orlando de Alencar Martins

Editora: Gráfica Manimbu/Fundação José Augusto

O livro, que tem apresentação do também escritor François Silvestre, reúne 152 causos escritos por Orlando de Alencar Martins, tendo como foco principal "figuras" do sertão nordestino. Os temas abordados são os mais diversos, como casamento, avareza, eleição, vingança, sexo. Nos textos predominam o humor e a picardia de Orlando de Alencar.



**Um tolo desejo de azul**

**Autora:** Márcia Maia (marciamai@uol.com.br)

Editora Livro Rápido (www.livrorapido.com.br)

A poetisa recifense Márcia Maia é uma ativa integrante do movimento cultural pernambucano, com ramificações em Natal e no resto do país. Publicou poemas na revista Poesia Sempre, participou da antologia Poetrix e teve seu primeiro livro "Espelhos" premiado no 3º Concurso Blocos de Poesia. Em "Um tolo desejo de azul", Márcia "despe-se dos sentidos num lirismo que absorve e alimenta suas atentas leituras do invisível".



**Felice**

**Autora:** Lisbeth Lima de Oliveira

Sebo Vermelho Edições e Bagagem Editora

Lisbeth Lima chega ao seu segundo livro (o primeiro foi "Dormência", editado também pelo Sebo Vermelho), mais madura e fazendo uma poesia vigorosa. "Em 'Felice' a paraibana Lisbeth Lima reúne poemas que são cartas de amor, mas cartas de amor de quem se mostra a um só tempo apaixonada pela linguagem e pelo amado, seja ele real ou fruto do fingimento do eu lírico", resume o poeta Sérgio de Castro Pinto, na orelha.



**Notas de carregação**

**Autor:** Oswaldo Lamartine de Faria

Edição: Projeto Nação Potiguar (nacaopotiguar@uol.com.br)

"Notas de carregação", do escritor e etnógrafo potiguar Oswaldo Lamartine, editado pelo projeto Nação Potiguar (Scriptorin Candinha Bezerra e Fundação Hélio Galvão), reúne escritos publicados em diferentes órgãos da imprensa do Rio de Janeiro e Natal, nos últimos 15 anos. A temática é regional - sertões da caatinga - e ecológica. Confira o importantíssimo acervo de livros e CDs do Nação Potiguar no site nacaopotiguar@uol.com.br.



**Proemas**

**Autor:** Volonté

Edição do autor

Depois de alguns anos de silêncio, Manoel Fernandes "Volonté" volta a agitar Natal com um livro de poesia. "Proemas", que tem como subtítulo "O caminho das últimas estrelas", mostra que o poeta continua afiado, dono de um estilo muito pessoal de fazer poesia. O livro traz orelha de Ângela Almeida e apresentações de Dorian Gray Caldas, Zé Gaudêncio Torquato, Sérgio Murilo L. Nascimento e Cid Augusto. "Poesia/luxo/necessário", diz o poeta em "Los Campos".



**Fundação José Augusto - 40 anos (1963-2003)**

**Autor:** Equipe do CEPEJUL

Editora: Fundação José Augusto (Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120 Natal-RN)

Elaborado pela equipe do CEPEJUL (Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine), da Fundação José Augusto, o livro conta a história da instituição, de 1963, ano da sua criação, até 2003, quando completou 40 anos. Ricamente ilustrado, traz ainda um apêndice, com dados biográficos de patronos e madrinhas dos órgãos da FJA, bem como um glossário, para facilitar a leitura.



**Toques & Cantares - Tibau do Sul**

Projeto Nação Potiguar

CD faz o mapeamento sonoro da praia de Tibau do Sul-RN, com os seus cocos-de-roda, cantar de farinhada, jornada da lapinha, jornadas de pastoril, cantares de excelência, toada de bois-de-reis e bambelô. Conta com participações especiais de Dominginhos, Gereba, Elomar, Mônica Salmaso, Carlos Zens, Mestre Cobrinha, Naná Vasconcelos, Walter Franco, Ná Ozzetti, Isaque Galvão, Xangai e Renato Braz, entre outros grandes nomes da MPB.

# POESIA POTIGUAR

João Andrade é professor de Literatura. Foi um dos editores da "Folha Poética". Participou das coletâneas "Novos Poetas do Rio Grande do Norte - FJA-RN", "Poetas Brasileiros de Hoje", "Novas Poesias Brasileiras - Shogun-RJ" e da "Antologia Literária" I, II e III - SPVA-RN. Participou do projeto "Poesia Circular" e mantém uma página de poesia na Internet (www.terravista.pt/baiagatas/3464). Foi ganhador dos prêmios literários Luís Carlos Guimarães (2003), promovido pela Fundação José Augusto, e Othoniel Menezes, realizado pela Fundação Capitania das Artes.

*Eu, Ícaro,  
fabriquei labirintos  
e minhas asas foram:  
a ilusão que não tive,  
a esperança que perdi.  
Nada restou de mim.*

*Hoje, tentando reorganizar  
minha vida,  
faço curso para querubim.*

*Vazio,  
trago abismos  
para te ofertar.*

*Do ápice à base  
tudo na vida  
envereda.*

*Em troca  
te peço pouco:  
a queda.*

*Por uma questão de estética,  
meu caos é em ordem alfabética.*

*Não escrevo  
porque quero,  
os versos se formam  
em mim,  
eu só espero.*

*Sou como as estações,  
no inverno, inverno  
na primavera,  
primavero.*



# CARNAÚBA DOS DANTAS

*Terra do Monte do Galo e de grandes músicos*

*Carnaúba dos Dantas  
Cidade da música  
A terra do compositor  
Carnaúba tem música rodando  
Até no exterior*

*Tem música no Vaticano  
Onde mora o grande pastor  
O papa João Paulo  
Representante de Nosso senhor*

*Carnaúba deu grandes artistas  
Deu músico e compositor  
O saudoso José Venâncio  
Foi ele quem começou*

*A música em Carnaúba  
Foi José Venâncio quem iniciou  
Aí vem Tonheca Dantas  
E chega com um grande tema  
Escreve uma linda valsa  
Dá o nome de Royal Cinema*

*Chega a família Lúcio  
Deu dois grandes compositores  
O saudoso Pedro Lúcio  
Felinto Lúcio foi quem  
continuou*

*Trecho de Carnaúba dos Dantas -  
Terra da música (Zé Leandro).*



## Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

O Monte do Galo, símbolo de Carnaúba dos Dantas, a 228 km de Natal, foi testemunha do talento de José Venâncio, Pedro Arbóes, Tonheca Dantas, Pedro Lúcio, Felinto Lúcio e tantos outros músicos nascidos nesta cidade do Seridó. O município, desmembrado do vizinho Acari em 1953, cresceu em torno da fazenda Carnaúba, fundada por Caetano Dantas Correia, em 1740. A palavra Carnaúba é uma referência à árvore que existia, em grande quantidade, nos arredores da antiga fazenda.

A história do município revela a riqueza musical daquelas terras. José Venâncio Dantas (1854-1926), filho de João José Dantas e da escrava Vicência Maria do Espírito Santo, foi o primeiro mestre de bandas e compositor de que se tem notícia em Carnaúba dos Dantas. O músico pioneiro fundou a banda do sítio Carnaúba de Baixo por volta de 1888 com a ajuda de irmãos, parentes e amigos. A bandinha revelou, entre

outros, o compositor Tonheca Dantas, irmão de José Venâncio.

Os irmãos Pedro Lúcio e Felinto Lúcio Dantas, nascidos no sítio Carnaúba de Baixo, também transformaram o município em celeiro de grandes músicos. Felinto, considerado o maior nome da música clássica potiguar em todos os tempos, é pouco lembrado em sua terra natal. Não há uma só praça, estátua ou escola em sua memória.

Tonheca Dantas, compositor da valsa Royal Cinema, e Felinto Lúcio mereceram apenas dar nome a duas pequenas ruas. Boa parte da juventude carnaubense, e até alguns dos moradores destas ruas, não sabe quem foram Tonheca e Felinto. Mas Carnaúba dos Dantas, felizmente, ainda tem muitos artistas e um povo "artisticamente inteligente", como descreve o artesão e professor Dedé Carnaúba.

Visitar Carnaúba dos Dantas não é mais um programa de índio. A bem da verdade, os índios Cariris, primeiros

habitantes da região, foram expulsos ainda no final do século XVII. O Castelo de Bivar, construção em estilo medieval em homenagem a Rodrigo Diaz de Bivar, herói espanhol do século XI, e o Monte do Galo, santuário visitado por romeiros de todo o Nordeste, se destacam na paisagem árida do sertão carnaubense.

Os serrotes do lugar guardam 63 sítios arqueológicos já registrados. As festas religiosas, tradicionais em todo o Seridó, têm grande destaque em Carnaúba dos Dantas. O espetáculo da Paixão de Cristo é encenado todos os anos no Monte do Galo com atores da região e grande queima de fogos. A festa de Nossa Senhora das Vitórias, com ponto alto no dia 25 de outubro, reúne os filhos da terra espalhados por todo o país. A louvação a São José, no dia 19 de março, também faz parte do calendário de festas populares e o povoado do Ermo festeja São Francisco no dia 4 de outubro.



## Pinturas rupestres encantam visitantes

O complexo arqueológico do xique-xique, o mais visitado pelos turistas, pela facilidade do acesso, tem nove sítios e centenas de pinturas pré-históricas retratando cenas de dança, caça, luta e sexo. Imbuzeiros, facheiros e macambiras brotam de entre os rochedos. Basta um olhar mais atento para o solo árido e pedregoso do lugar para identificar as tauás, nome indígena dado às pedras avermelhadas utilizadas pelos antigos índios para fazer as pinturas rupestres.

O guia turístico Damião Carlos Dantas, estudioso da história do município, explica que a pedra composta de ocre de ferro era misturada com sangue animal, gordura vegetal e água. As pinturas, resistentes ao tempo e variação climática da região, só não têm conseguido vencer a ação dos vândalos. Os sítios, local de difícil fiscalização, têm alguns rochedos quebrados proposadamente para comercialização das pinturas.

A Pedra do Alexandre, na subida de um serrote, também é um ponto bem visitado. "O nome se deve a Alexandre José Dantas, primeiro povoador da região, que deixou descendentes ainda hoje espalhados pelo Povoado Ermo e sítios vizinhos, filho do Coronel Caetano Dantas Corrêa", explica o historiador carnaubense Hélder Alexandre Medeiros de Macedo. Os desenhos variam de três a dez centímetros e, segundo estudos feitos no local

pela paleontóloga Gabriela Martin, têm até 9.400 anos. As pesquisas do carnaubense José de Azevedo Dantas, nascido em 1890 e considerado o primeiro arqueólogo potiguar, serviram de base para o estudo de Martin e sua equipe.

A caminhada da beira da estrada de barro até a Pedra do Alexandre exige um pouco de preparo físico. O sol quente na subida é amenizado pela sombra de um juazeiro, ponto de descanso na metade da caminhada de quase 2 Km. O local foi pouco explorado até o início dos anos 90. Somente em 1994, durante as escavações feitas pela equipe de Gabriela Martin, foram descobertas ossadas de antigos habitantes da região.

"Foram exumados restos de 28 esqueletos humanos, alguns com mobiliário fúnebre (contas de colar, apitos de osso de ave, ferramentas de pedra lascada e polida), alguns deles com lajes ao redor, parecendo sepulturas bem organizadas", salienta Helder.

O historiador carnaubense coordena o Grupo de Estudos em Patrimônio e Arqueologia do Seridó, um Projeto de Extensão da UFRN que, dentre outras tarefas, vem identificando novos sítios arqueológicos na região. "Dos 60 sítios arqueológicos que sabemos ter em Carnaúba, já registramos mais da metade. Nessas nossas andanças pelos matos e serras, a grande maioria de bicicleta, já que não há nenhum incentivo do poder público local para nos transportar, já localizamos três sítios novos, que batizamos de GEPS I, GEPS II e GEPS III".

Helder pretende juntar as informações coletadas pelo grupo de estudo num CD-ROM didático para uso dos estudantes de Carnaúba dos Dantas e pesquisadores. "Fico preocupado porque dois novos sítios, o Furna do Messias e Furna do Helder, que descobri com o pesquisador Manuel Messias, já foram publicados por Gabriela Martin na Revista CLIO (UFPE), especificamente, o Furna do Messias, sem os nossos devidos créditos".

O Talhado do Gavião, localizado no Sítio Lajedo, local de maior concentração de pinturas rupestres em Carnaúba dos Dantas, recebe poucos visitantes devido ao difícil acesso. Para visitar o local, é preciso pedir autorização ao proprietário das terras, Aurélio Dantas, mais conhecido como "Seu Lero". "No Talhado do Gavião podemos enxergar belíssimas pinturas nas cores vermelha, amarela e branca", comenta Helder.

## Sertão Vivo vira celeiro de artistas

O atelier Sertão Vivo, em meio às algarobas de copas imponentes no horto florestal de Carnaúba dos Dantas, é um celeiro de artistas. José Francisco Filho, o Dedé Carnaúba, 39 anos, coordena o “projeto de multiplicação de arte”. As atividades envolvem 16 crianças e quatro jovens artesãos. Ninguém fica parado por muito tempo no espaço repleto de esculturas de argila, pinturas e bonecos de mamulengo.

O projeto é recente. Iniciado em março de 2004, o Sertão Vivo pretende “reviver a arte e promover a educação ambiental”. Dedé Carnaúba, uma figura extrovertida e de gestos largos, explica que o objetivo é unir arte, cidadania e meio ambiente. “Fazemos esculturas de madeira, mas também plantamos imburanas”.

O coordenador do projeto sempre gostou de mexer com arte. O primeiro emprego de Dedé foi pintando carrinhos de madeira para o artesão Manoel Jerônimo, em Acari. “Meu nome todo é José Francisco Filho. Meu pai era doido e o cabra do cartório pior”.

Enquanto mostra os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, Dedé comenta que “Carnaúba dos Dantas é artisticamente inteligente, mas falta investimento”. O artesão também admite que a juventude não parece muito interessada em saber a história do lugar onde vive. “Há meninos de 15 anos que não sabem quem foi Felinto Lúcio”.

O artesão já fez uma série de esculturas de argila retratando personagens e cenas do cotidiano. “Fizemos o vaqueiro, tropeiro, colonizador português, índio, Felinto Lúcio, fábricas de telha, extração de minério...”. As pinturas e esculturas feitas pelos jovens do atelier foram expostas, pela primeira vez, durante a Festa de Nossa Senhora das Vitórias de 21 a 25 de outubro.

José Jailton Dantas, 18 anos, é um dos jovens beneficiados pelo trabalho do Sertão Vivo. O estudante do primeiro ano do ensino médio na escola estadual João Henrique Dantas já foi considerado “um aluno problema”, mas o envolvimento com a arte ajudou a mudar seu comportamento. Jailton apresenta o teatro de mamulengos e escreve poemas.

“Achei divertido brincar com bonecos. Dedé me disse que era uma arte morta, então resolvi reviver. Não tem que aparecer, fico por trás dos panos”. O mamulengueiro já apresentou suas peças com textos de história local e humor no PETI e Monte do Galo. “É raro ver um cara novo que gosta de brincar com teatro de bonecos, ele era visto como um aluno problema”, destaca o professor Dedé Carnaúba.



Dedé Carnaúba (à esquerda)



## Gertrude, aos 91 anos, faz rendas e dança forró



refeição, gostava de brincar com bonecas de pano. O tempo livre era curto. Passava a tarde colhendo xique-xique com a mãe aos pés da serra. A mãe colhia e Gertrude botava dentro do cesto. “Tirava só o miolo para fazer cuscuz. Botava no sol para secar, no outro dia batia no pilão já bem sequinho e fazia o cuscuz. E assim eu me criei”.

A rendeira confessa que “era doida para ir à escola”, mas o pai não permitia. “Naquela época os pais de família não deixavam as filhas andar só. Se ia para a festa, ia mais ele”. Se por um lado não sabia ler e escrever, ainda adolescente, Gertrude já havia aprendido a tirar leite, fazer queijo, amansar boi brabo e andar a cavalo.

Dona Gertrude casou aos 20 anos com Francisco Rafael de Medeiros, o Chico Gama. Teve 16 filhos. “Deus já levou quatro”, diz. Alegre, continua declamando poemas e não resiste ao som da sanfona. Quando questionada se ainda dança forró, ela solta uma gargalhada e não demora a responder - “Sou o destaque da quadrilha!”.

*Eu quero dá um conselho*

*Para toda mocidade*

*Viva sem droga e sem ódio*

*Para chegar a minha idade*

*Quero passar dos cem anos*

*Com muita felicidade.*

Jesus, era rendeira e desejava ver as filhas apegadas aos trabalhos do lar. “Quando eu errava era um tapa que ela dava, até que, graças a Deus, um dia aprendi. Dá um trabalho danado”.

Passar a infância trabalhando aos pés da Serra da Rajada, entre Carnaúba dos Dantas e Acari, não foi fácil. Mas, Gertrude confessa: “achava era bom”. Ainda com o sol nascendo, tomava café com cuscuz e ia para o roçado limpar o mato. “Ia na frente encostada no velho (o pai), e atrás dois irmãos meus”.

A família levava rapadura para comer debaixo dos pés de juazeiro. Gertrude, irrequieta, só parava de trabalhar depois de receber a ordem do pai. “Aí ele dizia - ‘Gertrude é limpadeira’”. O trabalho no roçado durava até às 10 horas, quando todos retornavam à casa do sítio para almoçar.

O almoço, quase sempre, era feijão com cuscuz e rapadura. “Por isso me criei forte”. Gertrude lembra que, depois da

Quem assiste o forró dos idosos, todas as sextas no Centro de Valorização da Vida, em Carnaúba dos Dantas, não imagina que aquela senhora de olhos azuis, pele alva e cabelos grisalhos já tem 91 anos e passou toda a vida trabalhando no roçado. Gertrude Augusta Dantas é o retrato da resistência do povo sertanejo. Começou a trabalhar aos 7 anos, ajudando o pai no cultivo da lavoura, e ainda hoje faz rendas de bilro e recita poemas.

Gertrude começou a fazer renda aos 10 anos de idade. A mãe, Josefa Zeferina de



Benedito Figueiredo

## Arte muda a vida de idosos

O CVVida atende mais de 200 idosos. Além de Gertrude Dantas, outros tantos estão ocupados com o trabalho artístico. Luciana de Medeiros Dantas, coordenadora do centro, comenta que as atividades envolvem desde as oficinas de artes até o fornecimento de refeições às terças e quintas-feiras. “Isso aqui é muito bom, ela é mesmo que uma mãe para nós”, diz Benedito Marins de Figueiredo, 85 anos.

Benedito trabalhou recentemente como ator principal em “A Força”, curta metragem produzido pelos cineastas Buca Dantas e Teotônio Roque. Natural de Píripituba (PB), o ator mora em Carnaúba desde 1940. Já Manoel Matias dos Santos, 68 anos, é violeiro e repentista. Natural de Pilões (PB), aprendeu a tocar ainda menino e foi violeiro profissional. Por fim, Maria Ieda da Silva Medeiros, a Dona Dadá, 66 anos, impressiona a todos com suas bonecas de pano ricas em detalhes. Maria Ieda aprendeu a fazer bonecas ainda criança, e ao completar 50 anos, começou a fazer também bonecos de mamulengo. Já recebeu pedidos de várias cidades do Nordeste. “Faço o boneco, desenvolvo a brincadeira e faço a história”.



Maria Ieda Medeiros



Manoel Matias



## A mulher que “chorou” muitos mortos

O antigo costume dos seridoenses de entoar incelências, herdado dos portugueses e já extinto em Carnaúba dos Dantas, sobrevive na memória de Maria de Lourdes Dantas, 81 anos. Católica fervorosa, a carnaubense já “chorou muitos defuntos” e ainda canta o bendito de São José completo.

As incelências, cantigas fúnebres para rezar os defuntos durante os velórios, eram entoadas por cantadeiras, em uníssono, sem acompanhamento instrumental e com frases rimadas em série de doze. Ao lado do defunto, geralmente colocado dentro de uma rede, Maria de Lourdes acompanhava o cântico puxado pelas duas cantadeiras mais velhas. “Era da boca-da-noite até de manhã. Não era eu sozinha, não”.

“Naquele tempo morria muito anjinho (criança). A incelência para os anjinhos era diferente. A gente batizava também, para não morrer pagão”, diz, enquanto puxa pela memória o início do canto.

*“Doze incelências*

*É doze espadas de dor*

*Transpassou Jesus no peito*

*Sua mãe sentindo a dor”.*

Segundo Maria de Lourdes, desde o falecimento de Ana Laurentina de Araújo, falecida segundo conta em 1956, as incelências e benditos começaram a desaparecer. “Era ela quem orientava”. Acostumada a frequentar a missa de xale

e véu de linho branco, Dona Maria de Lourdes não parece acostumada com os novos tempos. “A minha sobrinha, Josefa Dantas, também cantava, mas acabou há uns 30 anos ou mais”.

A antiga cantadeira lembra de ter recebido uma visita do historiador e folclorista Défilio Gurgel “há uns seis anos”. Desde então, não cantava o bendito de São José, mas mesmo assim, ainda é capaz de lembrar toda a composição. “Minha mãe foi quem ensinou, o final é assim: quem rezar este bendito / sexta-feira da Paixão / ganha muitas indulgências / tem milhares de perdão / oferecendo este bendito / ao senhor daquela cruz / patriarca São José / e o menino Jesus”.



## O dilema da Filarmônica 11 de Dezembro



A Filarmônica 11 de Dezembro vive o dilema entre valorizar as composições do passado, compostas pelos filhos da terra, ou render-se a um repertório mais popular. O maestro Márcio Dantas de Medeiros, 36 anos, regente da Filarmônica desde 2001, acredita ser possível conquistar os jovens com músicas populares sem deixar de inserir nas apresentações os dobrados e valsas de Felinto Lúcio, Tonheca Dantas, Pedro Arbóes e outros compositores do passado.

O próprio regente, que lançou em outubro passado o CD "Cruzeta revela Márcio Dantas", com treze composições próprias executadas pela banda de Cruzeta, mostra preocupação em valorizar a obra de seus conterrâneos. Márcio Dantas recuperou os dobrados "Os Bombeiros", "Pitu" e a valsa "Efigênia Dantas", composições de Pedro Arbóes Dantas (1882-1959) que eram dadas como perdidas.

Para Nilda Medeiros Dantas, 66 anos, filha do maestro Felinto Lúcio, falta valorizar o passado dos que construíram a rica tradição musical de Carnaúba dos Dantas. "Enquanto Acari dá todo valor a ele, Carnaúba não dá". Nilda mora na casa onde o pai faleceu em 1986 e guarda alguns objetos que pertenceram ao "compositor de inspiração divina". As partituras estão arquivadas dentro de caixas de papelão e a última farda continua guardada dentro de um armário. "Se fosse guardado em museu, seria mais conservado, mas não dão valor", salienta.



O maestro Márcio parece também sofrer com a falta de apoio. Demitido da prefeitura em dezembro de 2003, faz um trabalho voluntário no comando da Filarmônica. O ex-aluno do Instituto de Música Waldemar de Almeida, órgão da Fundação José Augusto, entre 1998 e

2002, também é regente da Filarmônica Mirabeau Dantas, em Areia Branca.

Sobre a fundação da banda do município somente em 1979, Márcio lembra que "a tradição musical de Carnaúba vem desde o século XIX". O bisavô do regente, José Alberto Dantas, fundou a banda do sítio Xique Xique no início do século XX. Segundo conta, a banda pioneira, existente no sítio Carnaúba de Baixo já por volta de 1888, tinha alguns músicos negros.

"Há uma história que, certa vez, um contratante de Santa Cruz não queria negros tocando, daí o surgimento da segunda banda". Nos anos 20, Pedro Arbóes Dantas, sobrinho do maestro Tonheca Dantas, fundou uma banda no município, juntando os músicos das duas bandinhas existentes à época. Foi esta banda, criada por Arbóes, que tocou na inauguração do Monte do Galo em 1928.

O sucesso da Filarmônica 11 de Dezembro, antiga Banda Governador Tarcísio Maia fundada em 1979 por Dom José Adelino Dantas e Felinto Lúcio Dantas, motivou a formação do coral "Vozes da Carnaúba". O grupo com 27 componentes foi criado após a festa de Nossa Senhora das Vitórias, em 2003. A primeira apresentação foi feita na noite de Natal em frente à sede da prefeitura.



## O buliçoso coveiro dos animais

Se de louco, todo mundo tem um pouco, o que dizer de Alexandre Lúcio Dantas, 24 anos, neto do maestro Felinto Lúcio? O "ciclista biruta" e coveiro de animais divide opiniões em Carnaúba dos Dantas. Os mais céticos não acreditam que Alexandre percorreu 3 mil km na sua bicicleta barra circular, indo de Carnaúba até a basílica de Aparecida do Norte (SP) pagar uma promessa em 2003. Outros, não só confirmam o fato, como dizem se tratar de um conterrâneo com inteligência acima da média.

Alexandre é agricultor desde criança e sempre foi muito buliçoso. Não gostava de freqüentar a escola, mas soube desenvolver muitas habilidades. Aprendeu, entre outras coisas, a fazer antenas para captação do sinal de telefonia celular para vender na região. Mora numa casa centenária, pouco antes da entrada de Carnaúba dos Dantas, com os pais Caetano Dantas, 53 anos,

e Anita Medeiros. O pai dá nome a um dos dobrados mais executados do maestro Felinto Lúcio.

O menino cresceu no sítio da família, correndo solto entre os pés de algaroba e brincando com os animais. O convívio com os bichos terminou criando um costume inusitado. Alexandre aprendeu, aos 11 anos, a embalsamar gatos e cachorros. "Abria o gato, tirava tudo de dentro, enchia de pó de madeira molhado com sal, costurava e aplicava formol".

Segundo conta, o hábito de embalsamar os bichos despertou a atenção dos moradores. Os marceneiros forneciam restos de madeira para Alexandre Lúcio fazer caixões. "Ainda botava um visor de vidro e rosas de plástico para enfeitar, aí o povo dizia - 'esse aí é doido'", lembra. Criativo, o carnaubense ainda celebrava a missa de corpo presente do animal e a

de sétimo dia. "Eu sei a missa todinha, se quiserem ainda posso celebrar".

Alexandre Lúcio não lembra quantos animais chegou a enterrar dentro de caixões, mas diz ter criado um cemitério com cruzes e covas identificadas no Sítio Carnaúba de Baixo. "Fui até São Paulo e, quando voltei, o mato tinha coberto tudo. Choveu muito neste ano e destruiu. Tinha cachorro, gato, galinha e até lagartixa". A mãe confirma que as travessuras do filho sempre lhe deram trabalho. "Nunca gostei dessa arrumação dele".

A viagem até Aparecida do Norte foi uma aventura de três meses que Alexandre não se cansa de contar aos curiosos. A idéia surgiu depois dele ter perdido a visão de um olho aos 20 anos numa brincadeira com revólver. "Fiz uma promessa para ir até lá se conseguisse um olho de vidro". Antes de partir, instalou uma buzina de caminhão, velocímetro e um farol na bicicleta.

O pagador de promessa percorreu 159 cidades, passando por nove estados, até chegar ao destino. Dormia em postos de gasolina e recebia ajuda de motoristas. A maior alegria foi, ao chegar em Uberaba (MG), ganhar um rádio amador usado de presente de um caminhoneiro. "Depois daí, me comunicava com os caminhoneiros e recebia comida. Ganhei o apelido de ciclista biruta". Outro caminhoneiro, em São José dos Campos (SP), conterrâneo de Parelhas, deu uma passagem de ônibus para ele retornar.

O velocímetro da bicicleta de Alexandre Lúcio já marca 6.128 Km. "Vez por outra vou a Natal de bicicleta, para mim é um pulo".

## Comida para cabra da peste


O tradicional chouriço seridoense é comida para cabra forte. O doce preparado por Maria Gorette Santos e sua mãe Alzira Marta Dantas, 78 anos, leva sangue de porco, banha derretida, garapa de rapadura, leite de coco, farinha e condimentos.

Fazer a chouriçada dá um trabalho que só sabe quem vê. “Gosto de fazer na parte da noite. Começando às 16h, termina lá pelas duas da manhã”. O tacho de ferro, no quintal da casa de Dona Gorette, fica apoiado por três pedras. O fogo a lenha dá um toque ainda maior de rusticidade ao trabalho braçal de preparo do chouriço.

O porco pode ser matado na véspera para retirar o sangue. “Quanto mais sangue, melhor”. As rapaduras são colocadas de molho, também um dia antes do preparo, para desmanchar. Gorette utiliza a garapa de cem rapaduras para um tacho. Despeja também um balde de banha de porco derretida e farinha para engrossar um pouco. Por último, coloca o leite de dez cocos.

Gorette conta com a ajuda da mãe para mexer o tacho sem parar um só instante. “É um trabalho que não pode parar, se não mexer, desgrça o chouriço”. O caldo vai engrossando e escurecendo até chegar no ponto de acrescentar erva doce, gengibre ralado, cravo e farinha de castanha. “Quando começa a ferver, conta quatro horas de fervura”.

O tacho de ferro é alugado por cinco reais. “O dinheiro não dá para comprar um tacho, custa oitenta”. Depois de pronto, as cozinheiras enchem os potes de margarina e latas de leite com o chouriço ainda quente para, em seguida, decorar com castanhas inteiras. O trabalho não pára por aí. “Boto a lata na cabeça e vou vender de porta em porta”.

A “Espécie”, tipo de chouriço sem sangue de porco, também é vendida por Gorette. Mas o doce mais procurado é a receita tradicional. E haja sangue frio. 



## História da música potiguar passa por ele

CLÁUDIO GALVÃO



Por Tácito Costa e Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

O professor aposentado e emérito da UFRN, Cláudio Augusto Pinto Galvão, 67 anos, sócio do Instituto Histórico e Geográfico do RN, é autor de uma obra seminal para a cultura potiguar: “A Modinha Norte-rio-grandense”, editada em 2000. Escreveu também “O Cancioneiro de Othoniel Menezes”, “Cancioneiro de Auta de Souza”, as biografias dos músicos Tonheca Dantas (“A Desfolhar Saudades”) e Oswaldo de Souza (“O Canto do Nordeste”), e “Campo da Esperança”, que conta a vida do padre polonês Jan Wisniewski, que passou pelos campos de concentração nazistas e morou em Natal. O historiador e pesquisador está com dois livros prontos, o que conta a história do Teatro Alberto Maranhão, que será editado pela Fundação José Augusto, e o primeiro volume da “História da Música no Rio Grande do Norte” (1850-1950) aguardando editora. Pós-graduado pelo Institut Interfacultaire d’Etudes Médiévales da Universidade de Louvain, Bélgica, Cláudio Galvão criou e chefiou o Departamento de Arte, o Núcleo de Arte e Cultura (NAC) e o Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Históricos (LABRE), da UFRN. Na entrevista que deu a *Preá*, em seu apartamento, acompanhada em alguns momentos por sua esposa, Mailde Pinto, Cláudio Galvão falou sobre sua vida e seus trabalhos.

**Preá** - Sua infância transcorreu em Natal durante a 2ª Guerra Mundial. Que lembranças o senhor tem desse período?

**Cláudio Galvão** - Um dia desses, vendo uma fotografia antiga - focalizando a Rua Ulisses Caldas, aquele trecho um pouco antes da Prefeitura - que mostrava com grande fidelidade o trilho do bonde que passava ali, fui transportado para "alguns" anos atrás e me vi colocando tampas de garrafas nos trilhos do bonde para ele passar por cima e fazer aquelas chapinhas com que a gente brincava, como se fosse dinheiro. Isso já faz muito tempo. Ali na Ulisses Caldas, onde nasci, tinha umas casas iguazinhas, que infelizmente foram quase todas demolidas, como acontece muito em Natal, tudo que é antigo e bonito a tendência é demolir, modernizar. Depois da Ulisses Caldas, fui morar na Rua João da Mata, de onde eu via o rio Potengi, aquelas paisagens bonitas. Ali, eu me lembro dos blecautes durante a guerra, de ter que apagar as luzes, o medo que o pessoal da família tinha. Depois fui morar numa casa que hoje está demolida, ainda no centro, de frente para o Hotel Sol.

**Preá** - Nessa época já freqüentava a escola?

**Cláudio Galvão** - Comecei a freqüentar a escola primária da professora Maria do Carmo Navarro, depois que passei a morar nessa casa localizada em frente ao Hotel Sol. Ficava na Avenida Rio Branco, em frente onde hoje funciona o Banespa. Ali, eu fiz o primeiro e o segundo ano primário. Depois passei para o Externato Monsenhor Pegado, da professora Beatriz Cortez, onde hoje é a Rádio Nordeste. Lá cursei o terceiro e o quarto anos primários. Quando concluí, prestei exames de admissão no Ginásio Sete de Setembro, onde fiz o ginásial. Terminado o ginásial, ingressei no científico, no Atheneu.

**Preá** - Pelo Atheneu passaram alguns professores ilustres, como Câmara Cascudo. De que professores o senhor lembra?

**Cláudio Galvão** - Os professores daquele tempo se destacavam por diversas qualidades. A primeira delas e a mais importante era a erudição. Agora, o que eu fui me ressentir, muito tempo depois, era que aqueles professores sabiam muito, mas sabiam muito pouco comunicar. Raros os que eram realmente professores, no sentido do magistério, da transmissão do conhecimento. Eu tive professores de uma sapiência enorme, mas eu não lembro nada das aulas deles. Eram professores que se sentavam atrás de um birô e faziam belos discursos, mas a gente não captava nada. Vou citar o professor de História, Floriano Cavalcanti, figura marcante, um homem de uma cultura extraordinária, entretanto naquele tempo, com a "minha cultura", não entendia o que ele dizia, os termos que

ele usava. Naquele tempo, o grande professor era assim mesmo. Depois é que o professor passou a ser mais um transmissor do que um grande orador.

**Preá** - Quem eram seus amigos nessa época de estudante?

**Cláudio Galvão** - No Atheneu, na minha turma, foi marcante a presença de um colega que a cidade toda conheceu depois e lamentou muito ele ter partido, o Tota (Antônio) Zerôncio, que era uma pessoa excepcional. Não era um aluno excepcional do ponto de vista de aproveitamento escolar, mas era um gaiato, um brincalhão, um líder, com brincadeiras extremamente espirituosas. Ele fazia umas graças apropriadas, com sensibilidade. Era o sujeito mais popular da turma. Por isso, eu me lembro dele com muito carinho.

**Preá** - Durante a guerra o seu pai chegou a trabalhar na Base Aérea de Natal. O que ele fazia lá?

**Cláudio Galvão** - Meu pai, Augusto Carlos Galvão, trabalhava no Posto de Engenharia da Base Aérea. Saía para trabalhar em Parnamirim, às 8 horas da noite, passava a noite inteira e chegava no outro dia às 8 horas da manhã. Dormia até o meio dia e quando acordava ia trabalhar no Departamento de Saúde Pública, onde era funcionário. Dessa fase da Base Aérea, no tempo da guerra, eu me lembro - e é uma lembrança deliciosa - que de vez em quando ele trazia uma caixinha daquelas que os militares levavam para o front. Então, eu comi coisas que os soldados levavam para a guerra, como chocolates, biscoitos. Foi quando vi pela primeira vez café solúvel, refresco solúvel, dentro de uns envelopezinhos plásticos, bolo recheado com passas...

**Preá** - Sua mãe também trabalhava nessa época?

**Cláudio Galvão** - Minha mãe, Claudina Pinto Galvão, era enfermeira e trabalhava no Instituto de Proteção e Assistência à Infância, que hoje é o Hospital Infantil Varela Santiago. Isso me permitiu um contato - não vou dizer contato porque eu era muito menino - mas a visualização de pessoas extremamente importantes, médicos, como por exemplo, doutor Varela Santiago, Silvino Lamartine, Clóvis Sarinho, Onofre Lopes, Sebastião Monte, que depois foi meu professor no Atheneu e na Faculdade de Filosofia, o dentista José Gurgel do Amaral Valente e outros. Nesse tempo, mamãe me levava para o laboratório e eu passava o dia por lá, mexendo nos aparelhos.

No Instituto, tinha uma seção que era onde se administrava a vacina contra a tuberculose, e mamãe era quem fazia isso.

**Preá** - Essa vivência junto à sua mãe não fez o senhor pensar em cursar Medicina?

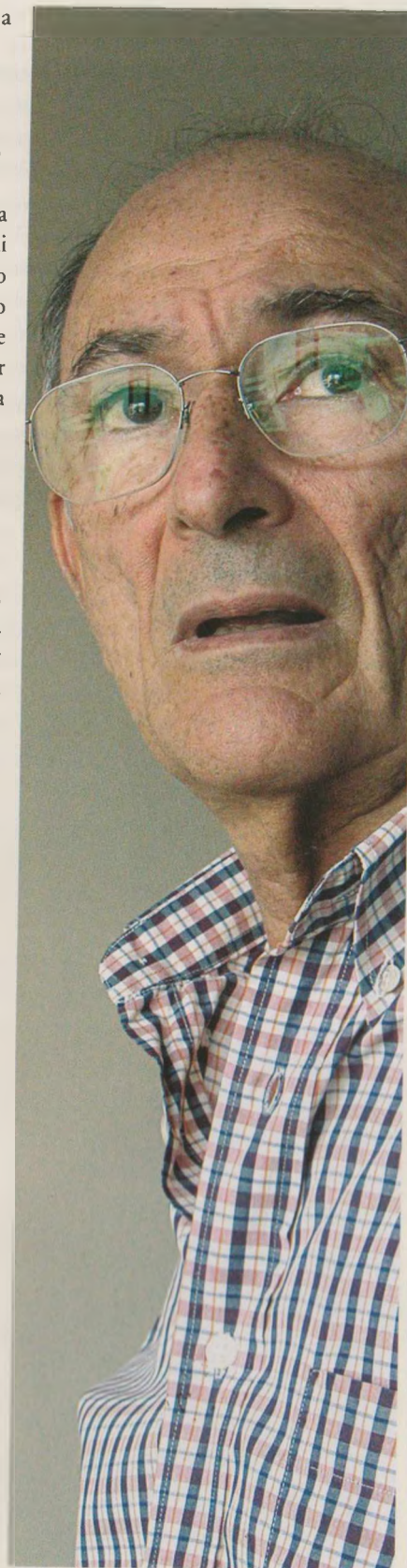
**Cláudio Galvão** - Quando eu terminei o científico, no Atheneu, não havia ainda faculdade em Natal. A faculdade mais próxima era em Recife, todo mundo saía daqui para estudar Direito, Medicina, lá. Ir para Recife naquele tempo era algo muito difícil. Ir para Recife implicava em um investimento grande que minha família não tinha condições de fazer. Eu compreendi isso e logo no princípio me desliguei de qualquer ilusão de ir estudar no Recife. Nessa época eu andei até pensando em fazer Engenharia, influenciado não sei porquê, mas acabei mesmo cursando História, na então Faculdade de Filosofia.

**Preá** - Depois que o senhor concluiu o curso de História começou logo a ensinar?

**Cláudio Galvão** - Comecei a ensinar quando ainda era acadêmico, no Atheneu, Ginásio Municipal, Marista e Instituto Bereiano. Terminado o curso, foi feita uma reforma no currículo da Faculdade de Filosofia. Um dia procuro o meu ex-professor João Wilson Mendes de Melo: "Professor, eu soube que existem umas vagas para professor..." "É verdade. Você está interessado em alguma?" Eu estava pensando em História Antiga, porque gostava de arqueologia. Ele me disse que para História Antiga já tinha uma pessoa, mas que estava vaga a cadeira de História Medieval. Eu topava qualquer uma, até história da lua. Aí ele disse que iria falar com Hélio Galvão, que era o Presidente da Fundação José Augusto, à qual pertencia a Faculdade de Filosofia naquele tempo. Dias depois, o professor João Wilson me disse que tinha falado com Hélio e que ele havia concordado. Isso era no começo do ano e eu comecei a comprar livros e me preparar para as aulas. Conteí essa história com detalhes, para mostrar a diferença daquela época para hoje. Atualmente, para entrar como professor na universidade, você tem pelo menos que ser doutor e concorrer com gente de todo o País. Mas, naquele tempo, a coisa era fácil, simples e, principalmente - aí é que está o detalhe básico - pagava-se tão mal que ninguém queria dar aula na Fundação, não havia concorrência. Eu ganhava mais como professor do Atheneu do que se pagava por aula na Faculdade. Agora, sem saber, eu estava fazendo um investimento, porque fui ficando, depois me foi oferecida uma nova disciplina, História da Arte, sem que eu pedisse, em seguida fui nomeado como primeiro Diretor do Museu de História, hoje Museu Café Filho. Fiquei lecionando História Medieval e História da Arte e a Faculdade de Filosofia, pouco tempo depois, foi incorporada à UFRN.

**Preá** - O seu trabalho como pesquisador surge nessa época?

**Cláudio Galvão** - Não. Surge bem depois. Nesse período eu só tinha tempo para preparar as minhas aulas. Não sobrava tempo para nada. E quanto mais eu estudava para dar aula na universidade, mais eu via que tinha coisas que eu não sabia e que precisava aprender. Mas acho que fiz certo. A vida acadêmica exige profissionalismo. Não me arrependo disso. O que eu lamento é ter perdido uma grande oportunidade de ter sido o primeiro doutor em História aqui no RN.



**Preá** - Como isso ocorreu?

**Cláudio Galvão** - Quando comecei a ensinar no curso de História (1963), fui a São Paulo e procurei o Departamento de História da USP, na cidade universitária. O chefe do Departamento era o professor Eurípedes Simões de Paula, professor de História Antiga e Medieval, uma autoridade no ensino universitário e ex-Reitor da USP. Chego lá, me apresento, digo que sou professor do curso de História (veja a coragem: dizer isto na frente do professor Simões de Paula...) e estava à procura de bibliografia para estudar. Ele me acolheu de forma impressionante. Esse homem colocava uma escada numa estante alta e ele próprio subia, um homem já idoso, para pegar revistas e livros. Me deu pacotes e pacotes de revistas, como a coleção completa da Revista de História, que depois eu doei à UFRN. Fiquei muito agradecido, com uma admiração e amizade muito grande por ele e sempre que ia a São Paulo fazia uma visita a ele. Em 1965, realizou-se um simpósio de professores universitários de História, em Franca (SP), cujo tema era "Artesanato e História". O grupo aqui de Natal, da Faculdade de Filosofia, o professor de História Moderna e Contemporânea, Alvarado Furtado, o professor de História do Brasil, Hélio Dantas e eu, se reuniu para organizar nossa participação. Elaboramos um trabalho sobre o artesanato no Rio Grande do Norte, para ser apresentado no simpósio. A Fundação José Augusto deu passagem e ajuda de custo para a gente ir. Nós fomos levando esse trabalho e o escolhido para apresentá-lo fui eu. Como eu era atrevido naquele tempo, aceitei. O simpósio estava sendo realizado num clube social daquela cidade. No centro, ficava a mesa do professor, apresentador do trabalho, muita gente em baixo e

numa sacada uma grande quantidade de estudantes. Eu vou chegando e vejo o professor Eurípedes Simões de Paula, que terminava sua comunicação, sendo crivado de perguntas. Eu procurei a porta para ver se dava para correr e voltar para Natal {risos}. Fui me agüentando por ali até que chegou minha hora de apresentar o trabalho. Lá estou eu, no meio de estudantes e professores de universidades de todo o país, para apresentar a comunicação sobre o artesanato potiguar. Depois da apresentação foram feitas várias perguntas e o texto foi publicado nos Anais do Simpósio. Escapei dessa! Anos depois, indo a São Paulo, fui a casa dele, que me convidou para jantar. A uma certa altura, ele me perguntou se eu não gostaria de fazer doutorado em São Paulo. Disse: "A professora Célia Freire, do Recife, está terminando o doutorado e ela mora aqui em casa. Quando ela for embora, você ocupa esse quarto, fica morando aqui". Eu fiquei animado com aquilo, mas aí ocorreram problemas de saúde na família e eu não pude aceitar a proposta do professor Eurípedes. Isso foi em 1966 e eu teria sido o primeiro doutor em História da UFRN.

**Preá** - A oportunidade de ir fazer o mestrado na Bélgica surgiu por essa época?

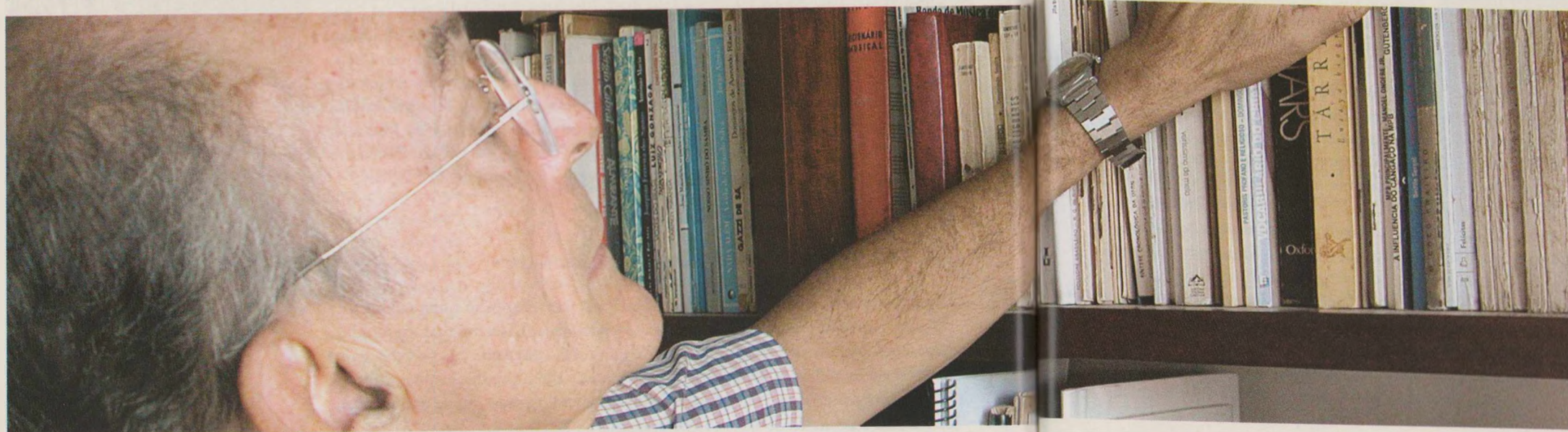
**Cláudio Galvão** - Um pouco depois. Em 68, 69 eu comecei a buscar um curso no exterior. Até que, conversando com os professores Jardelino e Renira Lucena, que tinham estudado na Bélgica, eles me deram boas referências das universidades de lá. Então, eu comecei a procurar informações e fazer alguns contatos, até que fui aceito como aluno do Institut Interfacultaire d'Etudes Médiévales, da Universidade Católica

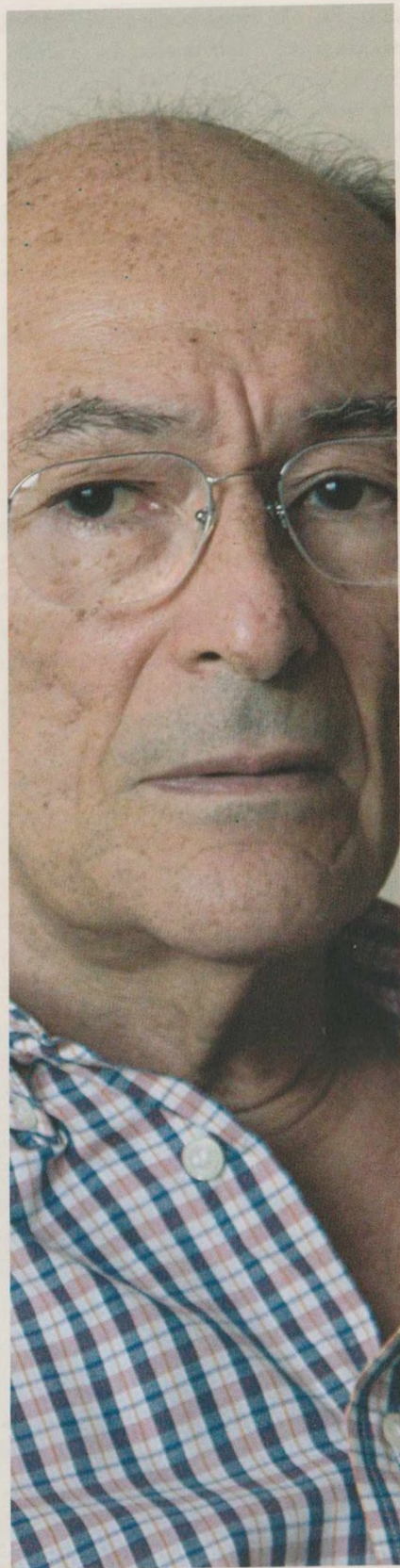
de Louvain. Antes disso, eu cometi o desatino de me casar {risos}. Casei e levei a esposa {Mailde Pinto} para a Bélgica. Antes de viajar, eu vendi o meu fusquinha e tinha recebido um dinheiro referente à indenização como professor da Escola Técnica Federal. Na Bélgica, o que era doce começou a se acabar. Quando eu chego lá, procuro a universidade para saber o valor de minha bolsa. Na secretaria me explicaram que a bolsa dava direito somente a estudar sem pagar e que eu não receberia nenhuma ajuda de custo. Ora, eu fui com o salário de professor, em nível de 20 horas. Naquela época, na nossa universidade, tempo integral ou dedicação exclusiva, eram raras as pessoas que tinham. Eu tinha 20 horas e era professor do Atheneu, com esses dois salários não dava para sobreviver lá. O problema foi que eu viajei antes de chegar a correspondência da Bélgica com as informações sobre o curso. Porque se eu tivesse lido que não teria uma ajuda financeira, talvez não tivesse ido. Mas lá, as pessoas me incentivaram, diziam para eu ficar que ia dar certo. Na universidade, os alunos tinham "padrinhos" e o meu era uma autoridade importante, o professor Léopold Génicot, medievalista conceituado na Europa, que era Diretor do Instituto de História Medieval. Conversando com ele, comentei a minha situação e ele se sensibilizou e ficou de fazer alguma coisa. Falou com a direção da Fundação Maison Saint Jean, que auxiliava alunos do Terceiro Mundo. Eu consegui uma ajuda desta Fundação, no valor de mil francos por mês, que era exatamente o que eu pagava de aluguel, mensalmente, pelo pequeno apartamento onde morava. Então, fui ficando, mas passamos por esse sufoco. Se eu tivesse uma bolsa completa, teria ficado, porque quase todos os colegas do Brasil tinham bolsa da Capes, que era uma bolsa boa e dava para o sujeito

comprar até um carro. Eu não tinha nada disso. Então, para eu fazer o curso completo e sair doutor do Instituto de Estudos Medievais eu teria de levar pelo menos quatro anos, que era a média que as pessoas passavam lá para sair doutor. Mas, com aquele orçamento, não podia passar quatro anos na Bélgica. Pela carga horária que eu cumpri, no final do ano acadêmico, o Instituto me proporcionou o título de Especialista em Estudos Medievais, que aqui na UFRN foi aceito como especialização. Pela segunda vez, deixei de ser o primeiro Doutor em História no RN.

**Preá** - Outro momento importante da sua vida acadêmica foi a criação do LABRE. Como surgiu a idéia de se criar esse laboratório?

**Cláudio Galvão** - O professor de Geografia, Severino de Oliveira, já falecido, fez um curso no México e chegou falando que tinha visitado lá um laboratório de restauração, que eu nem sabia que existia, que era uma maravilha, que viu papéis rasgados se transformando em coisas como se fossem novas. Aquilo ficou na minha cabeça. Quando eu deixei o Departamento de Arte da UFRN, do qual fui chefe de 1974 a 1981, fiquei sem ter muito que fazer. Foi nesse momento que eu comecei a ir ao Arquivo Público para ler as publicações antigas. Meu interesse era pesquisar as realizações culturais do Governo Alberto Maranhão. Comecei a ir também ao Instituto Histórico e Geográfico e foi quando começou essa história de pesquisar a modinha. Estava nascendo aí o pesquisador, na leitura desses jornais antigos. Quando eu pegava esses jornais do IHGRN, jornais dos anos 1800 e começos de 1900, eram jornais que mal a gente podia pegar nas folhas, porque elas se rasgavam, de tão frágeis. Então, me lembrei da história do laboratório de restauração. Fiz um projeto e entreguei à universidade. O tempo passou, passou e nada de um retorno sobre o assunto. Não interessou muito, naquele tempo, ao Centro de Ciências Humanas. Comecei a procurar saber como se poderia fazer esse laboratório. Descubro que a Fundação José Augusto tinha um técnico em restauração, Hélio de Oliveira, que tinha feito um curso na Universidade de Minas Gerais. Hélio, então, me deu as dicas sobre que materiais e equipamentos eram necessários para se montar o laboratório. Então, vem a Natal uma pesquisadora do MEC, doutora Esther Bertoletti, que estava coordenando o projeto de microfilmagem dos jornais do século passado em todo o Brasil. Muita coisa do IHGRN, principalmente jornais antigos, está microfilmada graças a esse projeto. Então, Zila Mamede, diretora da Biblioteca Central da UFRN, me convida para uma reunião com Esther Bertoletti.





Na ocasião, eu falo do projeto e a doutora Esther pede uma cópia. Entreguei uma cópia a Zila para mandar para a doutora Esther Bertoletti. Pouco tempo depois, me chega uma correspondência do Pró Memória. A doutora Esther estava me mandando já uma verba para instalar o laboratório de restauração de documentos. Não precisou de nada da universidade. O dinheiro chegou e eu comecei a pensar onde iria instalar o laboratório. No Centro de Ciências Humanas tinha uma copa fechada, então tive autorização para arrombar uma parede, abrimos uma porta e começamos a instalar o laboratório. Juntei todos os recibos, com as despesas feitas, mandei para doutora Esther, agradecendo a gentileza dela em ter viabilizado os recursos e, pouco tempo depois, chega mais outra verba do Pró Memória, sem que eu pedisse. Empreguei esses novos recursos no Laboratório. Não era comum obter-se recursos tão facilmente, mas estou certo de que Zila me recomendou. As duas, Ester Bertoletti e Zila Mamede, foram as grandes "madrinhas" do nosso LABRE. O orientador técnico do Laboratório, não posso deixar de fazer uma menção a ele, foi o restaurador da Fundação José Augusto, Hélio de Oliveira. Ele tinha autorização da Fundação para dar essa assistência.

**Preá** - Quais os trabalhos mais importantes que o laboratório executou no período em que o senhor esteve lá?

**Cláudio Galvão** - O laboratório nunca teve um funcionário próprio, funcionava com bolsistas do curso de História. Por sorte, eu encontrei moças que tinham experiência nisso e que começaram a trabalhar lá. Elas ganhavam muito pouco e não tinham obrigação de dar mais do que meio expediente. Para dar conta de um trabalho de restauro de que necessita o Instituto Histórico e Arquivo de Estado, aquele laboratório precisava trabalhar de manhã, de tarde e de noite, com dez vezes mais recursos humanos do que a gente tinha. Então, fizemos pouco, mas fizemos alguma coisa. O trabalho de restauração é muito lento, é praticamente todo manual.

**Preá** - Você chegou a fazer sugestões junto à UFRN para conseguir melhores condições de funcionamento para o Laboratório?

**Cláudio Galvão** - Muitas, muitas vezes. Mas isso era visto como uma coisa de terceira necessidade. Em tempos de pouco dinheiro, coisas culturais sempre são deixadas em último plano. Vou lhe dar um exemplo: eu saí do Laboratório em 1998, trabalhei ali dez anos de graça, nunca ganhei absolutamente nada, fazia só pelo gosto de fazer. Empreguei o meu tempo livre nesse trabalho. Eu ainda estava lá, quando o Departamento de Pessoal da UFRN me pediu para definir as funções de um restaurador, porque iria haver concurso para restaurador. Somente recentemente o concurso foi realizado e a pessoa aprovada foi uma moça que tinha trabalhado comigo naquele tempo lá. O Laboratório da UFRN hoje tem dois funcionários, uma moça que está à disposição e essa que foi nomeada agora porque fez concurso. Desde aquele tempo que a gente vinha batalhando por isso. Saiu agora! É uma coisa incrível. Depois tem a questão da falta de verbas. O Laboratório teve um pique grande aí por volta de 96, 97, quando a FUNPEC {Fundação de Pesquisa da UFRN}, por iniciativa do professor Alberto Cortez, me conseguiu uma verba, como se eu fosse um pesquisador de lá, cerca de 2 mil reais por mês, depois caiu para mil reais e a gente ficou durante uns seis meses recebendo mil reais. Com essa verba compramos muita coisa, importamos material, papel japonês, compramos material nos Estados Unidos. O Laboratório ficou muito bem equipado.

**Preá** - Qual é a situação dos nossos documentos e jornais antigos?

**Cláudio Galvão** - No tempo em que passei no Laboratório, foram feitas várias restaurações em jornais antigos, principalmente na coleção do jornal "A República", que é o mais importante como fonte de informação histórica. Fizemos restauração dessa coleção desde o número um, de 1889. Os primeiros volumes da coleção foram restaurados e devolvidos para uso dos pesquisadores do Instituto Histórico. A partir do momento em que saí do Laboratório esse trabalho praticamente parou. Muitos outros jornais antigos hoje não podem ser consultados porque estão em estado precário. Muitos estão rasgados, as páginas misturadas. Quando, no futuro, se for fazer uma restauração - espero que não esteja muito distante - isso dará um trabalho terrível. Não só o Instituto Histórico, que é o maior acervo de documentos históricos, como também o Arquivo Público, que herdou o acervo do jornal "A República", que tinha um arquivo muito bem cuidado. Depois que um funcionário que cuidava disso foi aposentado, os jornais ficaram lá relegados. Tanto que a direção da CERN {Companhia Editora do RN} mandou tudo para o Arquivo. Mas, a grande maioria destes jornais, hoje você não pode sequer pegar, você lê com a dificuldade maior do mundo. Eu tive a caduquice de ler há uns vinte anos, todos os jornais dos anos 1800, li "A República" do número um, publicado em 1889, até 1952. Li o Diário do Natal, de 1895 até 1912. Tudo isso está lido e anotado e arquivado em computador.

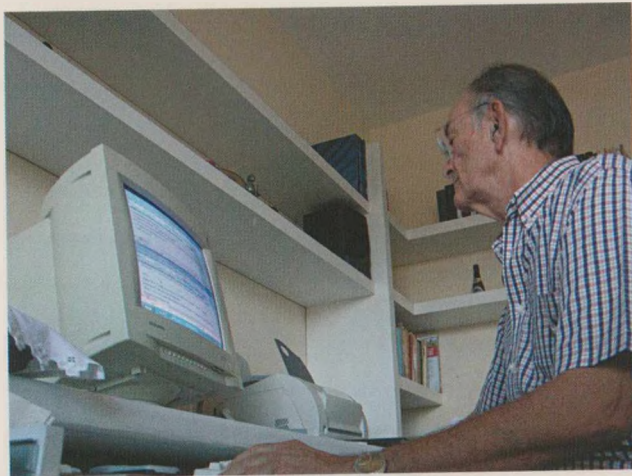
**Preá** - Como está o livro que o senhor está escrevendo sobre o Teatro Alberto Maranhão, que este ano completa 100 anos?

**Cláudio Galvão** - Recebi o convite como um desafio. E quando eu sou desafiado, em geral eu parto para a briga {risos}. O prazo era curto para entregar o trabalho e eu só aceitei porque já tinha lido todos os jornais do século passado. Então, eu tinha todas essas notícias do Teatro no meu banco de dados, no computador. Mesmo assim eu tive de organizar um grupo para a gente pesquisar de 1952 até 2004. Esses últimos 50 anos não estavam ainda pesquisados. Tivemos de recorrer ao arquivo do Teatro, que não é um arquivo cem por cento, o pessoal lá tem o maior cuidado com ele, mas é um arquivo que hoje precisa de um trabalho de restauração, de organização, porque tem coisas preciosas ali. Para conseguir as informações destes últimos 50 anos, recorreremos ao "Diário de Natal" e "Tribuna do Norte". Eu já estou concluindo esse livro, falta pouca coisa.

**Preá** - Quando é que o senhor descobre esse seu lado de escritor?

**Cláudio Galvão** - Eu tinha sido chefe do Departamento de Arte da UFRN e para isso eu viajei diversas vezes ao Rio de Janeiro para contatos com a FUNARTE. Tempos depois de ter saído do Departamento, vou ao Rio de Janeiro e faço uma visita à FUNARTE. Uma das pessoas que me conhecia daquele tempo, perguntou pelo compositor Oswaldo de Souza. Eu disse que ele morava em Natal. Ela ficou surpresa em saber que Oswaldo estava vivo, pois pensava que ele tinha morrido há muito tempo. Eu então confirmei que ele estava vivo, morava na Rua do Motor, próximo à Praia. Ela me pergunta, em seguida, se eu não toparia escrever a biografia dele. É que a FUNARTE estava publicando biografias de grandes compositores brasileiros. Eu





disse que topava. Quando retornei a Natal procurei Oswald. Eu conheci Oswald antes. Ele tinha uma coleção enorme de arte popular, que foi vendida à Universidade, no tempo do Reitor Domingos Gomes de Lima e eu fui o encarregado de catalogar as peças. Procurei Oswald e falei do interesse da FUNARTE em fazer a biografia dele. Ele concordou e a gente começou a se reunir. Toda semana eu ia lá, ele me dava informações, eu escrevia, lia para ele, que fazia as correções. Fizemos, então, uma boa amizade. Terminado o trabalho, mandamos para a FUNARTE, a coisa demorou um pouco até que saiu. Em 1988 foi lançado esse livro no auditório da Fundação José Augusto, meu primeiro livro, que eu intitulei "Oswaldo de Souza - o canto do Nordeste", com prefácio de Cascudo e parodiando o título de um livro que foi publicado no Pará sobre o compositor Waldemar Henrique: "Waldemar Henrique - o canto da Amazônia".

**Preá** - E como surgiu o interesse pela modinha?

**Cláudio Galvão** - Nesse tempo eu já estava fazendo pesquisas sobre a modinha. Quando eu comecei a pesquisar a modinha eu pensava em recolher aí uma meia dúzia de modinhas, para fazer um registro, tirar umas cópias e dar para algumas bibliotecas. Mas começou a aparecer tanta coisa, que eu vi que daria um livro. Quando iniciei esse livro não havia ainda programa de computador para digitar música, então tinha de ser tudo na base da cópia manuscrita. As dificuldades foram muitas. Disseram-me que havia máquinas de datilografia, no Rio de Janeiro, que escreviam música. Eu cheguei a receber uma prova feita numa dessas máquinas, mas custava muito caro e eu não tinha como pagar. Em uma viagem à Europa,

informaram que isso estava sendo feito por computador. Tive que adquirir um computador, recebi um programa da Alemanha - acho que foi o primeiro deles a chegar a Natal - e comecei. Era um programa fraquinho, o que se escrevia não se ouvia. Pouco tempo depois, apareceu o Windows. O surgimento do Windows modificou tudo, porque aí você tinha uns programas bem mais eficientes, que são usados até hoje. Com ele fiz toda a editoração das partituras.

**Preá** - Você considera esse livro sobre a modinha o seu livro mais importante?

**Cláudio Galvão** - Eu acho esse livro importante por um detalhe muito especial: é que as fontes, as pessoas que me possibilitaram colher aquelas modinhas morreram todas. Aquelas melodias não estavam escritas. Eu recolhi essas músicas usando um gravador e as pessoas idosas cantando para mim. Quando eu chegava em casa ia ouvir, pegava o violão e ia escrevendo a música. Então, eu escrevi tudo dessa maneira. Se eu fosse começar a escrever esse livro hoje eu não fazia nem um terço, porque todas aquelas pessoas faleceram. Como também no ano em que comecei, se eu tivesse começado dez anos antes, teria encontrado mais coisas.

**Preá** - Como o senhor chegou ao padre Jan Wisniewski?

**Cláudio Galvão** - O padre Jan Wisniewski vivia em Natal e eu não conhecia a história dele. Eu tinha amizade com uma família que ele frequentava, que era a família do poeta Segundo Wanderley. Eu tinha muita amizade com uma filha dele, Consuelo Wanderley, que foi minha fonte de informação durante muito tempo. Eu visitava muito Consuelo e fiquei sabendo que aquele padre, que ia lá sempre, tinha sido prisioneiro em um campo de concentração nazista. Um dia eu percebi a importância que aquilo tinha. Aí pergunto a ele se gostaria de gravar uma entrevista sobre o assunto. Ele concordou. Marcamos alguns encontros e ele começou a contar sua vida. Foi então que eu me dei conta de que aquilo era um filme, um romance. Era algo que parecia ter sido criado, inventado e não ter acontecido. Percebi que o material daria um livro muito bom. Acontece que o padre morreu pouco tempo depois. Aí, quando ele faleceu, comecei a trabalhar e em 1991, em viagem à Europa, fui ao local onde ele esteve

preso, no campo de concentração de Dachau, fiz fotografias de muita coisa, como os alojamentos, o forno de incineração de cadáveres, que o padre Jan foi obrigado a construir. Esse livro eu ofereci a dezenas de editoras católicas, por se tratar da história de um padre, mas nenhuma se interessou. Até que, não sei como, me aparece o nome da Editora da Universidade do Sagrado Coração, de Bauru, SP. Mandei o texto e em menos de um mês estava aprovada a edição.

**Preá** - Como foi a sua passagem pelo Departamento de Arte da UFRN?

**Cláudio Galvão** - Em 1974 eu saí da Secretaria de Educação do Estado e fui convidado pelo professor Cláudio Emerenciano, que era Pró-Reitor de Extensão para ser Pró-Reitor Substituto. No Estado, eu trabalhava também no Conselho de Educação. Eu era Assessor Técnico do Conselho de Educação e fui Conselheiro Suplente, assumindo como Titular, algumas vezes. Devido a esse cargo de Assessor, eu estava sempre em dia com as leis, as normas do Ministério da Educação. E tinha saído novas normas aprovando os cursos de Educação Artística. Aí me deu aquele estalo, porque na UFRN, estava-se querendo transformar a Escola de Música num curso superior e isso jamais seria possível porque os professores de lá não tinham os requisitos que o Ministério exigia. A coisa só poderia ser através de um curso como esse de Educação Artística. Então, pedi uma audiência ao Reitor Domingos Gomes de Lima, que aprovou a idéia e nomeou uma comissão, tendo eu como presidente. Montamos o currículo e o curso de Educação Artística começou a funcionar em 1975. Assumi a coordenação do curso e depois a chefia do Departamento. Indo a Brasília, procurei a professora Terezinha Rosa Cruz, que era Conselheira do Conselho Federal de Educação, que havia sido a relatora do projeto de implantação dos cursos de Educação Artística. Falei a ela sobre o trabalho que vínhamos fazendo para implantar o curso de Educação Artística, que oferecia Desenho, Artes Cênicas e Música, só faltava Artes Plásticas, e que eu estava indo a Brasília para colher informações. Ela então me informou

que éramos os primeiros no Brasil a implantá-lo: "Só existe um curso de Educação Artística antes do de vocês: é um curso de uma faculdade de freiras, no interior de São Paulo, mas é um curso de curta duração. O curso completo, o primeiro é o de vocês. A gente vai querer aprender com vocês".

**Preá** - Uma das realizações do Departamento foi a criação de um centro de instrumentistas na Cidade da Esperança. Como isso ocorreu?

**Cláudio Galvão** - Essa foi uma grande realização do Departamento de Arte. Instalamos o Centro de Formação de Instrumentistas Infanto-Juvenis na Cidade da Esperança, com apoio da Secretaria de Bem Estar Social estadual, que tinha como secretário o professor Otomar Lopes Cardoso. Implantamos ali como se fosse uma mini-escola de música, com processos mais modernos e rápidos no ensino dos instrumentos. Não estávamos interessados em formar grandes concertistas, mas formar o músico médio, para as orquestras sinfônicas e bandas de música. Foi um sucesso espetacular. A FUNARTE doou violinos e violoncelos. Os professores, alguns estrangeiros doutores em música, se entusiasmaram com o projeto e com a musicalidade da garotada de lá. Todo mundo queria participar, dar aula lá. O Departamento de Arte tinha excelentes professores, mestres, doutores, que se integraram ao projeto.

**Preá** - Esse projeto durou muito tempo?



**Cláudio Galvão** - Durou até meados da década de 80. Quando eu saí, a Secretária do Bem Estar Social estadual, Wilma de Faria, deu apoio ao projeto. A universidade antes dava uma bolsa, mas depois cortou e a Secretaria passou a dar essa bolsa aos alunos. Havia sido formada uma orquestra de cordas, a Camerata Jovem, composta por alunos, que já tocava peças do repertório erudito internacional. Eu fiquei tão entusiasmado com o sucesso desse projeto, que cheguei a pensar em instalar um em cada bairro de Natal. Infelizmente eu tive de sair do Departamento, em 1981, e o projeto acabou sendo extinto.

**Cláudio Galvão** - Eu estou com o primeiro volume da "História da Música do Rio Grande do Norte", que vai de 1850 a 1950, quase pronto. O segundo volume, que pega de 1950 até os dias atuais, está em andamento. E um outro livro, que se chama "Música e Músicos do Rio Grande do Norte", que é uma seleção de verbetes com nomes de pessoas e instituições musicais desde os anos 1800, já tem mais de 700 verbetes. Esse eu parei, por conta dessas outras coisas, mas vou retomar, já que eu não posso fazer tudo de uma vez.

**Preá** - O senhor já sabe por onde vai editar esses livros?

**Cláudio Galvão** - Não. A biografia de Oriano de Almeida, que se chama "O Sonho era o Limite", está pronta, era para ter sido editada quando Oriano faria 80 anos, ou seja, no ano 2000. Oriano faleceu no ano passado e o livro não saiu por falta de editora ou financiamento. Para você publicar um livro tem de ter muito dinheiro, para fazer por conta própria. O livro sobre Tonheca Dantas, por exemplo, custou 3 mil reais: eu entrei com mil reais, a Prefeitura de Carnaúba dos Dantas entrou com mil e a Polícia Militar com outros mil. A tiragem foi dividida em três partes. Com a venda desse livro, deu para recuperar pelo menos o que gastei. ■



**Preá** - Você passou também pelo NAC, da UFRN?

**Cláudio Galvão** - Em 1980, o Reitor Domingos me chamou e disse que o Professor Antônio Soares de Araújo ia doar à UFRN sua coleção de autógrafos. Eu deveria elaborar a estrutura do Museu da Letra da UFRN para abrigá-la. Pensei bem e propus ao Reitor uma estrutura mais ampla, que pudesse cobrir uma deficiência que havia. Era que o Departamento de Arte tinha apenas dois componentes, o Chefe e uma secretária. As promoções, que eram muitas, eram feitas na raça, eu e o professor Laércio Marinho de Figueiredo distribuindo convites e pregando cartazes. O Núcleo de Arte e Cultura seria o executivo das promoções do Departamento, encarregado de cursos, exposições, concertos. Meu projeto foi aprovado e eu nomeado o primeiro Diretor. Foi então que o Reitor saiu e eu saí também. O NAC ficou.

**Preá** - Além desse livro sobre o Teatro Alberto Maranhão, o senhor está envolvido em algum outro projeto?



# PORTALEGRE

## Jardim dos cajus e borboletas

*Portalegre um paraíso  
Deste imenso céu azul  
Seus primeiros habitantes  
Foram os índios Paiacus*

*Portalegre uma relíquia  
Os jardins das borboletas  
Tudo aqui em nossa serra  
Tem encanto e tem beleza*

*Entre o Brejo e a Bica  
A Portalegre surgiu  
Uma cidade bacana  
De um povo varonil  
Que tem história  
E retrata como tudo aqui surgiu*

*O juiz que veio de Olinda  
Ao galgar a terra sorriu*

*Viu um panorama lindo  
E numa palavra resumiu  
Esse é um pedacinho do céu  
Que o criador construiu*

*Trecho da "Homenagem aos  
portugueses de Portalegre"  
(Raimundo Viana de Oliveira).*



## Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

Farinha com rapadura é um casamento perfeito para a gente do sertão. Portalegre, cidade serrana a 420 km de Natal, conserva os métodos tradicionais de preparo da farinha de mandioca e da rapadura de cana-de-açúcar. O município, fundado em 1740 pelos irmãos portugueses Carlos Vidal Borromeu e Clemente Gomes d'Amorim, herdou o nome da Portalegre portuguesa devido às semelhanças da paisagem serrana com a região do Alto Alentejo. A vila que deu origem a Portalegre foi instalada em 8 de dezembro de 1761 pelo juiz Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco, sendo elevada à categoria de município em 11 de abril de 1833.

Subir os 650 metros de altitude da serra de Portalegre já não exige o esforço dos desbravadores portugueses. Chegar ao alto da serra é constatar a abundância de cajueiros, principal fonte de renda da população, e poder apreciar a vista dos municípios vizinhos. O pôr-do-sol visto lá do alto é um deleite aos olhos e o clima ameno, principalmente nos meses de julho e agosto, convida os visitantes a saborear o queijo de coalho assado na chapa acompanhado de vinho.

O terminal turístico da bica, um parque com fonte de água mineral a 400 metros do centro, e o mirante Boa Vista são as principais atrações turísticas do município. A beleza das ingazeiras, timbaúbas, freijós e jatobás, em volta da bica, tornam o banho ainda mais bucólico. Portalegre tem também os sítios arqueológicos da Pedra do Leiteiro e Furna do Pelado, destinos bem procurados para quem gosta de fazer trilhas. O prédio da antiga cadeia pública, construção do século XVIII, deve abrigar mais uma Casa de Cultura Popular, projeto da Fundação José Augusto já presente em outros dez municípios.

A centenária dança de São Gonçalo, realizada no Sítio Pêga, continua resistindo. E, para o bem da cultura popular, surgem outras manifestações folclóricas. O Auto de Cantofa, apresentação teatral em homenagem à índia Luíza Cantofa e sua neta Jandí, é ensaiado desde março de 2004 pelos alunos da escola municipal Filomena Sampaio de Souza.

## Comunidade negra mantém farinhada



Já do lado de fora da casa de farinha do Rosário de Freitas, no Sítio Pêga, o visitante tem a impressão de ser transportado no tempo. O cenário nas terras do Pêga, a 7 km de Portalegre, no sentido do município de Francisco Dantas, remete ao período colonial. A comunidade negra, remanescente de quilombos, continua vivendo da agricultura de subsistência e os jumentos carregam caçuás feitos de couro de boi.

O início do sítio é demarcado por uma timbaúba frondosa e de tronco largo. A casa de farinha fica poucos metros depois da árvore ao lado de um curral com algumas cabeças de gado. A comunidade cria também bodes e porcos, mas nada representa melhor o lugar do que a chamada farinhada. O trabalho com a farinha envolve desde crianças até os mais velhos. As tarefas são divididas entre homens e mulheres.

“Não se vive isolado no Pêga. A coletividade e a ajuda mútua são suas marcas. Um filho ajuda no roçado da mãe; um sobrinho bate o arroz da tia; um vizinho empresta algo a outro; e nessas trocas os laços são criados e reafirmados”, explica a antropóloga Glória de Oliveira Morais, mestrandia em Ciências Sociais pela UFRN. A pesquisadora escreveu “Filhos da Terra”, um estudo etnográfico das formas de sociabilidade e trabalho no sítio Pêga. A pesquisa, concluída em 2002, faz parte do acervo da biblioteca municipal de Portalegre.

Dona Aldizes, 69 anos, toma conta do lugar e costuma receber os visitantes com um abraço e sorriso aberto. Conhecer Aldizes da Conceição Bessa e ouvir suas histórias já vale a visita. Saborear as tapiocas e beijos feitos no forno a lenha é só um complemento da boa acolhida do povo humilde e hospitaleiro do sítio Pêga. Aldizes comanda a farinhada e também é dançadeira de São Gonçalo.

A casa de farinha do Rosário é a única que continua em atividade. A feitura da farinha é quase toda artesanal. Somente a moagem da mandioca é feita num sevedor motorizado. "A farinhada é uma ocasião para reunir a família, reafirmar laços de parentesco, transmitir valores e crenças do grupo", destaca Glória.

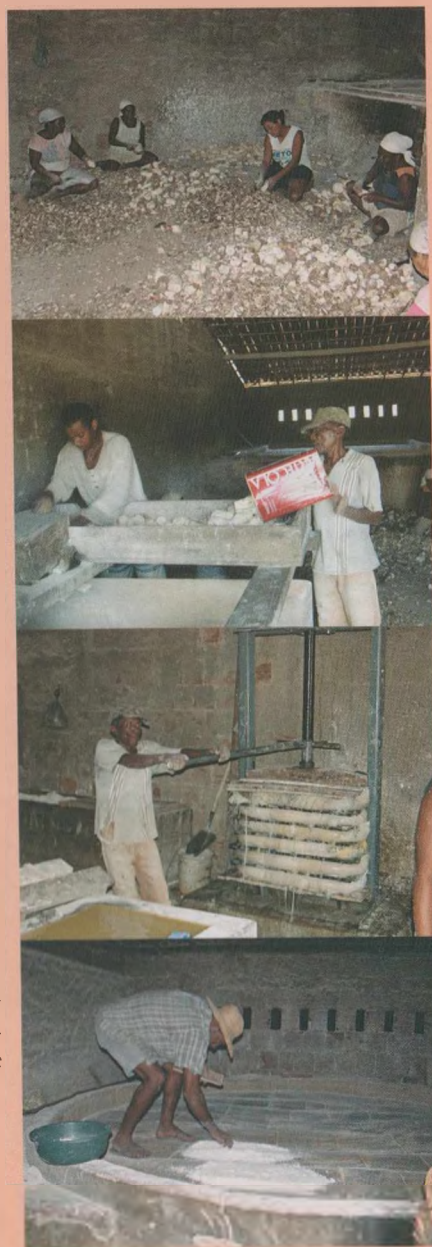
A primeira etapa é a arranca da mandioca na capoeira, roçado no qual são colhidas as raízes. Cada arranca enche dezesseis caçuás de mandioca. A carga é despejada na casa de farinha para "fazer véspera". É aí que começa o trabalho das capoteiras e tiradeiras de capote, mulheres encarregadas de raspar a raiz da mandioca. Cinco mulheres começam a descascar às 23 horas e passam a noite deixando a mandioca pronta para ser moída no sevedor.

O detalhe, neste trabalho de tirar o capote da mandioca, é que das cinco mulheres, três raspam pouco mais da metade da raiz e, as outras duas, complementam a raspagem tirando o capote. Depois de passar pelo triturador,

a massa da mandioca é colocada num tanque cheio de água. Começa, então, o trabalho das lavadeiras ou tiradeiras de goma, mulheres encarregadas de colocar a massa que estava no fundo do tanque numa peneira de tecido para escorrer. O líquido que a mandioca solta, impróprio para o consumo, é chamado de mandipueira. A goma ainda é colocada novamente em outro tanque e leva em torno de dez horas para assentar.

Para fazer a farinha, a goma fresca, retirada novamente do fundo do tanque, é colocada dentro de sacos de náilon e espremida manualmente na prensa pelos homens. Quando a mandipueira para de escorrer, a goma é peneirada numa peneira de ferro escorada sobre um baú de madeira. Finalmente, a farinha chega às mãos do forneiro, homem responsável em torrar a farinha sobre um grande forno a lenha circular feito de barro. O forneiro mexe a farinha com um rodo de madeira, num movimento contínuo de vai-e-vem. Cada porção colocada no forno leva de 20 a 25 minutos para torrar.

Depois de pronta, a farinha é colocada no resfriador, um quartinho nos fundos da casa de farinha. Cada arranca rende oito sacos de 50 kg. Para fazer o beiju, o forno é varrido com uma vassoura de palha e a goma fresca, já depois de ter secado no sol, é despejada em pequenas porções até ficar no ponto. A tapioca com ou sem coco também é preparada com maestria. É servida acompanhada de café e deixa sempre um gostinho de quero mais.



## Dois séculos da dança de São Gonçalo

A dança de São Gonçalo está presente, no Rio Grande do Norte, somente em São Miguel e Portalegre. A manifestação de origem portuguesa é feita no Sítio Pêga há aproximadamente dois séculos. Alice Maria da Conceição, 69 anos, uma das dançadeiras mais antigas, e o violeiro João Ribeiro de Bessa, o João Velho, ajudam a manter viva a tradição ensinando os mais jovens.

Alice lembra que sua avó, Maria Ricarte, já era dançadeira de São Gonçalo. O grupo festeja São Gonçalo no dia 24 de janeiro, mas ao longo do ano a dança é feita aos sábados em diversos municípios do oeste potiguar. "Já participamos de encontros de folclore em Natal e Mossoró".

O louvor feito no dia do santo é um dia inteiro de festa. "A gente começa ao meio dia, logo depois do almoço, convida o pessoal para assistir a dança e quem tem alguma promessa, naquele dia, a gente também pode pagar", explica Aldizes da Conceição.

A manifestação é também uma forma de pagar promessas feitas a São Gonçalo, santo conhecido por converter mulheres de vida promíscua através da dança. O pagador da promessa convida o tirador da dança para comandar as doze jornadas em homenagem ao santo. O grupo é formado por doze dançadeiras, um tocador de pandeiro e o tirador da dança ou violeiro. "De primeiro, era um bombo bem grande, hoje em dia é pandeiro", lembra Aldizes.

As doze dançadeiras, sempre vestidas de branco, formam duas filas e apresentam doze coreografias diferentes. A repetição constante dos atos em número de doze é uma referência aos apóstolos de Cristo. Os bailados chamados de Trancelim, Trancelim de Cruz, Trancelim de Quatro, Dança da Cobrinha e outros são executados de frente a um altar com a imagem de São Gonçalo. O canto é diferente do apresentado pelo grupo de São Miguel. "Quando termina toda a dança, a gente reza um terço em louvor a São Gonçalo. Depois, começam os comes e bebes".

*Sejam bem vindas companheiras  
Que já estão postos os dias  
Nós queremos dá início  
Esta nossa devoção*

*Em louvor de São Gonçalo!  
Também de Nossa Senhora!*

*Vamos embora meninas  
Ao canto da cachoeira  
Dançando com seus devotos  
Filhos da Virgem Maria*

*Esta vai por despedida  
Esta basta por agora...  
Valha-me meu São Gonçalo  
E também Nossa Senhora!*

O Sítio Pêga também mantém viva outra tradição religiosa. A antropóloga Glória Moraes, acostumada a passar temporadas no local e tida como uma filha por Aldizes da Conceição, destaca a queimação das flores durante as novenas

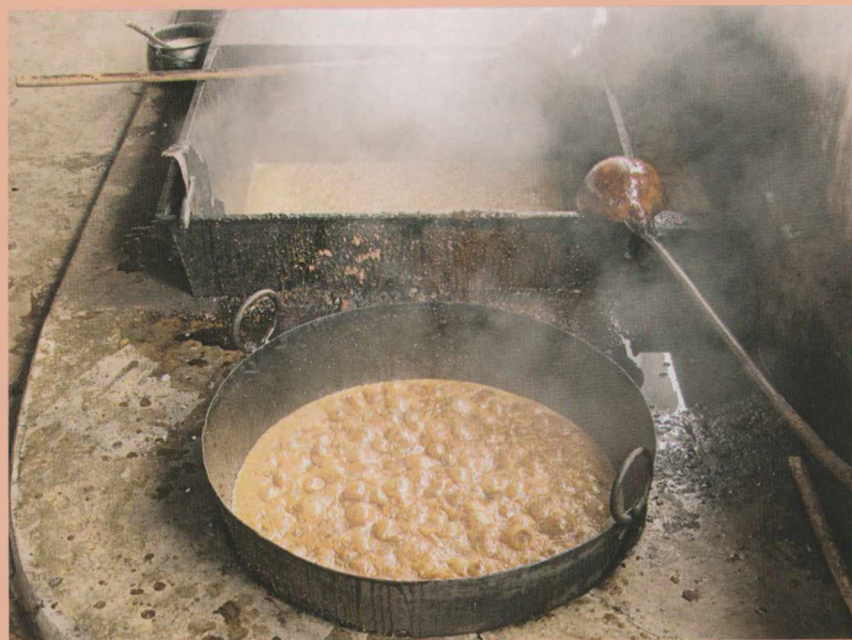
em louvor a Maria Santíssima, realizada sempre no mês de maio.

A queima das rosas é feita nas comunidades do Pêga e do Arrojado no dia 31 de maio. As rosas, guardadas nos caçuás, são jogadas pelos fiéis na fogueira. De acordo com a crença popular, o ato representa a queima dos pecados. Alaíde Maria da Conceição, 76 anos, dançadeira de São Gonçalo e uma das moradoras mais antigas do sítio, reza um bendito enquanto atira seu punhado de rosas na fogueira.

*Ó que cheiro, ó que delícia  
Nas brandas flores mimosas  
Que no santo mês de Maria  
Todas as flores são rosas  
Ó que cheiro, ó que delícia  
Nas brandas flores mimosas  
O povo trabalha com alegria  
Prefere alegre o trabalho  
No santo mês de Maria  
No céu houve grande festa  
Belos cordeiros saltando  
A terra toda sorria  
E os passarinhos cantando  
Adeus santo mês mariano  
Ele já vai terminando  
Maria nos dê sua graça  
P'ra nós festejarmos o ano*

Dona Alaíde é casada com Manoel Joaquim da Silva, o Calixto, 89 anos. O casal, muito querido por todos dos sítios Arrojado e Pêga, mora numa casa de taipa construída por Calixto. "Minha satisfação é o trabalho. Quando nasci, não tinha estudo".





A garapa continua sendo mexida no tacho de ferro até ficar na consistência ideal. É do tacho que sai o melaço para fazer o alfenim. Para fabricar as rapaduras, o caldo grosso é despejado nas gamelas de madeira e, finalmente, enche as formas de madeira retangulares. Depois de esfriar, as rapaduras são retiradas e depositadas num quartinho anexo. Tudo feito conforme “seu” Evangelista aprendeu quando era menino.



## Engenho faz alfenins artesanais

Quem já comeu alfenim feito na hora? Todo final de tarde é de festa para os meninos do sítio Jenipapeiro, zona rural a 6 km do centro de Portalegre. As crianças correm até o engenho de cana do Jenipapeiro, em frente à igreja de Nossa Senhora de Fátima, para saborear o alfenim feito artesanalmente. O engenho fabrica também mel de engenho e duas mil rapaduras por dia.

Segundo Luís da Câmara Cascudo, o alfenim, que o povo também chama alfeninho, é de origem árabe (al-fanid). O alfenim de Portalegre é bastante original. O melaço da cana, já depois de engrossar, é enrolado no talo da cana-de-açúcar e balançado no vento até esfriar um pouco. O artesão, então, dá a liga com as mãos e faz o alfenim em formato de laços. O doce, quando está sendo puxado com as mãos para ficar mais uniforme, tem cor dourada.

O escritor pernambucano Mario Sette, autor de “Senhora de Engenho”, definiu o alfenim como um “confeito alvíssimo, sólido mas delicado e quebradiço, muito agradável ao paladar, preparado com

melado, que se deixa ao fogo até atingir um ponto especial, quando, então, se retira a massa do fogo, estendendo-a sobre um mármore ou qualquer outra superfície fria. Depois de parcialmente esfriada, puxa-se a massa com as mãos polvilhadas de goma até alvejar, e solidificar, podendo-se, antes, dar-lhe as mais variadas formas”.

A cana utilizada no engenho Jenipapeiro vem do canavial da Boca da Pedra. O trabalho intenso começa às quatro da manhã e vai até o final da tarde. Evangelista Albino Lopes, 52 anos, trabalha “desde novo” no engenho. Para ele, que aprendeu o ofício com o pai Momélio Lopes, o calor intenso do lugar não é motivo para deixar de trabalhar.

O engenho tem dois pisos. Na parte superior, a cana é moída no triturador motorizado e, na parte mais baixa, o parol recebe o caldo saído da moenda. O caldo de cana é despejado em seis caldeiras enfileiradas. Os caldeireiros mexem o caldo com cabaças de cuia até o líquido ficar no ponto de ir para um tacho de ferro.

## Dona Almira reza gente e bicho



Quem entra na casa de Almira Maria de Souza, 76 anos, vê logo um quadro na sala com os dizeres “ao entrar nesta casa Deus te abençoe, ao sair Deus te acompanhe”. Os mais atentos podem notar um copo cheio d’água com duas sementes de mucunã sobre o armário da sala. As sementes, também conhecidas como olho de boi, são utilizadas como amuleto contra o mau olhado.

Almira faz rezas desde que o marido Joaquim Pedro da Silva “sentiu uma fraqueza muito grande há mais de vinte anos”. A rezadeira diz ser filha de “um povo curador”. Maria Firmino, avó de Almira, e a bisavó também faziam rezas. “Eu dizia que não queria esta seita”, comenta. “Minha avó dizia que eu era uma menina de mão direita, de sorte. Aí passou muito tempo, meu marido adoeceu e comecei a fazer orações. Botava as mãos para cima e clamava a Deus e à Nossa Senhora”.

Segundo conta, depois de presenciar a recuperação do marido, passou a acreditar no poder da oração e atender aos pedidos por rezas. “Joaquim, meu marido, vive

bem há mais de vinte anos. Tudo que eu faço dá positivo. Primeiro vem Jesus, e na minha devoção é São Francisco e Nossa Senhora da Conceição”, diz, enquanto mostra uma imagem representando a Santíssima Trindade na mesinha de madeira da sala decorada com flores de plástico e duas velas acesas.

A rezadeira lembra ainda da devoção por Santa Rosa e comenta o hábito de fazer as orações enquanto segura ramalhetes de flores. “Uso sempre rosas brancas e roupas brancas ou marrom. Não gosto de vestido florido”. Com o braço direito estendido, Almira toca a cabeça do fiel e faz o sinal da cruz. As rosas que utiliza são cultivadas no quintal da casa.

As rezas são iniciadas com o Credo. Depois, Almira reza três Pai Nossos, três Ave Marias e termina a bênção com um Salve Rainha. A população de Portalegre procura sempre a ajuda de Almira e também leva animais para serem rezados. “Rezo tudo, gatinho, cachorro, porco...”.



### Um sanfoneiro danado de bom

Augusto Calixto Sobrinho, 61 anos, o Dó, cresceu “levando peia” do pai por insistir em mexer no fole sem autorização. O pai, Tertuliano do Nascimento, tocava fole nas antigas valsas do sítio Engenho Novo, “no tempo humilde”, em que, como Dó descreve, “só tinha um ferro de engomar à brasa pras casas tudinho”.

“Meu pai dizia – ‘moleque sem vergonha, quem buliu no fole? Se pegar desafina!’, aí haja peia no moleque”. Dó acha que a teimosia valeu à pena e as palmadas do pai são boas lembranças na memória. “Hoje em dia é difícil vê alguém tocando fole, só tocam sanfona”.

Nascido e criado no Engenho Novo, “seu” Dó como é mais conhecido, toca sua sanfona de oitenta baixos acompanhado de triângulo, tambor e pandeiro. O instrumento é todo enfeitado com adesivos do Corinthians paulista. A outra paixão de Dó é a esposa Francisca Neide Silva, que aprendeu a tocar pandeiro para acompanhar o marido no quarteto de forró.

O sanfoneiro também trabalha na agricultura. Todos os dias caminha oito quilômetros do sítio até a cidade. Baixinho e entroncado, é fácil conhecê-lo de longe vindo na estrada de barro. Dó está sempre animado e pronto para atender os pedidos por um forró pé de serra. “O problema do instrumento é ter aquela vontade de caprichar. Quando as pessoas vêm de fora, aí chamam Dozinho para tocar. Qualquer dia, tô pronto”.

Dó só não gosta mesmo é de ter de tocar músicas modernas. O sanfoneiro diz que o autêntico forró é representado por Luís Gonzaga, Dominguinhas e outros músicos mais antigos. “Gosto dessas musiquinhas mais velhas. Quando chego num forró que tá tocando essas músicas de hoje eu fico acuado”.



### Igreja luta para manter banda

A fundação da banda de música Nossa Senhora da Conceição, em 1989, marcou a transformação das festas populares e religiosas de Portalegre. O município ganhou sua própria bandinha e os habitantes a oportunidade de tocar um instrumento musical. “Durante muitos anos quem vinha animar as festas populares da cidade era a orquestra de Martins”, lembra Raimundo Nonato Viana de Oliveira, coordenador da banda de música.

A banda, fundada pelo padre Dário Torbolli, natural de Trento na Itália, e há 29 anos responsável pela paróquia de Portalegre, no entanto, luta para sobreviver. “Os recursos com os quais a bandinha vem sendo mantida são exclusivamente da Paróquia e, mais especificamente, do esforço do padre Dário”, salienta Raimundo.

Os instrumentos foram doados por parentes e amigos do pároco e, apesar do desgaste dos mais de 15 anos de uso, continuam sendo utilizados. Alguns estão quebrados e encostados num depósito. “Só temos quinze componentes por falta de instrumentos. Se tivéssemos 40 instrumentos, seriam quarenta músicos”, comenta o maestro José Franciberg da Silva, 35 anos.

O regente, natural de Umarizal, fez cursos de regência e orquestração nos seminários de música oferecidos pela Fundação José Augusto. Os músicos têm aulas de música aos sábados e domingos pela manhã no salão paroquial. O padre Dário sonha transformar o espaço utilizado para os ensaios da banda numa escola de música com estrutura para receber as crianças do município. “Não falta interesse dos jovens em aprender”, destaca o maestro.

Auto conta a vida da índia Cantofa



Os índios tapuias, primeiros habitantes de Portalegre, revoltaram-se entre as décadas de 1680 e 1720, quando os criadores de gado puseram currais nas suas terras. A paz, segundo contam, só voltou quando lhes deram terras para viverem. Alguns anos depois teria vivido a índia Luiza Cantofa, conhecida em sua época por ser feiticeira. A vida da índia e os confrontos entre os tapuias e os fazendeiros são retratados no "Auto de Cantofa", peça teatral baseada em texto do cordelista e professor Aucides Sales. O poeta escreveu em versos a lenda de Cantofa e Jandí em 2000.

*Ao povo peço licença  
À musa inspiração  
Mode eu cantar um drama  
Vivido neste sertão  
Da índia que apunhalaram  
Em riba do coração*

*Seu nome era Cantofa  
Tinha uma neta, Jandí  
Era uma menina fêmea  
Bonita como Araci  
A estrela da manhã  
Tapuias do Apodi*

Segundo a lenda, a índia Luiza Cantofa teria sido assassinada em 1825, na presença de sua neta Jandí, próximo ao olho d'água da Bica, enquanto rezava o Ofício de Nossa Senhora. A cova da índia, local onde teria sido enterrada Cantofa, pode ser visitada percorrendo uma trilha a partir do terminal turístico da Bica. O pedaço de terra da sepultura não possui vegetação. Os nativos acreditam que as plantas não brotam no local porque ali foi enterrada a índia feiticeira.

Os estudantes da escola municipal Filomena Sampaio de Souza, responsáveis pela apresentação, gostaram da oportunidade de aprender um pouco sobre a história de Portalegre enquanto praticam o teatro. Daniel Souza Oliveira, 16 anos, lembra que o grupo de teatro já existia, "mas não havia a preocupação de resgatar a cultura local". A peça envolve vinte alunos e conta também com a participação do coral da escola cantando os versos do cordel "Cantofa e Jandí". A lenda da índia tapuia foi encenada para

os portugueses de Portalegre, em recente visita feita aos potiguares, e durante a Festa de Nossa Senhora da Conceição, no final de novembro.

Antônia Lúcia Vaz Soares, diretora da escola, destaca que "os alunos se integram mais e tem mais compromisso quando participam de atividades culturais". A professora acredita que o grupo de teatro tem contribuído para melhorar a auto-estima dos alunos. Os alunos da escola também organizam a quadrilha "Alegria da Serra", um dos destaques da programação do tradicional São João Alegre.



Babau pinta as paisagens locais

O estudante Marcos Luiz Soares de Oliveira, 21 anos, mais conhecido como Babau, está começando nas artes plásticas. Ele aprendeu a pintar com o irmão Sandro Oliveira há 7 anos. O ateliê, na própria casa do pintor, abriga as pinturas com paisagens do município. "Já pinte a antiga bica e fiz também uma tela retratando a bica atual", diz, lembrando que a tela mais recente foi comprada pelo grupo de portugueses que visitou Portalegre.

O irmão de Marcos foi morar em São Paulo, mas o pintor pensa em continuar residindo em Portalegre. O artista plástico já expôs suas telas nas escolas do município e pretende começar a ensinar aos colegas. "Quero fazer um grupo de artesanato".

# PS.

Uma edição, em parte, sob o signo do natal. Começando pela capa, com a ilustração de Dorian Gray Caldas para o texto "O natal antigo", do poeta Gothardo Netto, publicado em 1916, na revista Rapa Coco e que descobri por acaso. Estava procurando um texto que falasse sobre a cidade do Natal. Consultei Abimael Silva, do Sebo Vermelho, que colocou a minha disposição uma reunião de textos fantásticos sobre a cidade, que ele pretende transformar em livro. No meio deles, estava o do poeta potiguar. Quando bati o olho em cima, pensei logo na Preá. Algumas coisas me encantaram no texto, entre elas, a nostalgia do poeta, ao falar do natal dos tempos antigos, reclamando que a "modernidade" tinha deturpado o sentido da mais tradicional festa cristã e o uso de uma ortografia que não se usa mais. Achei esse detalhe legal para mostrar às novas gerações como se escrevia antigamente. Também sob espírito natalino são os contos de Chico Preá e de Nelson Patriota, que contam com ilustrações de dois jovens artistas plásticos, Flávio Freitas e Jean Sartief, que fazem suas estréias na revista.

Esta edição chega às mãos dos leitores com quatro páginas a mais e algumas mudanças gráficas, sugeridas por nosso diagramador, Lúcio Masaaki. O objetivo é oferecer mais conteúdo, mas sem abrir mão da beleza visual.

Fechamos o ano com cinco edições da Preá, como havíamos programado, uma a mais do que em 2003. Agora, é pensar em 2005, quando enfrentaremos o desafio de fazer a revista circular bimestralmente.

O conto "Os homens na calçada" é do jovem poeta Théo G. Alves, que reside em Currais Novos, cidade com um efervescente e consistente movimento literário. Théo Alves ([www.octenario.blogspot.com.br](http://www.octenario.blogspot.com.br)) lançou no início deste ano, numa edição artesanal, o seu primeiro livro de poesias, chamado "Loa de Pedra". De Currais Novos é também Iara Maria Carvalho, a segunda colocada no Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães 2004 e seu marido, Paulo Gomes da Silva, que ficou com menção honrosa.

Os vencedores do Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães 2004, da Fundação José Augusto, foram os seguintes poetas: 1º lugar: Lívio Alves Araújo; 2º lugar: Anchella Monte Fernandes; 3º lugar: Iara Maria Carvalho. Receberam menções honrosas: Alexandre Magnus Abrantes, Daniel Munchoni, Eli Celso de Araújo, Jean Sartief, Jeovânia do Nascimento, José Antoniel Campos, Kalliane Sibelli de Amorim, Márcio Rodrigo Xavier, Paulo André Benz, Paulo Gomes da Silva, Ruben G. Nunes e Vera Lourdes da Rocha. Lívio Alves é autor do livro de poemas "O colecionador de horas" (2002) e lançará em breve "Telha crua". Anchella Monte escreveu "A trama da aranha" (2001) e está para lançar "Temas roubados".

Nesta edição estamos cumprindo também um compromisso público, que é editar os poemas do vencedor do Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães, edição 2003, João Andrade. Este é mais um incentivo que a FJA oferece aos poetas que participam do concurso.

Muito boa a seleção de filmes do Festnatal. Vi e gostei de "As filhas do Vento", "Contra Todos", "Lost Zweig" e "Onde Anda Você". Sem ser no Festival, assisti o excelente "Lavoura Arcaica". Fiquem de olho, porque todos deverão chegar nas locadoras. Infelizmente, não vi os documentários, por conta dos horários, mas a seleção também foi a mais feliz possível.

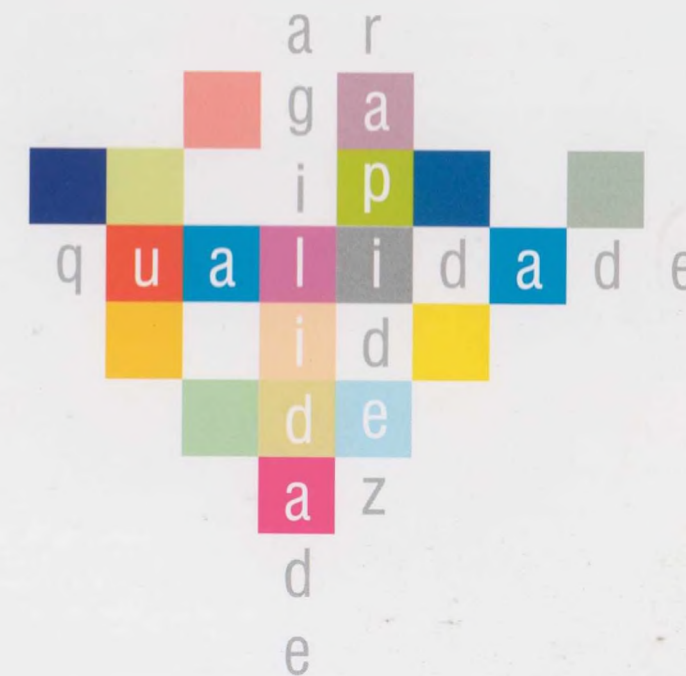
Uma delícia o livro "Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata - Centro convergente e irradiador da vida natalense", que reúne reportagens escritas por Djalma Maranhão (organizadas por Cláudio Galvão), publicadas no Diário de Natal em 1949.

A Academia Norte-rio-grandense de Letras precisa tornar menos maçantes as cerimônias de posse; adotar critérios mais literários e menos sociais e pessoais para ingresso na instituição; e arranjar uma maneira de prestar algum serviço ou mesmo se aproximar da coletividade da qual faz parte. Fiquei com isso na cabeça depois de ir a posse do grande poeta Paulo de Tarso Correia de Melo e tomar conhecimento do veto, dissimulado, que existe contra a candidatura de Cláudio Galvão. Alguma coisa está errada, para dizer o mínimo, quando uma Academia de Letras se dá ao luxo de dispensar escritores do porte de Cláudio e Nei Leandro. Felizmente, outras pessoas também estão refletindo sobre questões como essa. No discurso de saudação ao novo imortal, Manoel Onofre Júnior defendeu que a Academia passe a eger pessoas que de fato tenham alguma coisa a ver com a Literatura. A duração das cerimônias de posse, com aqueles discursos longuíssimos é outro ponto que precisa ser avaliado. Só agüenta a cerimônia quem tem muita paciência e saúde de ferro. Na posse de Paulo de Tarso, uma senhora passou mal e foi ao chão. Diabética, começou a sentir sede e quando quis levantar-se da cadeira para ir atrás de água caiu e por pouco não estraga a festa do novo imortal. O presidente da ANL, poeta Diógenes da Cunha Lima, pode muito bem marcar o início do seu vigésimo ano à frente da instituição comandando essas mudanças. Competência não lhe falta.

Até a próxima!



*Tacito Costa*



## Qualidade

Informação de qualidade  
requer qualidade na impressão

[www.mouraramos.com.br](http://www.mouraramos.com.br)

João Pessoa/PB: (83) 221 6587  
Natal/RN: (84) 202 3851  
Recife/PE: (81) 3242 5117  
Maceió/AL: (82) 337 5290

[grafica.pb@mouraramos.com.br](mailto:grafica.pb@mouraramos.com.br)  
[grafica.m@mouraramos.com.br](mailto:grafica.m@mouraramos.com.br)  
[grafica.pe@mouraramos.com.br](mailto:grafica.pe@mouraramos.com.br)  
[grafica.al@mouraramos.com.br](mailto:grafica.al@mouraramos.com.br)





## O GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE, ATRAVÉS DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO, TEM UMA POLÍTICA CLARA DE INVESTIMENTO NA CULTURA. E TEM BONS RESULTADOS PARA MOSTRAR.

- Em menos de dois anos de Governo já foram instaladas onze Casas de Cultura Popular em várias regiões do Estado
- Edição bimestral da revista Preá, o mais completo veículo de cultura da história do Rio Grande do Norte
- Restauração e adequação do Palácio Potengi da Cultura, para abrigar a Pinacoteca do Estado
- Edição dos livros “20 Poetas Novos”, “História do Teatro Alberto Maranhão”, “História da Fundação José Augusto”, e coedição em várias publicações, como o “Dicionário Crítico Câmara Cascudo”
- Realização do Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães, premiando os poetas em dinheiro e com a publicação de um livro
- Democratização e interiorização das ações da FJA, com a máxima participação possível dos artistas; Criação do site da Fundação José Augusto ([www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br))
- Estímulo a eventos culturais no Estado e fora dele, como apresentações da EDTAM, do “Presente de Natal” e de artistas e grupos artísticos
- Restauração da passarela do Forte dos Reis Magos, do Memorial Câmara Cascudo e do Centro Experimental de Teatro
- O Teatro Alberto Maranhão, no ano do seu centenário, passou por sua mais completa restauração dos últimos 60 anos
- Restauração do teatro de Caicó e do Museu Capitão Anta, em Pedro Avelino
- Ampliação das apresentações do espetáculo “Um Presente de Natal”; Excursão da Orquestra Sinfônica, pela primeira vez, ao interior do Estado; Criação do projeto “Ribeira das Artes”
- Recuperação do prédio da Fundação José Augusto, com a criação de novas galerias, espaços culturais e auditório; Restauração e revitalização da Cidade da Criança



**GOVERNO DE TODOS**

Trabalhando pra valer